

COOJORNAL

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE



COLLARES

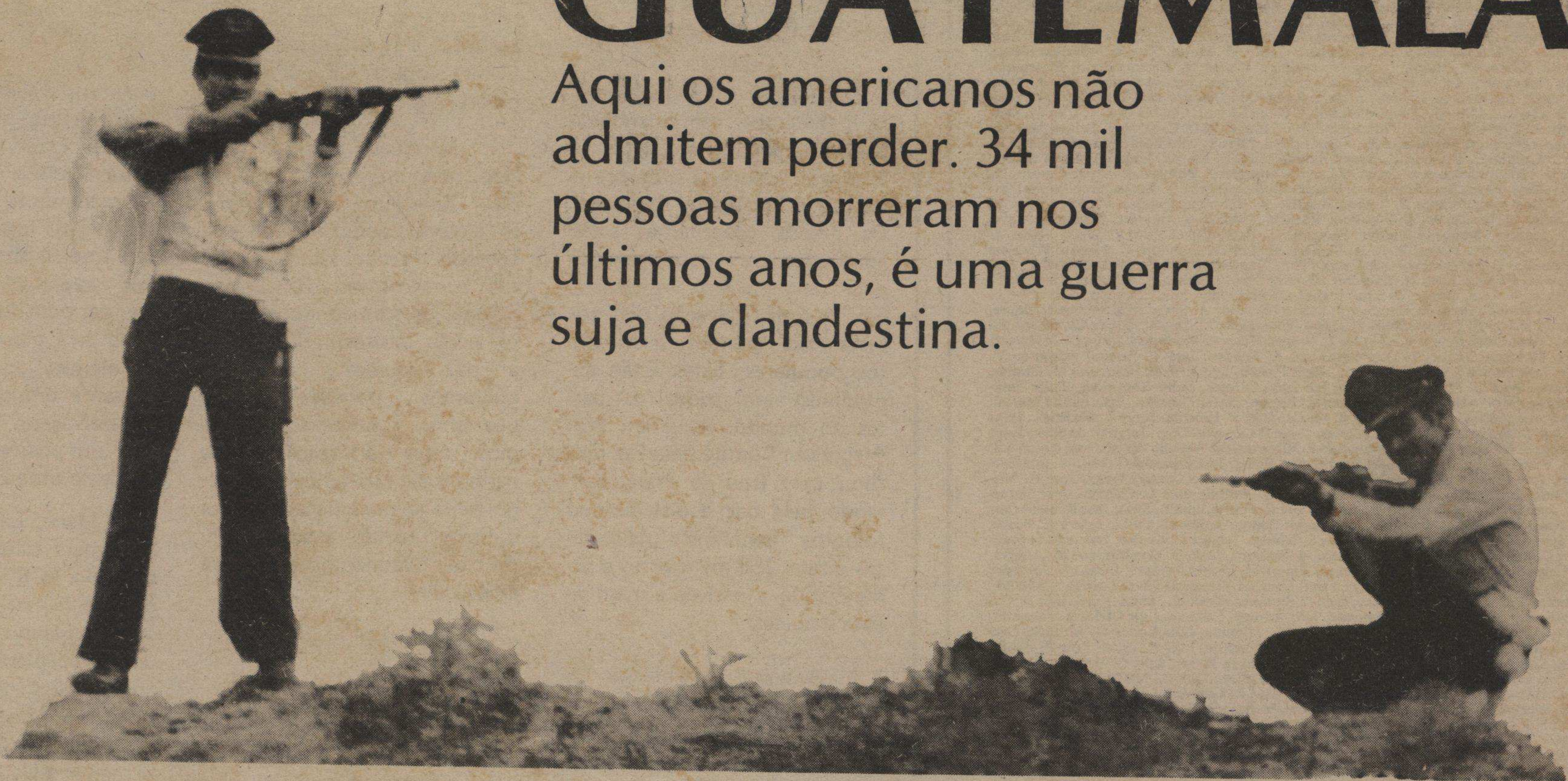
Com ele, o trabalhismo tenta recuperar seu prestígio entre os gaúchos. Discípulo de Vargas e Pasqualini, Alceu Collares promete uma administração igual à de Brizola.

Chegou a hora decisiva para o trabalhismo

Foto: Luiz Eduardo Achutti

GUATEMALA

Aqui os americanos não admitem perder. 34 mil pessoas morreram nos últimos anos, é uma guerra suja e clandestina.



LUIZ FERNANDO VERÍSSIMO

EDGAR VASQUES

SANTIAGO

TABAJARA RUAS

ANTONIN ARTAUD

JUAREZ FONSECA

MERTEN

RAMBO
Um aventureiro ecológico



Censura esconde torturador brasileiro

Missing (O Desaparecido) chegou aos cinemas brasileiros com um minuto a menos de duração. Foi a censura que exigiu o corte da empresa distribuidora do filme de Costa-Gavras (vencedor do Festival de Palma de Ouro do Festival de Cannes deste ano), podendo três ligeiras referências ao Brasil, no trecho em que um personagem conta o que presenciou no Estádio Nacional de Santiago, após o golpe militar que depôs o governo constitucional de Salvador Allende. Um pouco antes que *Missing* entrasse em cartaz na cidade, uma reunião do Conselho Superior

de Censura transferiu para o começo de 1983 uma decisão sobre a liberação, ou não, do filme *Pra Frente Brasil*, de Reginaldo Farias (vencedor do Festival de Gramado, também deste ano).

No caso do *Missing*, o espectador poderá pensar até que o filme está sendo menos atingido. Afinal, ele perdeu apenas um minuto, enquanto *Pra Frente Brasil* corre o risco de uma interdição total. Mas existem casos, como bem observou o crítico José Carlos Avellar, de minutos de silêncio que duram todo o filme.

O minuto suprimido de *Missing* faz referência à participação de torturadores brasileiros na repressão chilena, em 1973. É só um detalhe que não chega a prejudicar o entendimento do filme como um todo. Mas é um detalhe significativo, porque o próprio incidente que dá origem ao filme de Costa-Gavras também é apenas um detalhe do que aconteceu no Chile após o pinochetaço. Um pacote comerciante de Nova Iorque, adepto da Ciência Cristã, busca o filho desaparecido e o sentimento inicial dele é que o rapaz foi preso decerto por ter

feito alguma coisa errada. A conclusão final que o filme passa ao espectador é que o sistema está errado — o sistema que acumulou tantas contradições que simplesmente não tem mais como resolvê-las.

Para chegar a essa conclusão, o espectador precisa ficar atento a todos os pequenos detalhes que compõem a narrativa de *Missing*. Se o filme adota o ponto de vista do americano para mostrar as coisas é porque, através dele, Costa-Gavras cria a sensação desagradável de que há algo podre num mundo aparentemente tranqüilo e ordenado. O preço

dessa tranqüilidade é o que ocorre no Chile em 1973, por exemplo. E a consciência brutal a que chega esse americano nos coloca frente a uma opção: nós não podemos agir como se não tivéssemos nada a ver o que se passa na tela.

O espectador brasileiro perceberia melhor a intenção se a censura não tivesse cortado três pequenas referências ao papel desempenhado por alguns *especialistas* do nosso país no Chile. Uma dessas referências é bastante objetiva: o diálogo diz que "existem alguns brasileiros entre os torturadores". Embora indiretamente, es-

sas três referências deixariam por certo o público mais envolvido com o drama vivido não só pelo jovem americano, mas pelo povo chileno. Juntando esses três pequeninos cortes que não somam mais do que um minuto à proibição que pesa sobre *Pra Frente Brasil*, outra história sobre violência e tortura, essa desenrolada aqui mesmo, fica claro que, se há um vilão, ele é o sistema que não quer franquear a discussão sobre as coisas terríveis que se passaram no Brasil e além-fronteiras nos últimos 18 anos.

Luiz Carlos Merten

As duas câmeras de de Andrzej Wajda

Saber mostrar as coisas, através do cinema, é o desafio do cineasta. Saber olhar o filme e depois reformulá-lo na consciência, é o desafio do espectador. Um dos exemplos mais fascinantes de utilização dos recursos próprios da linguagem cinematográfica foi proporcionado esse ano pelo polonês Andrzej Wajda. Em *A Terra Prometida*, filme lançado pelo Bristol em agosto e que o próprio Bristol vai reprisar agora em setembro, Wajda mostra a ascensão da burguesia industrial na Polônia, o capitalismo selvagem que se estabeleceu no país e aponta para uma tomada de consciência da classe operária. Esse último tema só é sugerido no final, porque os conflitos são enfocados mesmo é na perspectiva da classe dirigente.

Para entender *A Ter-*

ra Prometida, o espectador precisa estar atento ao trabalho da câmara. Ao contrário de *O Homem de Ferro*, onde tínhamos uma câmara tão discreta que o espectador não sabia direito o que era documentário e o que era material reconstituído sobre o sindicato Solidariedade (e a solidariedade entre as pessoas), aqui a câmara está sempre se mexendo: a câmara chama a atenção sobre si mesma, deforma a

imagem, oprime os personagens e o próprio espectador com sua presença ostensiva. Há somente duas ou três cenas de câmara parada, e para cada uma delas há uma justificativa. A câmara de filmar é uma máquina como as outras. E só a lucidez de um artista como Wajda pode transformar o olho da câmara sobre o personagem num instrumento de análise crítica da realidade.

Os 70 anos do mestre Antonioni

Michelangelo Antonioni, 70 anos no próximo dia 29 de setembro, foi o cineasta que mais influenciou o cinema brasileiro e mundial na década de 1960. No seu livro *Trajatórias do Cinema Moderno*, de 1965, Enéas de Souza pôde observar a influência de Antonioni sobre cineastas tão diversos como Walter Hugo Khouri, Nelson Pereira dos Santos e Paulo César Sarraceni. O tempo passou e Antonioni quis fugir ao rótulo de cineasta da solidão e da incomunicabilidade, que ganhou a partir da sua célebre trilogia (*A Aventura*, *A Noite*, *O Eclipse*). Filmou na Inglaterra (*Blow-Up*), nos Estados Unidos (*Zabriskie Point*) e chega aos 70 anos mantendo a fama de pesquisador incansável da linguagem cinematográfica. O Festival de Cannes deste ano premiou-o por isso, não importa que o famoso movimento de

câmara passando pela janela em *Profissão: Repórter* seja uma coisa tão gratuita quanto indefensável e desnecessária. Não importa também que a reflexão de Antonioni em *Zabriskie Point* envelheceu: à falta de uma melhor definição, eu diria que Antonioni transforma sua crítica da sociedade de consumo em imagens quase abstratas (principalmente o final, depois da explosão, quando os objetos flutuam no espaço ao som da música de Pink Floyd). O melhor de Antonioni continuam sendo os filmes da trilogia e *Blow-Up*, como ficou claro, mais uma vez, após o lançamento de *O Mistério de Oberwald*, com suas pesquisas de cor e recursos eletrônicos. Mas o mestre merece destaque na festa dos seus 70 anos, por sua indiscutível contribuição à linguagem cinematográfica e, em especial, ao nosso cinema novo.



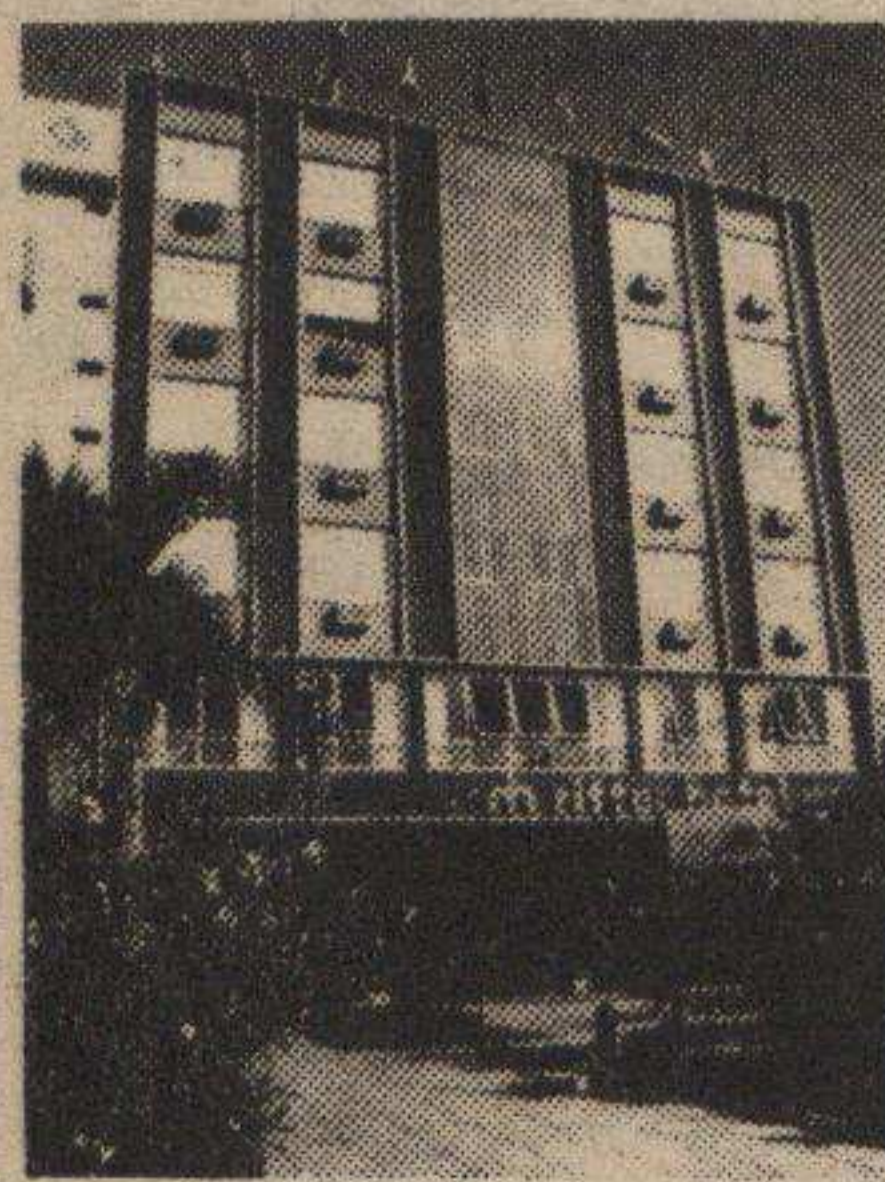
Qual a melhor face de Ingrid Bergman?

Qual é a Ingrid Bergman da sua preferência? A mais sexy é, sem dúvida, a Alcía de Hitchcock em *Interlúdio*, de 1946, que se casava com um espião nazista por amor a um agente da CIA (Cary Grant), como parte de um plano para descobrir um contrabando de urânio. A melhor atriz foi a pianista de *Sonata de Outono*, de Ingmar Bergman, de 1979, onde

ela teve o grande papel da sua maturidade. Mas a Ingrid Bergman que ficará para sempre na memória do público é a Ilsa de *Casablanca*, de Michael Curtiz, de 1942, pedindo a Sam (Dooley Wilson) que toque de novo a música dos velhos tempos da sua história de amor com Rick (Humphrey Bogart). Ingrid não foi apenas uma das estrelas mais luminosas da

história do cinema: foi também uma mulher corajosa que enfrentou a máquina de Hollywood para ser respeitada como gente. Sua morte foi uma perda irreparável nesse mês de agosto que também levou Henry Fonda. Sem eles e, principalmente sem ela, o cinema fica mais pobre. As novas gerações têm seus talentos, mas um Fonda, uma Bergman já são parte da história.

PORTO ALEGRE
Classe "A"



rh ritter hotel

GARAGEM PRÓPRIA
Largo Vespasiano Veppo, 55
-defronte a Estação Rodoviária-
FONE (0512) 21.8155

Editores

Marcelo Lopes, Rafael Guimaraens, Antonio Oliveira, Luiz Eduardo Achutti (fotografia) e Edgar Vasques (arte).

Participaram desta edição:

Eduardo Bueno, Rosane Freire, Danilo Ucha, Luiz Pilla Vares, Anna Maria Magalhães, Ayrton Centeno, José Antônio Vieira da Cunha, José Antonio Pinheiro Machado, Elmar Bones, Cléa Motti, Luiz Fernando Veríssimo, Mônica Antonitsch, Ayrton Kanitz, Daniel Hertz, Omar Barros Filho, Eduardo Guimaraens, Olídes Canton, Juarez Fonseca, Luiz Carlos Merten, Ana Moussalle, Daniel de Andrade, Eduardo Tavares, Edson Soyaux, Carlos Alberto Silva, Adolfo Gerchmann, Licínio Azevedo, Santiago, Flávio Batistelli, Wilmarx, Schroder, Luiz Antonio Pinheiro, Valdir da Silva.

Associado à
BAJOCOOP
Associação dos Jornalistas e Revistas de Comunidade

Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda.

A Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre foi fundada em 24 de agosto de 1974, constituindo-se na primeira do gênero no país. A Cooperativa é uma organização administrada pelos próprios jornalistas, com uma diretoria eleita em Assembleia Geral para um mandato de dois anos. Cada associado, independente de sua participação no capital tem os mesmos direitos nas decisões da assembleia.

ASSOCIADOS:

Osmar B. Trindade (Presidente), Antonio M. de Oliveira (Vice-Presidente), Carlos Rafael Guimarães Filho (Secretário), Afonso Ritter, Carlos R. Dornelles, Danilo S. Ucha, Luiz Afonso Franz, Marcelo Oscar Lopes, Clarice D. Aquistapace, Jorge A. Polydoro, José A. Vieira da Cunha, Manoel A. Canabarro e Tomás I. Pereira (Conselheiros de Administração); Eduardo A. Tavares, Francisco Daniel L. da Silva, Roberto D'Azevedo, Flávio S. Schubert, Elaine L. Lerner, Remi A. Balasso (Conselheiros Físicos); Daniel de Andrade Simões, Edgar L. Vasques da Silva, Fernando A. Goulart, João Batista Aveline, João Borges de Souza, Jorge F. Gallina, José A. Pinheiro Machado, Juarez A. Fonseca, Luiz Carlos Merten, e Valdir da Silva (Conselheiros de Edição); Acari Amorim, Adalberto Correa de Lemos, Adélia Y. Porto da Silva, Ademar Vargas de Freitas, Ademir T. Fontoura, Adriano Lopes de Oliveira, Adroaldo B. Correa, Afonso R. Licks, Agnese Schiffrino, Airtom Müller, Alberto André, Alberto H. Blum, Alberto M. Figueiras, Alceu M. Nogueira, Alda S. Souza, Afonso Abraham Llerena, Alfredo C. Fedrizzi, Alice I. Urbim, Amaro Dornelles, Amauri M. Mello, Amilton Vieira, Ana Amélia Lemos, Ana M. Riviello, Ana Maria Smidt, André Jockymann, Angela Riccardi, Angela Santangelo, Angelo R. Dias da Silva, Anibal C. Bendati, Anilson G. da Costa, Anna Maria T. Magalhães, Antonio A. de Oliveira, Antonio Brito Filho, Antonio C. Esteves, Antonio C. Paulino, Antonio F. Gonzales, Antonio I. Dreon Peres, Antonio Vargas, Antonio R. Teixeira Júnior, Ari S. Teixeira, Ariosto A. Teixeira, Armando Burd, Armando Sobral Rollemberg, Armindo A. Ranzolin, Arthur T. Monteiro, Artur P. da Silva, Artur S. Poester, Ataides L. Miranda da Silva, Augustinho M. Licks, Avani Maenfeld, Ayrton Kanitz, Ayrton J. Centeno, Beatriz M. Rosa, Beatriz S. Polydoro, Benigno Rocha, Bernardete S. Viana, Bernardete D. Schmitt, Bruno A. Ferreira, Cláudio A. Cruz, Carla I. Irigaray, Carlos Alberto Koleczka, Carlos A. Maya Fruct, Carlos Alberto Sardenberg, Carlos Alexandre G. Castro, Carlos Alfredo S. Silva, Carlos A. Muller, Carlos E. Athanazio, Carlos F. Karnas, Carlos Frederico Mentz, Carlos Gerbase, Carlos H. Bastos, Carlos M. Fehlbeg, Carlos M. Urbim, Carlos Mossmann, Carlos Rafael Guimaraens, Carlos R. Silveira, Carmem R. Cagno, Carmem S. Rial, Celso A. Rosa, Celso A. Schröder, Cid Pinheiro Cabral, Cinara C. Lima, Ciro Dias dos Reis, Cintia M. Leal, Claiton J. Selistre, Clarice L. Giorgi, Cláudio Barcelos, Cláudio Levitan, Cláudia Quinto, Cléa M. Motti, Clóvis Heberle, Clóvis O. Malta, Cristina Baptista Pereira, Cyro G. Canabarro, Delmar Marques Correa, Divino V. Fonseca, Edelberto Behs, Edgar Lisboa, Edna S. Della Nina, Edson G. Chaves Filho, Edson S. Kosminski, Eduardo R. Bueno, Eduardo S. San Martin, Eduardo Soares Guimaraens, Elaine E. Lerner, Eleonora A. Canto de Lucena, Elisabete P. Portugal, Elisabeth Copetti, Elmar Bones da Costa, Eloisa Enck Gonçalves, Elser E. Quintana, Enio R. Rocha, Ercy Pereira Torment, Erni C. Quaresma, Euclides P. Torres, Eugênio B. Bortoloni, Eugênio F. Neves, Eva M. Caparelli, Evaldo J. Gonçalves, Evelyn Berg Ioschpe, Evilázio B. Oliveira, Fátima R. Torri, Fernando O. Lindote, Fernando Guedes, Fernando S. Saes, Fichel Davit Chargel, Flávio A. Porcello, Flávio A. Dutra, Floreal R. Rosa, Floriano H. Correa, Francisco C. Ribeiro, Francisco D. Lopes, Francisco J. Karam, Francisco Juska Filho, Francisco Paulo Santana, Gabriel V. Mathias, Geanoni M. Peixoto, Gecy N. Belmonte, Geraldo Hasse, Gerson L. Schirmer, Gilberto L. Pauletti, Gilberto O. Leal, Glauco da Cruz Brandão, Gomerindo Lins Coutinho, Guilherme P. Souza, Guisleno Barú F. Derquim, Gustavo F. Moritz, Haroldo A. Silva, Hedi Moema L. Bauer, Heidy Gerhardt, Hélio A. Pereira, Hélio C. Gama Filho, Hélio M. Doyle, Heloisa C. Helton Ricardo Barreto, Hermelindo P. Macedo, Higino C. Barros, Hiltor P. Mombach, Hiron C. Goidanich, Humberto A. Monteiro, Humberto Andreatta, Iara A. Bendati, Iara T. Pereira, Iraporan V. Müller, Ibsen Valls Pinheiro, Ieda C. Bernardi, Ignês Pietsch, Ilgo J. Wink Filho, Ilza M. Girardi, Imara Stallbaum, Ivan G. Pinheiro Machado, Ivo Egon Stigger, Jaime Klintonowicz, Jaime Sauchuck, Jandira A. Feijó, Jandira M. Cesar, Jane M. Filipon, Jayme Copstein, João Batista Marçal, João Batista Scalco, João C. da Silva, João R. Muniz, João P. Lacerda, Jorge B. Meditsch, Jorge Baumann, Jorge D. Escosteguy, Jorge M. Gomes, Jorge O. Carvalho Leite, Jorge O. da Silva, Jorge R. Freitas, Jorge S. Miranda Netto, José Antonio F. Ribeiro, José Antonio Severo, José Antonio S. Silva, José A. Pinto Netto, José A. Flores, José Danter Ripoli, José Emanuel G. Mattos, José E. Mitcheil, José Lauro D. Siqueira, José L. Lima, José Luiz G. Préviti, José L. Chiarelli, José Marceio L. Pontes, José Onofre Jardim, José R. Araújo, José R. Fontes, José R. Silva, José Roberto Garcez, José S. Fonseca, José T. Abu-Jamra, Juan Carlos Gomez, Judith M. Costa, Julieta A. Nunes, Júlio José Chavesanatto, Júlio T. Sortica, Jurandir S. Silveira, Jussara C. Coelho, Laerte B. de Franceschi, Laerte C. Martins, Laerte D. Mollga, Laila M. Pinheiro, Lauro J. Quadros, Léa M. Aragón, Lenora M. Vargas, Léa Tavehansky, Leonardo B. Dourado, Leonid Streliaev, Licínio S. Azevedo, Lilian Bem David, Linda C. Sarturi, Leonora Paim, Lourival Vianna da Silva, Lotário Neuberger, Lucila S. Camargo, Luiz Alberto L. Artoche, Luiz A. Scotto de Almeida, Luiz A. Vidal, Luiz A. Corazza, Luiz Antonio Duarte, Luiz A. Kosminski, Luiz Antonio Pinheiro, Luiz Carlos R. Felizardo, Luiz Carlos S. Mello, Luiz Carlos F. Ferreira, Luiz C. Miranda, Luiz Carlos O. Almeida, Luiz Claudio F. Cunha, Luiz Eduardo R. Achutti, Luiz F. Vilaverde, Luiz F. Lima, Luiz F. Flores, Luiz F. Silva, Luiz Fernando Veríssimo, Luiz Francisco Terra Júnior, Luiz C. Fonseca, Luiz G. Gonçalves, Luiz Humberto M. Pereira, Luiz Inácio F. Castro, Luiz O. Matzenbacher, Luiz P. Pilla Vares, Luiz Paulo R. Daudt, Luiz Recena Grassi, Luiz R. Lanzetta, Luiz R. Vitello Filho, Lygia M. Nunes, Manoel J. Lourenço, Mara S. Bernardes, Marcelo Villas-Bôas Santos, Márcia B. Turcatto, Márcio S. Camara, Marco Antonio F. Schuster, Marco Antonio Baggio, Marcio Túlio de Rose, Margaret S. Paula, Mary E. Menda, Maria Angélica de Moraes, Maria da Graça B. Seligman, Maria da Graça Silva, Maria E. Borges, Maria Helena Brancher, Maria Helena S. Passos, Maria I. Rech, Maria I. Zanchetta, Maria I. Hammes, Maria L. Fontanive, Maria L. Teixeira, Maria R. Ferreira, Maria Sueli Caldas, Marina Wodtke, Mário A. Nascimento, Mário A. Perez, Mário E. Rocha, Mário L. Madureira, Mário Marcos de Souza, Marinória S. Osório, Marise M. Fetter, Maristela Barros, Maroni João da Silva, Marques Leonam B. Cunha, Maurecy S. Santos, Mauro César Silveira, Mauro P. Toralles, Mary Beatriz Mezzari, Milton F. Wells, Milton Galdino da Silva, Milton R. da Silva, Milton S. Machado, Miriam Costa Correa, Miriam T. Moura, Milton Coelho Maron, Mozart N. Santos, Najar J. Tubino, Nelson C. Ferrão, Nelson Franco Jobim, Nelair Rebês Abreu, Nestor C. Fedrizzi, Neusa M. Ribeiro, Newton Peter, Nilson A. Figueiredo Filho, Nilson Guimarães, Nirce Levin Goyman, Nivaldo T. Manzano, Odilon Rebês Abreu, Olídes Canton, Olívio S. Lamas, Olyr Zavaschi, Omar L. Barros Filho, Orlando C. Brasil, Otacilio Grivot, Otília M. Rieth, Paulo Marconi, Patrício R. Bentes, Paulo A. Fogaça de Medeiros, Paulo Burd, Paulo C. Vegg, Paulo D. Pereira, Paulo E. Vasconcelos, Paulo F. Guerreiro, Paulo Gérson A. Oliveira, Paulo M. Macedo, Paulo Q. Bezerra, Paulo R. Cancian, Paulo de Tarso C. Riccardi, Paulo Totti, Pedro F. Macedo, Pedro Sosa Pereira, Pedro V. Maciel, Plínio J. Dotto, Porfírio Borba Netto, Raul C. Rubenich, Raul R. Quevedo, Regina P. Vasques, Rejane Lempeck, Renan Antunes de Oliveira, Renato Kern, Renato Pinto da Silva, Renato Vinicius Canini, Ricardo I. Balsoni, Ricardo L. Chaves, Ricardo M. Schmitt, Riomar B. Trindade, Roberto Appel, Roberto A. Thomé, Roberto B. Manera, Roberto C. Franco, Roberto Ethel, Roberto L. Antunes Fleck, Rogério F. Monteiro, Rogério Laupp Ruschell, Rogério S. Medeiros, Rômulo C. Krafta, Ronaldo Westermann, Rosvita Sauressig Laux, Rubens C. Wayne, Rui J. Bender, Ruy Carlos Ostermann, Sérgio Batsow, Sérgio Caparelli, Sérgio J. Becker, Sérgio R. Moita, Sérgio R. Lagranna, Sérgio Toniello, Severino J. Góes, Sibilla Rocha, Silmar C. Müller, Sílvia S. Costa, Sílvia C. Ferreira, Sílvia S. Correa, Solange V. Morgado, Tânia Carvalho e Silva, Tânia H. Kruschka, Tânia Jamardo Faillace, Telmo Cunha Zanini, Terezinha T. Figueiredo, Ubirajara S. Prates, Vera Daisi Barcelos, Vera M. Bosak, Vera M. Gomes, Vera R. Monteiro, Vera S. Kern, Victor Hugo Sperb, Vera T. Costa, Virson Holdembaum, Vitor Moraes, Waldemar Teixeira, Walter Firmo G. da Silva, Whalmir Anna Von Koenning, Wilmar O. Marques, Wladimir Netto Ungaretti e Zélia Dambrowski Leal.

caro leitor

Sem dúvida, concentram-se no Rio Grande do Sul as maiores — e talvez únicas — forças de resistência do trabalhismo no país. Aliás, foi entre os gaúchos que a doutrina de Getúlio Vargas encontrou maior receptividade, através de nomes como Alberto Pasqualini, João Goulart e Leonel Brizola. Mesmo Miguel Arraes, outro nome forte do PTB, na verdade estava mais ligado à esquerda do que ao trabalhismo, tanto que ele era uma “pedra no sapato” de Jango, como revelou o jornalista Josué Guimarães em recente depoimento à Revista 80. Segundo Josué, Jango admitia até casar Arraes para evitar o Golpe de 64. Da mesma forma a grande votação que Brizola obteve no Rio de Janeiro, em 1962, deve-se muito mais ao momento político que o país vivia do que à aceitação das idéias trabalhistas pelos eleitores cariocas, tanto que hoje seu nome é o terceiro ou quarto entre os candidatos ao Governo do RJ.

A força que o PTB desfrutava no RS foi severamente punida pelos militares que assumiram o poder em 64, tanto que a maioria dos gaúchos cassados eram trabalhistas. Os que restaram, passaram a integrar o MDB, durante os anos de ditadura e bipartidarismo, sonhando um dia formar um novo partido trabalhista. E ele ressurgiu com o nome de PDT, num momento em que muitos trabalhistas vacilam e outros optam decisivamente pelo PMDB, como o próprio candidato Pedro Simon.

O trabalhismo enfrenta uma prova de fogo em 15 de novembro, principalmente no RS, único estado em que seus candidatos têm chance, apesar das pesquisas indicarem uma polarização entre o PMDB e o PDS. O Coojornal ouviu o candidato trabalhista Alceu Collares durante quatro horas, na segunda de uma série de entrevistas com os candidatos ao Governo gaúcho. Ele explicou as quatro fases históricas do trabalhismo, lembrou a administração de Brizola, recordou sua trajetória política, desde carteiro e telegrafista, até advogado e parlamentar e contou por que não teme o racismo dos gaúchos.

A campanha eleitoral chega à reta final e partidos e candidatos apostam tudo para conquistar o grande contingente de indecisos. Quem tem dinheiro, transforma-o automaticamente em cartazes, painéis, faixas, viagens e outros meios menos nobres. Quem não tem, utiliza a criatividade. Nós selecionamos as melhores fotos desta fase pré-eleitoral e as submetemos ao julgamento do leitor, na página 8.

Se na política institucional se aproxima o momento de definições, o movimento popular adquire novo impulso. No fim de julho, 400 mil produtores gaúchos saíram às ruas contra a política agrícola. Analisamos o movimento e a atuação das cooperativas na página 11.



CATÁSTROFE FINAL

Estamos caminhando a passos largos para a catástrofe final. Tudo está pronto e já iniciou a contagem regressiva. Os nossos governantes estão amarrados e condicionados pela engrenagem internacional. A única salvação que nos resta são grandes movimentos populares. Estes estão explodindo em todas as partes do mundo. Aqui em Porto Alegre um Comitê pela Paz desfilou pela Rua da Praia, cantando pela paz e distribuindo folhetos lembrando Hiroshima e seus 250 mil mortos e denunciando a corrida armamentista e nuclear.

Amigos! O professor Linus Pauling, Prêmio Nobel da Paz, calcula que os arsenais atômicos têm hoje armas com poder destrutivo 100 mil vezes superior ao total das explosões bélicas havidas na II Guerra Mundial. Isso dá para destruir várias vezes toda a vida sobre a terra.

Ultimamente os Estados Unidos e a Rússia estão partindo para o armamento espacial. Então vivemos num mundo onde a terra, o mar, o ar e o espaço estão infestados de ogivas nucleares. O presidente Reagan está tentando conseguir do Congresso a aprovação de 53 milhões de dólares para

reinicar a fabricação de armas químicas, já proibidas internacionalmente há mais de meio século.

Brasileiros! Agora vem o absurdo total. Com a derrota da Argentina, o Brasil se decidiu por uma política de rearmamento global. Simplesmente não pode existir política mais absurda. Armas para quem? Contra quem? E, principalmente, para quê?

Nenhum partido político, nenhum governante e nenhum brasileiro, sob hipótese alguma, pode admitir este absurdo. Precisamos ir para as ruas e nas praças públicas manifestar da forma mais veemente nosso protesto. Queremos a paz, queremos alimento, queremos trabalho digno, queremos residências, queremos nova civilização. Que nenhum de nós tenha de bater no peito e reconhecer que foi omissos, quando a sobrevivência da humanidade estava ameaçada.

Helmut Egeearth, Porto Alegre, RS

LENIN SE CONTORCEU

Senhor editor:

A posição do PCB (Giocundo Dias) em favor do PMDB, mais que um erro, é um crime histórico. Lênin deve ter-se contorcido de raiava e dor em seu túmulo vendendo os novos Kaustskys, modernos arautos da social-traição, da conciliação com a burguesia, da subordinação com a burguesia. Acusam o PT de não ter ideologia? O PCB a tem? Qual? A dos que pretendem a reforma agrária com Guazzelli e Brossard?

Que querem desapropriação de bancos com Canet Jr.? Possivelmente a vanguarda da revolução proletária deste PCB são os donos de lojas e empresários coadjuvados por ex-governadores biônicos.

Os dirigentes do PCB gaúcho declaram: “Quando apoiamos um partido, ele geralmente vence”. Ora, apoiar um partido burguês para apenas ganhar eleição traz o saldo que aí está. Estes senhores se contentam com a ilusão da vitória submetendo-se ao inimigo político. Em lugar de construir um sindicalismo e um partido dos explorados como vanguarda, pontificam que a estratégia será oferecer sua expressão eleitoral ao partido que representa um capitalismo “menos selvagem” e se contentam com um possível triunfo eleitoral deste time B da burguesia.

Marx, Lênin, Trostsky e Mao, para estes dirigentes gaúchos do PCB, nada entendem de socialismo. Sábios são eles que em pleno ciclo Kondratieff do neocapitalismo propõem aos milhões de cordeiros, vítimas deste Sistema, que votem neste lobo por ser teoricamente menos selvagem que o outro, com a palavra de ordem: Proletários, votai nestes burgueses “democráticos”. Eles vos darão liberdade política e sindical, socializarão suas empresas, lojas, bancos e indústrias. Terrível piada, crime de regressão histórica de que serão responsáveis.

Ernesto Cassol, Erechim, RS

LIMPEZA URBANA?

Prezado editor:

Li a matéria publicada

Frei Betto fala de sua adesão ao PT

Nesta entrevista a Danilo Ucha, o autor de "Batismo de Sangue" diz por que preferiu o PT.

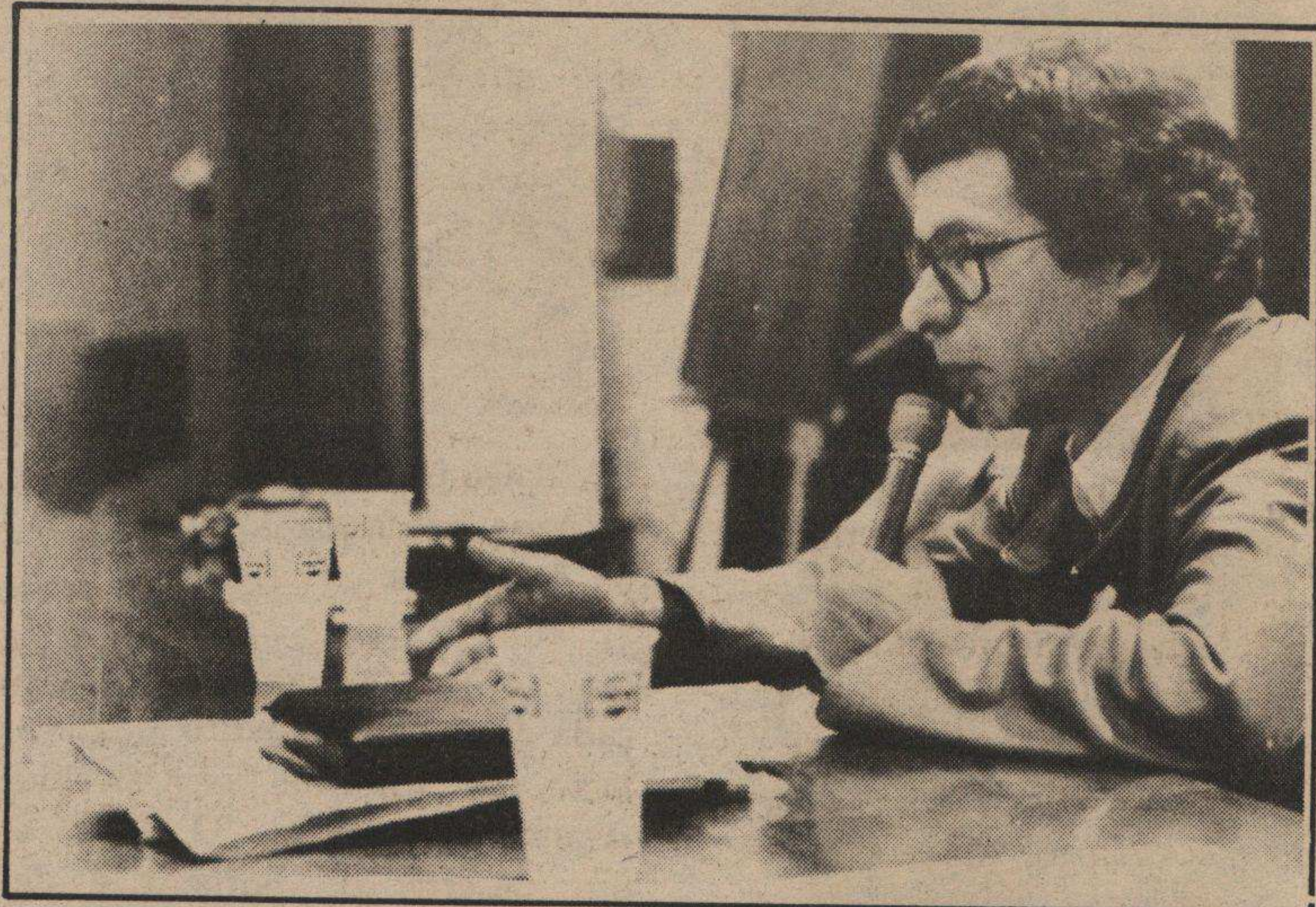
O dominicano Frei Betto, que esteve em Porto Alegre promovendo seu livro *Batismo de Sangue*, no qual narra sua participação na luta contra o regime militar, no fim dos anos 60, fez uma clara opção político-partidária em favor do Partido dos Trabalhadores. Embora esclareça que não tenha se filiado ao PT, Frei Betto informou que vai votar no partido de Olívio Dutra e Lula "porque prefere correr o risco de errar com os trabalhadores do que acertar sem eles". Atualmente, Frei Betto desenvolve suas atividades religiosas junto a operários de São Paulo.

No livro, o religioso narra a participação dos freis dominicanos na prisão e morte do líder guerrilheiro baiano Carlos Marighella, demonstrando que não se pode atribuir aos padres, como fez a polícia paulista na época, a pecha de "traidores de Marighella". Segundo ele, tudo não pas-

sou de uma trama montada pela CIA (central norte-americana de espionagem e contra-espionagem) para que não fossem identificados seus agentes que, verdadeiramente, descobriram Marighella e o entregaram ao esquema de segurança coordenado pelo então delegado Sérgio Fleury. Frei Betto também narra sua experiência de prisão — passou quatro anos preso — e como ajudava perseguidos pela repressão a saírem do País, viajando ao Uruguai através de Livramento. Reproduz, ainda, partes do dossiê de Frei Tito, dominicano que acabou se suicidando na França, em consequência das torturas que recebeu em São Paulo.

Nesta curta entrevista, Frei Betto fala especificamente de sua opção pelo Partido dos Trabalhadores. Um dos motivos que o levou a decidir votar com o PT é o de que, no seu entender, pela primeira vez no Brasil, um partido da Oposição não nasceu especificamente da "cabeça de intelectuais e estudantes". Para ele, quem quer continuar como está deve votar no PDS, quem quer reformas sem grande mudança deve optar pelos demais partidos de Oposição e quem deseja uma "mudança nos quadros do poder", deve seguir o PT.

Coojornal — O Partido dos Trabalhadores parece representar



uma proposta nova na política brasileira. Você o considera uma alternativa?

FB — Não sou especialista em PT. Tenho uma profunda simpatia pelo que ele representa, como um partido que realmente nasceu de trabalhadores. É a primeira vez neste país que um partido de oposição não nasce da cabeça de estudantes e de intelectuais. Vou votar nele porque votarei naqueles em que acredito historicamente. Nenhuma mudança qualitativa vai se dar neste país sem os trabalhadores.

Coojornal — Acredita que o PT poderá ser um partido nacional?

FB — Ele é um partido nacional.

Coojornal — O PT de São Paulo não é diferente do PT do Rio Grande do Sul?

FB — Não, o PT, como todos os partidos, tem seus altos e baixos, tem seu joio e seu trigo, é um partido de massa, legal, não pode estar fazendo seleção de filiados, nem exigindo atestados de boas intenções.

Coojornal — A proposta inicial falava em "partido de operários" e parece que hoje ele não é isso, representando, mais, segmentos de classe média baixa, profissionais liberais, etc...

FB — O PT é um partido muito novo para falar de uma "proposta inicial" como uma coisa já passada. Agora, nas elei-

ções, é que ele realmente vai se viabilizar como partido. Vou mais adiante: acho que o PT é a seleção da Itália na Copa das eleições. Tem muita gente que vai votar no PT, não por simpatia, mas por exclusão, por saber que é o único que não está composto com certas figuras cuja prática política anterior não é confiável. Não se pode, porém, negar o risco de o PT ser controlado por classe média, por intelectuais, por parlamentares. Há esse risco. Não existe nenhuma pureza e nenhum atestado de garantia da origem proletária dele.

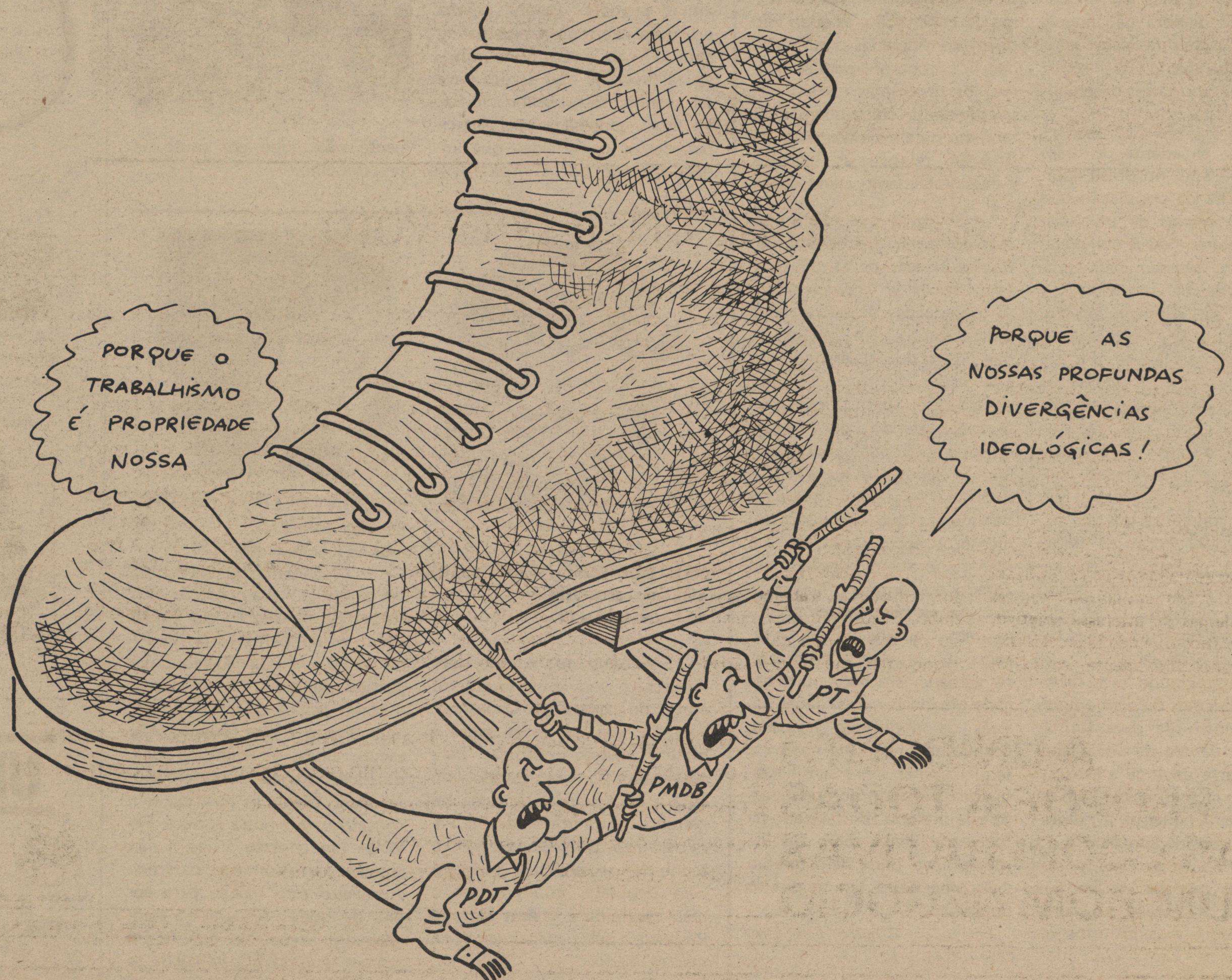
Coojornal — Por que você vai votar no PT?

FB — Eu acredito que os trabalhadores, pela primeira vez, criaram um instrumento político no Brasil e estão reivindicando seu direito, que é participar, também, nos destinos políticos do país.

Coojornal — Qual tua análise da situação política brasileira atual?

FB — Acho que há uma profunda contradição entre o projeto de abertura política e o asfixiante modelo econômico. Creio que ou cai o ministro Delfim Neto ou caímos nós, porque o povo não suporta mais a atual situação e o Governo vive um impasse cuja solução não se vislumbra. A situação é de tensão e expectativa.

SANTISGO



Alto-falantes anunciam o socialismo!

A REVOLUÇÃO
NO CAMPO EM
MOÇAMBIQUE ESTÁ
REABILITANDO UM
VELHO CONHECIDO:
O ALTO-FALANTE

Qual o veículo de informação ideal para um país onde mais de oitenta por cento da população é analfabeta e fala uma dúzia de línguas diferentes? Onde o rádio não cobre todo o território, existem poucos aparelhos e a produção de pilhas é insuficiente? Moçambique, tal como a Iugoslávia e a União Soviética no período posterior à Segunda Guerra, a China ainda hoje, e o Brasil até a década de cinquenta, chegou à conclusão que a solução é o velho sistema de alto-falantes.

Um brasileiro, Juarez da Maia, de 34 anos, ex-presidente da Confederação Goiana de Estudantes, exilado em 1971, é o responsável pelo projeto que prevê a instalação de cinquenta centros de alto-falantes em aldeias moçambicanas até 1984.

— Os alto-falantes serão verdadeiras rádios locais operadas pelos camponeses — diz Juarez, que chegou a Moçambique em 1977, depois de passar pelo Chile, México e Bélgica, onde concluiu o curso de Comunicação Social.

O equipamento instalado em cada aldeia tem quatro alto-falantes no alto de uma torre de pau de vinte a trinta metros de altura, um rádioreceptor, gravador de cassetes, amplificadores e um gerador. No pavilhão construído pela população para abrigar o material, a maior parte das vezes feito de pau-a-pique e com cobertura de palha, também há um projetor de cinema e outro de slides.

— A idéia é organizar um sistema de informação mais horizontal — explica Juarez — dar possibilidade dos próprios aldeões criarem seu sistema de informação. Cada "rádio" funciona duas vezes ao dia, em horário estabelecido pela comunidade. Geralmente elas funcionam entre as quatro e seis da manhã durante a semana, quando os camponeses levantam para o trabalho, e depois volta a funcionar no fim da tarde. A programação é clássica: informativa, educativa e recreativa. De manhã mais informações, à tarde é mais didática, com um professor falando aos seus alunos ou o técnico agrícola,

do seu trabalho, ou ainda com um enfermeiro divulgando cuidados sanitários. Às vezes são feitos debates sobre problemas sociais. Aos domingos a "rádio" funciona a manhã inteira e o programa é recreativo e de mobilização.

O projeto surgiu em 1977, através de um acordo entre a UNICEF, que colocou 900 mil dólares à disposição, e o Ministério da Informação moçambicano. Bento Bagno, de 24 anos, é natural de Moçambique. Ele trabalha com Juarez desde o início do projeto. Quando começou tinha apenas o quarto ano primário e raramente abria um jornal, hoje é vice-diretor do programa e técnico em Comunicação Social com um conhecimento prático de todos os problemas do sistema. Ele explica:

— O governo está consciente de que enquanto se alfabetiza e amplia os meios de comunicação é necessário criar meios alternativos, pois sem informação não há socialismo que triunfe. Temos 1.200 aldeias comu-

nais no país, com 1.300 habitantes cada, ou seja, cerca de dez por cento da população do país. São povoações onde já funcionam cooperativas de produção e é para elas que nosso projeto se destina.

Os operadores das "rádios" são escolhidos entre moradores da aldeia e precisam ter, no mínimo o quarto ano primário. Elas são auto-suficientes. Compram combustível com a receita das mensagens pagas, divulgadas pelos alto-falantes. Como um sistema completo importado custa cerca de quatro mil dólares, foram criadas alternativas mais modestas. Em algumas aldeias foram instalados apenas centros de escuta coletivo. Consistem num rádio, gravador, um gerador de 220 volts, amplificador com microfone e dois alto-falantes. Além de transmitir a programação normal da rádio de Moçambique para toda a aldeia, estes centros divulgam avisos de utilidade pública e mobilizam a população para campanhas sanitá-

rias e agrícolas. Outra alternativa é a distribuição de rádioreceptores movidos a baterias solares.

O projeto também conta com dois jipes equipados com gerador, projetores, rádio e quatro alto-falantes, que percorrem as aldeias levando fotos, filmes e audiovisuais. Este ano com a aquisição de mais dois carros o sistema irá atingir 300 aldeias.

Juarez, Bento e mais 36 moçambicanos trabalham no projeto e ainda são responsáveis por um programa semanal de vinte minutos na rádio Moçambique, dirigido às aldeias comunais. Para obter material para o programa e canalizar informações das aldeias, estão sendo formados correspondentes populares. São camponeses que têm a tarefa de recolher as notícias das suas localidades e depois as enviam pelo correio à central organizada na sede do projeto, na capital do país, Maputo. Lá três redatores se encarregam da redação final e distribuição.

— Só agora vamos começar a teorizar nossa experiência — diz Juarez, sem planos de voltar ao Brasil nos próximos anos — Armand Mattelart (sociólogo francês) esteve aqui conosco por três semanas. Primeiro fez muitas perguntas teóricas, depois compreendeu a necessidade de levar adiante o projeto, para depois teorizá-lo. Passamos a investigar agora o processo de socialização no campo e como a comunicação se insere nele. Pois ao contrário do que acontece nos países capitalistas, em Moçambique, a informação não está solta, mas ligada diretamente ao processo de desenvolvimento (LÍCIO AZEVEDO).

Na construção
da nova
sociedade em
Moçambique...



Foto Daniel de Andrade/Em Foco



... a busca de novas alternativas de comunicação

Vale tudo na briga pelo voto

Está circulando entre os candidatos do PDS um manual contendo dicas para melhorar a votação do partido. Como **Ajudar o PDS a Ganhar as Eleições** é o título do guia eleitoral com 1.500 cópias. A seguir mostramos algumas sugestões do partido a serem seguidas pelos aspirantes do PDS ao legislativo.

"O papel da imprensa é muito semelhante ao do político e seu aliado no contato com os problemas de interesse coletivo. O político que não lê jornais diariamente dificilmente terá êxito.

Lembre-se que a qualquer momento pode ser interrogado sobre um assunto da atualidade".

"Jamais se irrite com qualquer pergunta que lhe façam. O jornalista apenas cumpre sua obrigação quando lhe entrevista. Considere-o apenas um meio para entrar em contato com seus eleitores e emitir amplamente seu ponto de vista".

"Se é candidato a vereador, comece seu trabalho pelo vizinho, seu primeiro eleitor. Quem não conquista sua vizinhança terá muitas dificuldades

de conquistar eleitores mais distantes".

"Ande, de preferência, a pé ou de ônibus. O motorista solitário não é visto. O povo precisa ter contato com os candidatos e não existe lugar melhor do que transportes coletivos. Peça caronas. Elas valem mais do que dar caronas. Visite lugares de muito movimento, como supermercado, a rodoviária, as ruas principais da cidade, o sindicato, o clube, festividades, casamentos, que lhe darão oportunidade de dialo-

gar com muita gente e de todos saberem que é candidato".

"Aprofunde-se na doutrina da Democracia Social, adequada para a realidade brasileira. É a doutrina que combina promoção social com o progresso coletivo, que repousa num Humanismo maduro e realista, que pretende superar as carências sem a perda da liberdade. Não se iluda com doutrinas exóticas que disfarçam vontades de estados-nacionais colonialistas".

Faça seu pedido pelo reembolso postal para Coojornal — Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS



**A UNIDONTO
PROPÕE A TODAS
AS COOPERATIVAS
UM BOM NEGÓCIO**

A Unidonto oferece assistência odontológica pelo sistema cooperativista.

A Unidonto oferece consulta e tratamento odontológico com hora marcada.

A Unidonto oferece seu plano de assistência familiar.

A Unidonto oferece preços mais baixos.

Solicite a presença de um executivo da Unidonto.

 **unidonto**
PORTO ALEGRE
sociedade cooperativa de serviços odontológicos Ltda.

Unidonto Porto Alegre Av. Voluntários da Pátria, 527 — 4º andar — Conj. 48 — Fone: 26-0246

Hoje virou moda curtir a natureza. A busca do verde mobiliza milhares de pessoas. Cinquenta anos atrás o padre Balduino Rambo já fazia este tipo de aventura. E apesar das dificuldades no final da vida conhecia o Rio Grande "como a palma de sua mão". É o que nos conta o repórter Eduardo Bueno, um dos modernos viajantes.



As fantásticas viagens do padre Rambo, um de nossos primeiros ecólogos.



Pe. Steffin está traduzindo 13 mil páginas em alemão gótico

Foram 80 mil quilômetros de viagens através do Rio Grande do Sul, desde o fundo do abismo dos canyons até o topo das serras de basalto; dos misteriosos pantanais da lagoa Mirim às profundezas da mata virgem nas margens do rio Uruguai. Percorrendo as planícies onduladas do pampa, explorando o cume dos morros graníticos de Porto Alegre, percorrendo os vales profundos e densamente arborizados de rios ainda límpidos ou caminhando na borda impressionante da serra à beira dos Aparados, ele percorreu praticamente todos os 282 mil quilômetros quadrados do Rio Grande do Sul com fervor e minuciosidade.

De trem, de jipe, a cavalo, de avião, a pé. Principalmente de jipe: um modelo anterior à Segunda Guerra Mundial, que até bem pouco tempo ainda estava conservado; de avião (foram 12 mil quilômetros aéreos, em 400 vôos) e a pé, numa marcha segura, ritmada, capaz de fazê-lo cobrir 50 quilômetros num só dia apesar das muitas paradas para o recolhimento e acondicionamento de espécies colhidas ao longo do caminho que, muitas vezes, não era melhor do que "uma trilha de antas na mata".

A paisagem natural era analisada com rapidez e precisão impressionantes e, depois, meticulosamente descrita em letra miúda e exata, que enche páginas amareladas e riquíssimas, como costumam ser as dos diários dos sábios caminheiros. Os pássaros, seus hábitos e alimentos; o es-

plendor das formações geológicas; o clima, os ventos, a riqueza do solo; a quantidade de peixes nos rios; a trama conjunta das populações vegetais, suas cores e nomes. E, em meio a isso, indignados manifestos contra a ganância destrutiva dos brancos: colonos, cidadãos, fazendeiros, peões e autoridades constantemente rasgando a terra, desprezando a mata, exterminando outras formas de vida.

Até seus últimos dias, essas viagens, observações e estudos continuaram. Foram interrompidas apenas pela morte brusca, mas não de todo inesperada, num sótão abafado, à frente de uma velha máquina de escrever, entre gramíneas recolhidas alguns dias antes. Felizmente, muitas das milhares de páginas anotadas que abarrotavam aquele sótão úmido no topo — ou melhor, no forro — da capela do velho colégio Anchieta, já haviam sido publicadas. Elas fazem parte de um livro que até hoje — exatamente 40 anos depois de sua publicação continua sendo uma das dez mais importantes obras já editadas no estado.

É um relato minucioso e apaixonado, cientificamente exato, esteticamente fascinante. Um alerta, repleto de visões e brados coléricos: "O povo que descuida da proteção ativa da natureza é indigno da terra com que a pródiga mão do Criador o presenteou". Trata-se de *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*, obra luminosa do padre jesuíta Balduino Rambo, naturalista, caminhante, poeta e botânico inigualável, que viveu de agosto de 1905 a setembro de 1961. Um homem atormentado, mas para o qual o chavão "conhecia o Rio Grande como a palma de sua mão" parece ter significado literal.

Conservador, solitário, muitas vezes rabugento, ele foi um dos talentos mais fecundos da história desse estado. Precursor do movimento ecológico, criador do Jardim Botânico de Porto Alegre, do Zoológico Estadual de Sapucaia, da Fundação Zoobotânica, do Instituto Anchieta de Pesquisas, principal responsável pela criação do Parque Nacional de Itaimbezinho, batalhador incansável pela preservação da já então ameaçada riqueza natural do Rio Grande do Sul, Rambo produziu uma obra que continua atual, vibrante e visionária quase meio século depois de sua conclusão.

Seus alertas, é claro, ainda não foram escutados. E hoje, é como se seu espírito, inquietante e reprovador, pairasse sobre o avanço incessante dos desertos nessa terra cada vez mais devastada. Afinal, de certa forma, pode-se dizer que ele "viu" todo o Rio Grande do Sul transformado num interminável areial, ao descrever a história geológica do estado desde o antiqüíssimo período arqueano até a época quaternária ou atual, num trabalho absolutamente pioneiro e inovador. Diz ele:

"Da metade do triássico em diante (há uns 250 milhões de anos aproximadamente), as serras graníticas assistiram todo o Rio Grande do Sul ser coberto por imensos lençóis de areia amarelada. Quem sobrevoasse nossa terra avistaria então uma enorme planície desértica semeada de dunas falciformes que, como nos desertos asiáticos, se pareciam com pegadas de cavalos gigantescos, vestígios de uma fantástica disparada". Hoje, essas visões retroativas de Rambo soam como uma fúnebre profecia.

Se a *Fisionomia do Rio Grande do Sul* — apesar de hoje ser uma obra rara e disputada encontrada apenas eventualmente em sebos — chegou a receber duas boas edições, em 1942 e 1956, assim como outros importantes trabalhos geológicos, etnológicos, botânicos e zoológicos

que também foram publicados em revistas especializadas, a verdade é que boa parte dos escritos de Balduino Rambo continua inédita e quase desconhecida. Seu herbário que possui 100 mil números e as quatro mil espécies vegetais nativas do Rio Grande do Sul (coletadas e arquivadas pessoalmente por ele) também existe ainda: está no subsolo do Instituto Anchieta de Pesquisas, no prédio antigo na Unisinos, em São Leopoldo. Mas acontece que Rambo pretendia trabalhar pelo menos mais 20 anos nele. E ainda hoje não há ninguém capaz de penetrar com a mesma precisão naquele interminável amontoado de flores, raízes e folhas. Muitos aspectos de sua angustiada personalidade — sua solidão, sua intensa religiosidade, seu temor à morte — também permanecem obscuros e inexplicados.

— Na verdade, ainda é muito prematuro para se falar qualquer coisa a respeito do padre Rambo. Por enquanto, só se pode dizer que ele foi um observador espantoso, um cientista fecundo, uma fascinante personalidade literária; algo muito próximo a um gênio. Todo o resto ainda nos é desconhecido — afirma o padre Arthur Rabuske, de 56 anos, historiador jesuíta que está dirigindo a transcrição do grandioso diário pessoal de Rambo, que revelará muitos destes segredos (mas que, é claro, não será publicado).

São 20 mil páginas totalmente preenchidas por letra miúda e deliciosamente bem desenhada: as primeiras sete mil

"Graças a Rambo e seus estudos o Itaimbezinho foi preservado".

Na verdade, o espírito do padre Balduino Rambo não pode ser chamado de "simples". O estudo de sua vida e de seu diário revelam uma personalidade se não completamente genial, pelo menos profundamente erudita. Rambo dominava perfeitamente 14 línguas e ao morrer estava estudando a décima quinta, o russo. Sabia sânscrito, hebraico e sumério; podia ler e redigir em escrita cuneiforme e, para exercitá-la, transcreveu todo o código de Hamurabi num enorme caderno. Aos 16 anos, fez um resumo da história universal, inteiramente manuscrito. Podia recitar horas a fio, de cor, a Odisseia de Homero, em grego. Diz o Padre Rabuske:

— Aos 20 anos, Rambo dominava inteiramente o alemão gótico, no qual escreveu grande parte de seu diário. Sou formado em filologia e posso afirmar que tive imensa dificuldade em aprender a escrita que ele sabia desde que era rapazote. Suas narrativas em grego das aventuras homéricas realmente ficaram famosas. Mas ainda mais famosos ficaram alguns de seus discursos públicos. Um deles foi pronunciado em São Leopoldo, há mais de 40 anos. Fazem poucos dias encontrei algumas pessoas que ainda lembravam-se com detalhes do que ele havia dito. Rambo, sem dúvida, tinha o dom da palavra.

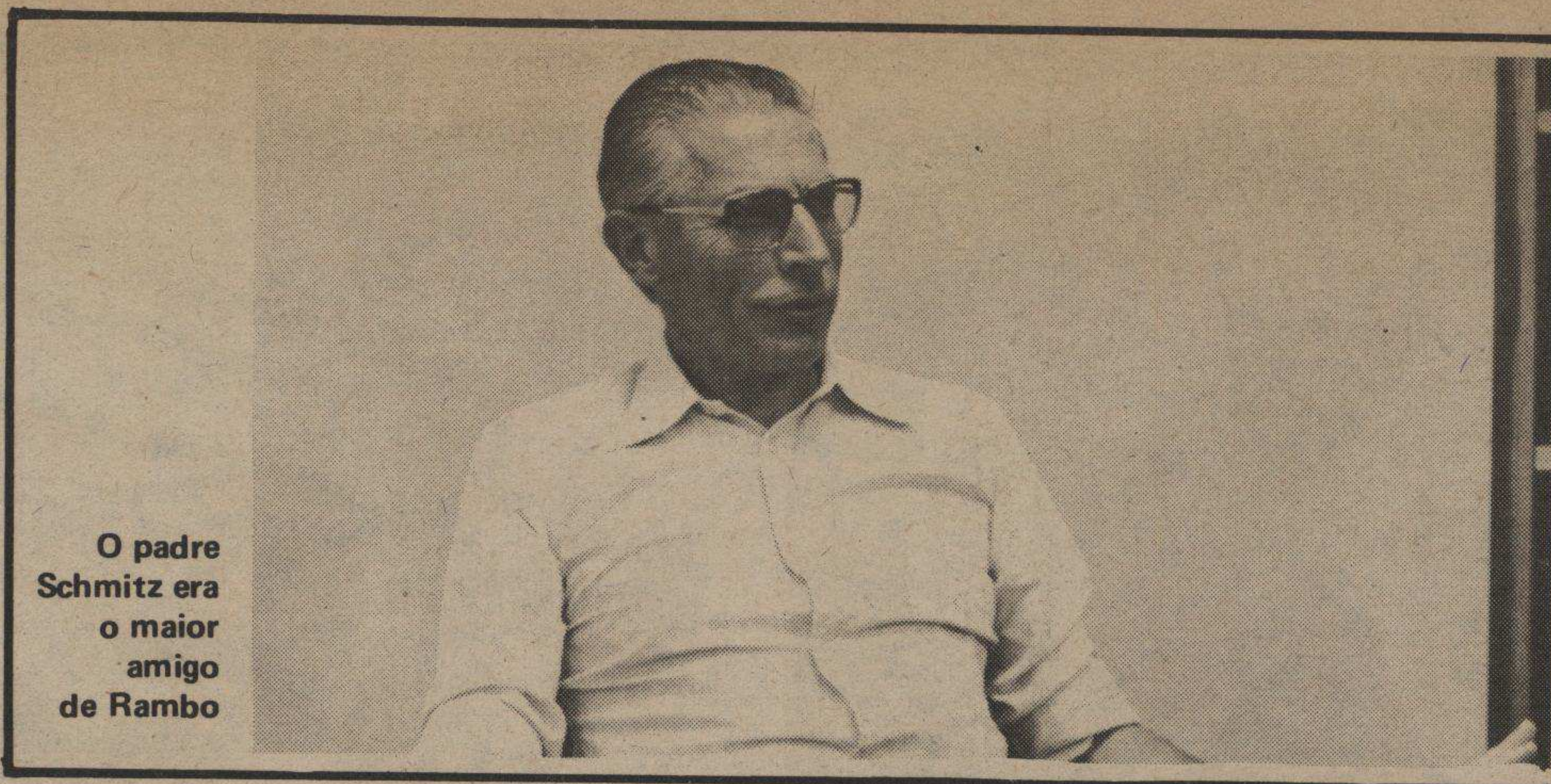
Os extensos discursos de Rambo eram recitados sem que ele fizesse sequer um gesto. Suas mãos ficavam sempre imóveis, cruzadas sobre o ventre ou firmes no microfone. "Quem gesticula muito ao falar está procurando disfarçar o que não sabe dizer", costumava comentar. Profundamente religioso, celebrava a missa diariamente. E seus sermões eram sempre dos mais inspirados, repletos de imagens e citações. Quando ia viajar, deixava a mochila pronta à porta da igreja. Ao terminar a prática, saía em passos rápidos rumo a mais uma de suas jornadas de estudo.

— Certa ocasião puseram tijolos dentro de sua mochila e ele caminhou 20 quilômetros antes de descobri-los... Ficou furioso mas nunca chegou a saber quem tinha lhe

páginas estão redigidas em estenografia; as outras 13 mil em alemão gótico do século IV. Rambo começou a escrevê-lo nos últimos dias de 1919, com 14 anos, e o fez até um dia antes de sua morte. Ali estão anotadas, com uma riqueza impressionante de detalhes, todas as suas jornadas de estudo, que perfazem "122 mil quilômetros; 80 mil no Rio Grande do Sul (12 mil aéreos) e 22 mil no resto do Brasil (14 mil aéreos)". As observações geológicas, botânicas e zoológicas preenchem grande número de páginas, mas seus sentimentos, angústias e alegrias, também ficaram registrados.¹

— Antes de esgotarmos essa fonte primordial, não saberemos quem realmente foi o padre Rambo. Acredito que esse diário ainda vá revelar muitas surpresas, muitas facetas inteiramente desconhecidas dessa personalidade múltipla — comenta Rabuske.

Quem está fazendo a transcrição do diário é o padre Antônio Steffin, de 76 anos. Um homenzinho franzino que diariamente mergulha nas "garatujas" deixadas por Rambo. É em seu quarto, na residência dos jesuítas, ao lado do novo campus da Unisinos, que estão os 30 volumes que formam o diário. Empilhados sobre a mesa, eles superam em altura o próprio homem encarregado de transcrevê-los. Auxiliado por uma lupa, ao lado de uma potente luz de cabeceira, com um suporte sobre a máquina de escrever



O padre Schmitz era o maior amigo de Rambo

para apoiar os grossos cadernos, Steffin avança lenta mas seguramente: ele já transcreveu 2.283 páginas, em espaço dois. Rabuske pediu-lhe a transcrição de toda a parte do diário que vai de 1937 a 1945 — um período turbulento na vida de Rambo por causa da perseguição aos alemães durante a guerra que deve resultar em aproximadamente seis mil páginas. Steffin já está quase na metade de sua árdua tarefa.

— Cada dia Rambo me surpreende e encanta mais. Ele era capaz de escrever centenas de páginas sem cometer sequer um erro. É uma coisa impressionante. Redigir de maneira fluente naquela complicada caligrafia gótica, em minha opinião, já é prova definitiva de genialidade — diz o abnequado Steffin ressaltando, não sem modéstia, que atualmente ninguém, além

dele próprio, seria capaz de fazer essa transcrição.

Mas trata-se de uma tarefa árdua que não pode ser chamada de árida. Afinal, diariamente, Steffin "viaja" junto com Balduino Rambo. Transporta-se para todo o Rio Grande do Sul, graças às descrições minuciosas coloridas e envolventes do naturalista.

"Estudado por terra, numa viagem penosa e interminável, o litoral gaúcho pouco revela de suas belezas naturais. Um vôo, porém, proporciona sentimentos do mais puro gozo estético. Abrangendo toda a faixa litorânea, a observação aérea revela um elemento de surpreendente beleza, quero dizer, a cor. O oceano é profundamente azul marinho; os esquadões da ressaca, brancos de espuma; a praia

úmida, amarela de areia. As dunas móveis são alvas, cristalinas; as dunas vegetadas de mirtáceas são verde-escuras, brilhantes. Os olhos-d'água e as lagunas vão cambiando entre matizes azuis, verdes, cor de café ou de ferrugem, conforme a profundidade e a natureza da vegetação flutuante e submersa. Os capões e matas de galeria assemelham-se a manchas e linhas dispostas pela mão do pintor. As serras graníticas, de tons cinzentos e apagados, estão admiravelmente adaptadas à brumosa distância em que se acham e aos suaves contornos do horizonte por elas formado. Por fim, a Serra Geral, dum verde fosco, profundo, quase preto aparece quadrando com a arrancada de seu talude, a pesada horizontalidade de sua crista.

E assim, os contornos suaves das praias lacustres, a imensa linha reta da praia marítima, as formas caprichosas dos olhos-d'água e das sociedades vegetais, a luz cambiante da água e da areia, conforme a posição do sol, prendem inteiramente o olhar, fazendo descansar o espírito, quer na vastidão brumosa do sul, quer no aconchego gigantesco do norte. Essa multiplicidade de formas e coloridos produzem uma paisagem tão exclusivamente rio-grandense que não existe similar em todo o Brasil. Todo esse imenso painel de água, areia e vegetação conduz o mais perto possível daquilo que se chama a beleza do litoral, atrativo invencível, enquanto houver homens de espírito simples e natural.



Um dos discursos mais famosos do Padre Rambo, em São Leopoldo

pregado a peça — conta, entre risos, o padre Steffin.

Rambo era um trabalhador incansável e metódico. Quando não estava dando aulas, rezando a missa, viajando em pesquisas ou dormindo, estava no laboratório trabalhando. Dormia pouco: deitava-se à meia-noite e às quatro da manhã já estava escrevendo, analisando e arquivando espécies. No inverno, o sótão onde trabalhava era frio e úmido; no verão, quente e abafado. Mesmo assim, ele costumava passar pelo menos dez horas por dia lá dentro.

Foi assim que nasceram alguns de seus livros mais famosos. Como a antológica *Análise Histórica da Flora de Porto Alegre*, um luminoso estudo concluído em 1954, que exigiu 14 anos de trabalho ininterrupto. Nele, Rambo apresenta uma lista completa das 125 famílias, 554 gêneros e 1288 espécies existentes nos arredores de Porto Alegre, fazendo uma análise de sua expansão e migração histórica.

Como os arredores graníticos de Porto Alegre, apaixonavam-lhe também os morros areníticos ao norte da cidade. Dois o encantaram especialmente: o Dedo de Deus, em Morungava e o Morro de Sapucaia.

"Estas formas esculturais, pilares em destruição, formam ruínas de arenito tão singulares que bem mereciam ser incorporadas no patrimônio das belezas naturais. A torre mais alta do Dedo de Deus, inacessível sem meios especiais, levanta-se crestada pelo sol, rachada, coberta de gravatás espinhosos e líquenes cinzentos. Visto à pouca distância

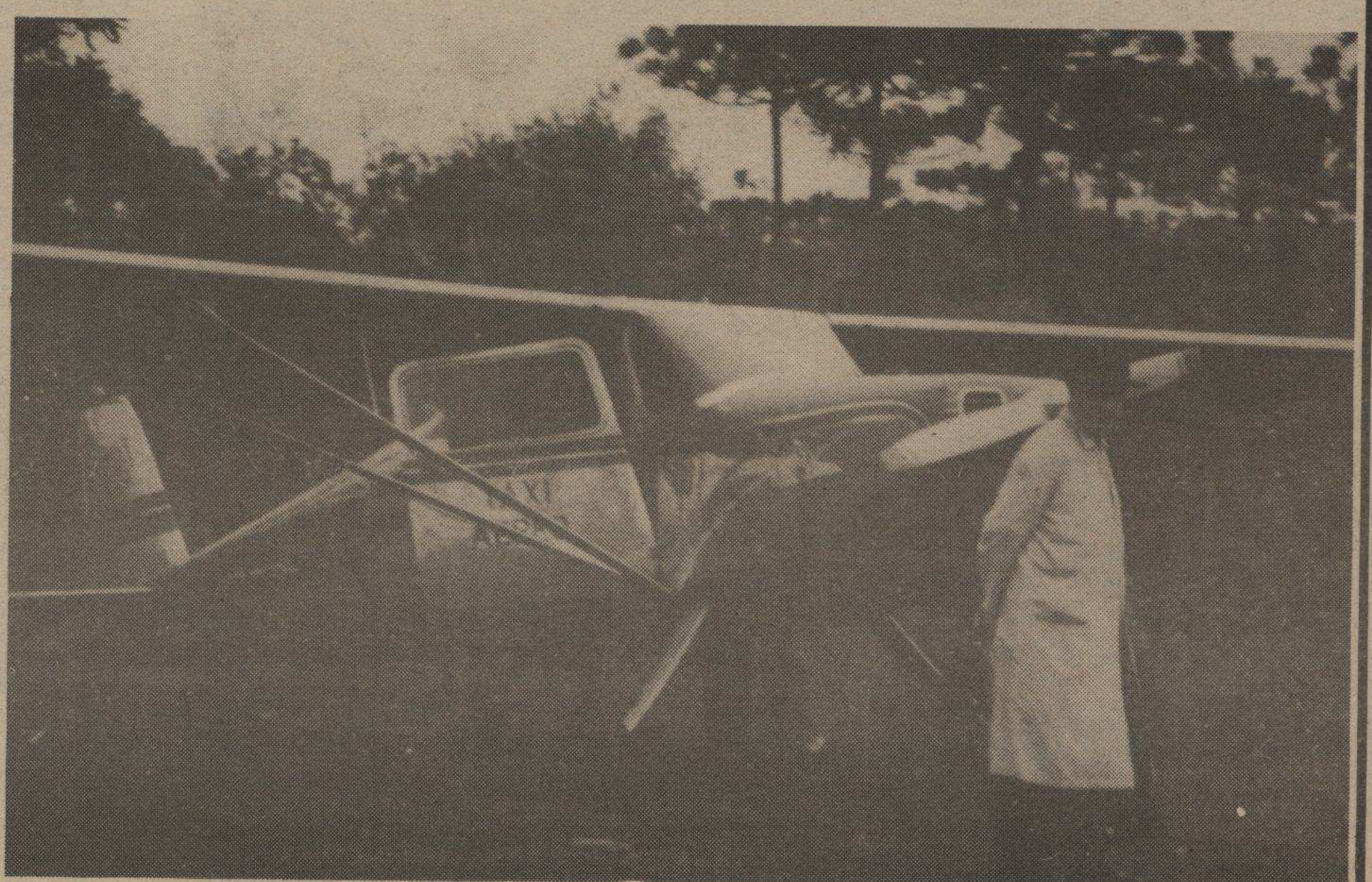
todo o conjunto lembra uma torre colossal ferida no centro por um impacto gigantesco. O típico tabuleiro dessa região, porém é o Morro de Sapucaia.

É óbvio que o "cordão da mata virgem", a "formação riquíssima de espécies" e a "orquídea nova para a flora brasileira" já não existem mais no topo do devastado morro de Sapucaia. Rambo não conseguiu transformá-lo em parque, como pretendia. Felizmente, em sua paisagem predileta em todo o Rio Grande do Sul, os resultados foram diferentes.

— Não restam dúvidas de que a viagem predileta do padre Rambo era para os Aparados da Serra, para o Itaimbézinho, para a Serra Branca, nas proximidades de Cambará do Sul — revela o padre Ignácio Schmitz, de 53 anos, arqueólogo e o maior amigo de Rambo durante seus últimos anos.

Rambo e Schmitz viajavam todas as semanas, "para espairecer". Certa feita, rodaram seis mil quilômetros no velho jipe do naturalista, indo das Missões às serras do Paraná. "Peguei um furúnculo no traseiro, tive que voltar de avião", lembra Schmitz, sorrindo.

Antes de morrer, entretanto, Rambo (muitas vezes em companhia de Schmitz) teve a chance de realizar inúmeras viagens ao Itaimbézinho, do qual deixou soberbas descrições. Lá, como sempre, seu acampamento era primitivíssimo e muitas vezes chegou a dormir embaixo das folhas enormes de *Gunnera*, uma espécie exclusiva daquela região que ele descreveu com profundidade



Foram 400 vôos sobre o Rio Grande.

no seu notável trabalho *A Flora dos Aparados*, publicado em 1949.

"Repentinamente, os morros cessam. À esquerda, uma baixada paludosa muito igual, com um arroio escondido no centro, se limita com um pinhal fechado. Em sua extremidade inferior aparece uma linha de rochedos, dos quais sobem, como vapores duma caldeira, as pontas da cerração. É o Itaimbézinho.

Cautelosos, nos aproximamos da borda e olhamos para o fundo. Um monumento natural sem par se nos apresenta. Numa ponta saliente, um formoso lírio escarlate tremula na aragem. Num salto perpendicular, de cerca de 650 metros, os rochedos cinzentos de líquenes caem no abismo. Logo adiante, numa distância não superior a 300 metros, surgem novamente os paredões perpendiculares, pintados de cinzento e amarelo pelos líquenes, salpicados de lençóis brilhantes de água que goteja nas fendas.

A muito custo conseguimos, aproveitando o leito de um arroio, descer ao canhão: dependurando-nos de tronco a tronco, de cipó a cipó, alcançamos o fundo do abismo. Estamos como que enterrados no seio da serra. Ecos estranhos repetem as nossas palavras, misturando-se com o estrépito das cascatas, os loquazes murmúrios das águas, o barulho da brisa na folhagem. Uma nesga azul de firmamento pende no alto, rendilhada pelas umbelas das araucárias. A água é límpida e fresca, a verdura profunda e macia, a atmosfera saturada de umidade e perfumes. Gotas de orvalho brilham nos ásperos pêlos das *Gunneras*, insetos zumbem

em torno dos tapetes perfumosos de *Peperomias*, algum colibri azul metálico paira diante das flores pendentes dos brinco-de-princesa. Se o tempo permitisse, prosseguiríamos o passeio nessa terra de segredos e encantos.

Mas há outro motivo muito mais insistente para voltarmos: já a brisa cresce em intensidade, já surgem as primeiras fumaças de cerração; se nos surpreenderem durante a subida em terreno desconhecido, perigosa se tornará a ascensão. Ofegantes, com o coração a saltar até a garganta, ganhamos novamente o campo. Atrás de nós, alastra-se o véu impenetrável dos nevoeiros. Nada mais vemos do Itaimbézinho: transformou-se numa caldeira fumegante de vapores, dos quais só emergem as umbelas dos pinheiros mais elevados. Um natural inigualável na rapidez de suas cenas, impressionante na muidez de suas expressões, se desenrola nesse ambiente intato de natureza".

Graças a Balduino Rambo, o Itaimbézinho continua praticamente intacto até hoje. E quem já esteve nesse canyon soberbo pode julgar melhor a impressionante meticulosidade da descrição de Rambo.

— Na verdade, ele é o observador mais arguto, mais preciso e mais rápido que eu já encontrei. Nas suas viagens aéreas, ele chegava a tomar uma nota a cada minuto, como mostram seus diários. Por causa de seu fervor, de sua paixão pela história natural deste estado, seu nome estará sempre solenemente ligado às raízes mais profundas da luta ecológica — conclui Ignácio Schmitz.

Foto Eduardo Tavaes/Em Foco

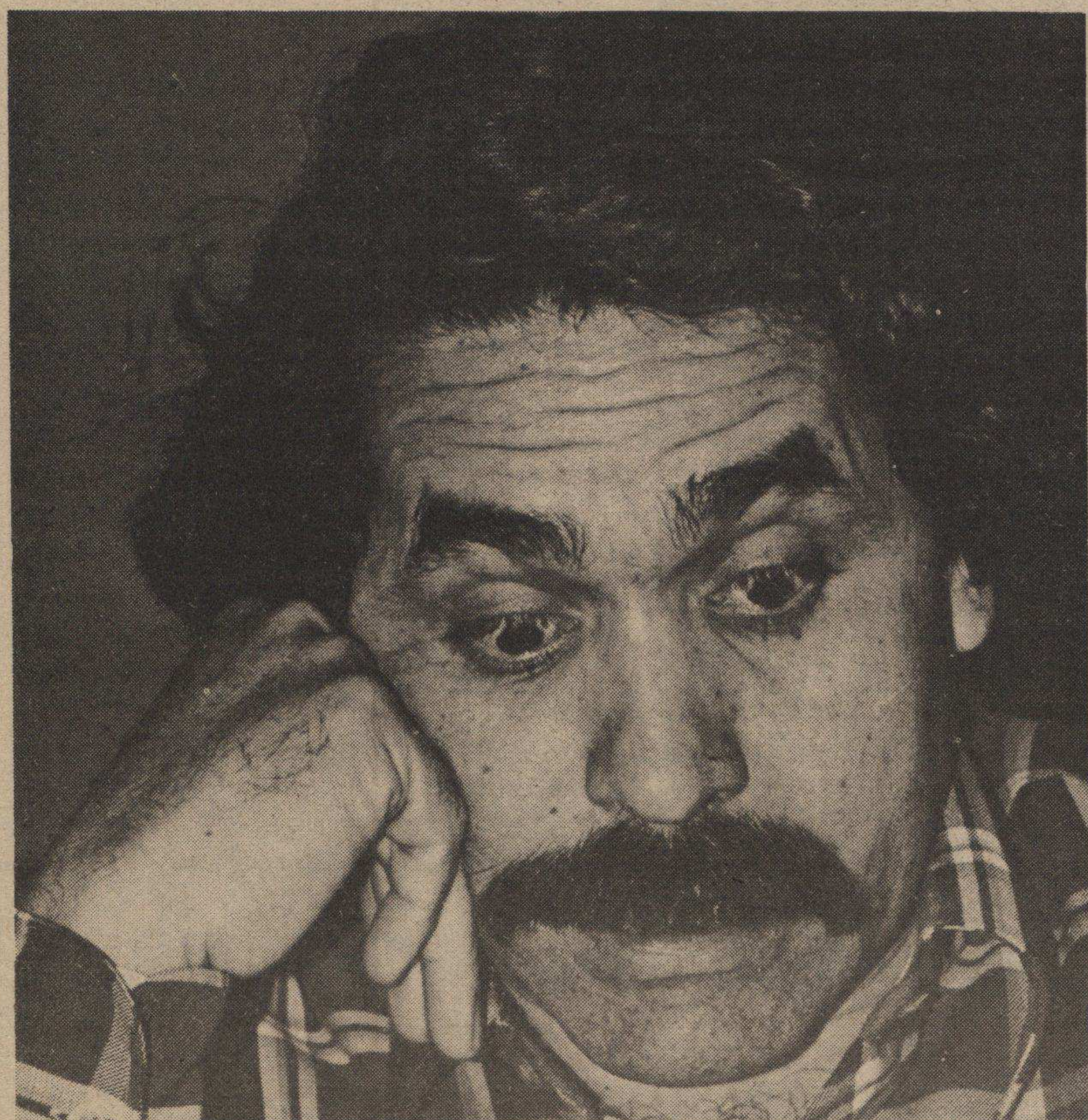


Foto Daniel Andrade



As imagens que revelam detalhes de uma campanha

Foto Luiz Eduardo Achutti



O fotógrafo Eduardo Tavares/Em Foco registrou o encontro de Guazzelli com Omar Ferri na convenção do PMDB. E dizer que Ferri em seu livro "Seqüestro no Cone Sul" chamou o ex-governador de covarde e omissor. Já Daniel de Andrade/Em Foco ficou surpreso com as "cabo-eleitorais" de um candidato do PDS. Em tempo, as moças não conseguiram entrar no Gigantinho. Luis Eduardo — Achutti/Coojornal acompanhou as dificuldades do PT. O atraso no registro desanimou Olívio Dutra e levou Lula ao desespero. Carlos Alberto Silva/Caldas Jr. registrou o discurso de Tania Simon e a preocupação do senador. Finalmente Adolfo Gerchmann/Manchete fotografou as dificuldades de um futuro eleitor.

Foto Luiz Eduardo Achutti

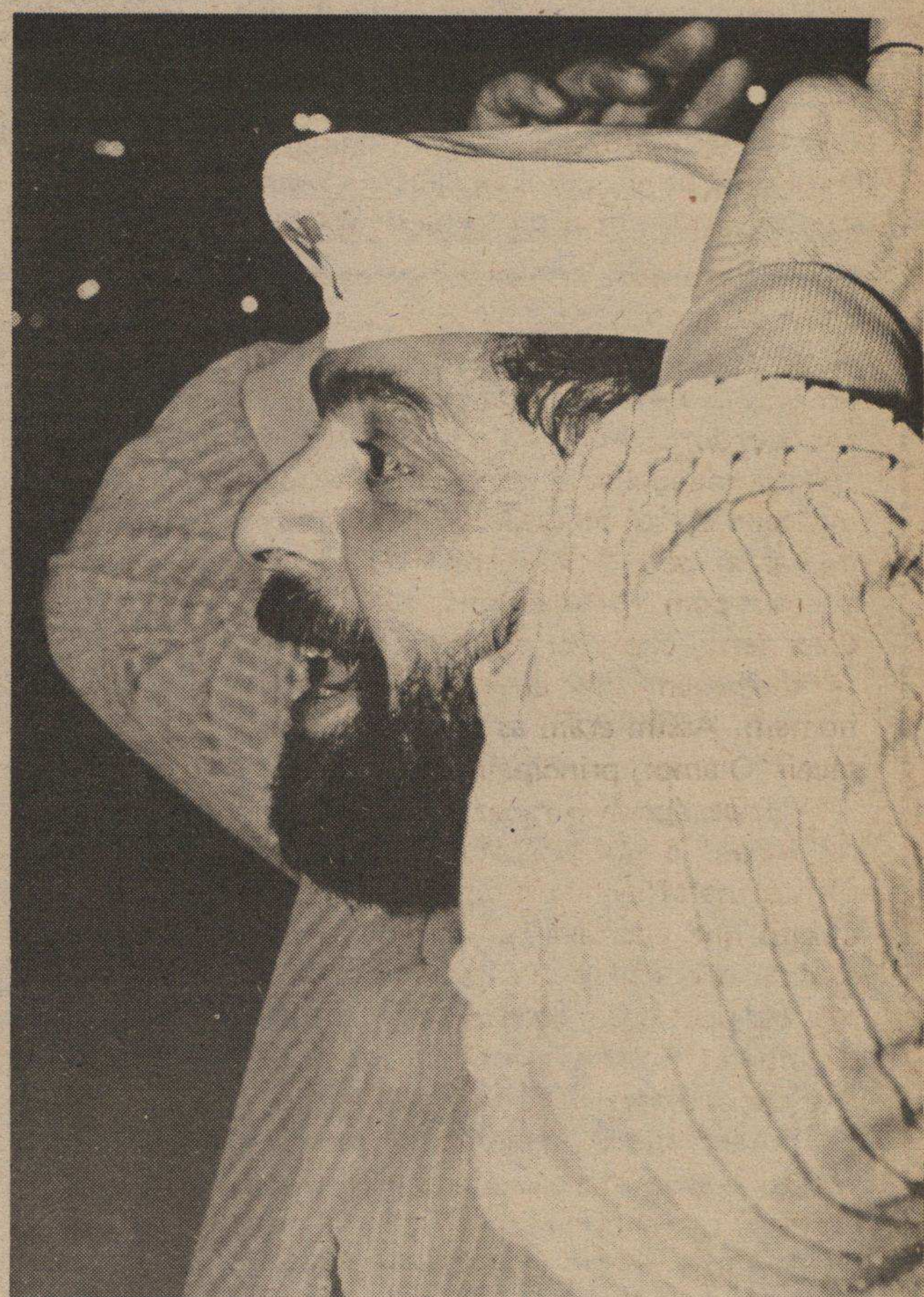


Foto Carlos A. Silva/EJCJ



Adolfo Gerchmann



O dia em que o mar recuou

Nos três primeiros anos da década de 70, o Chile foi pródigo em ensinamentos. Por exemplo: para o menino, no Brasil, o Partido Comunista era uma entidade misteriosa — invisível — e, no entanto, perfeitamente audível. Na verdade, o Partido Comunista era uma madrugada de verão. Mais ainda: eram os foguetes que espoucavam, durante dez ou quinze minutos, nessa madrugada de verão, na pequena cidade fronteiriça. A mãe explicava: são os do Partido Comunista comemorando o aniversário do Prestes.

Foi no Chile de Salvador Allende, 1972, que o Partido Comunista tornou-se, também, visível. O rapaz acabara de descer do ônibus, depois de dez horas atravessando a Cordilheira. Ainda sonâmbulo, caminhou lendo os nomes das ruas da cidade estranha. Na esquina de Ahumada com Alameda quase foi derubado pelo Partido Comunista. Era uma horda, uma massa, um tumulto, uma legião, um mar de bandeiras vermelhas. Nessa noite encontrou Taradinho. Taradinho: 20 anos, gaúcho, asilado há seis meses em Santiago. Tchê, disse Taradinho, tu sabe de onde vem esse costume de gaúcho dizer tchê? O rapaz não sabia. Nem o Walter Spalding sabia tal portento. Taradinho sabia. Do alto de sua sabedoria, esmagou o rapaz. Vem da palavra mapuche, o nome de um povo indígena do sul do Chile. Alguns deles emigraram para a Argentina durante as guerras com os espanhóis. Mapu quer dizer terra, che quer dizer homem. Eles se chamavam uns aos outros de che, homem. Assim eram as coisas no Chile, fáceis. O amor, principalmente.

Nessa época o rapaz tinha os cabelos longos e um perpétuo ar de sofrimento metafísico. Era apenas o sapato direito que apertava no calcanhar, mas as lolas não sabiam. Pensavam que o rapaz era poeta. Ele tolerava a ignomínia. Os poetas tinham prestígio, no Chile, entre as mulheres de boa vontade. Nunca, porém, desceu a ponto de escrever versos. Mas assistia a conferências, o que também não é abonador. Foi ver Neruda dar uma conferência no Pedagógico em Valparaíso. Os poetas que conhecia em Porto Alegre eram jovens e de palidez romântica. Neruda era gordo. Neruda movia-se com lentidão. Neruda tinha uma voz que parecia unhas compridas arranhando uma folha de zinco. Neruda dava sono. Neruda era comparável a um grande ídolo asteca, mofado. Neruda lembrava um imenso sapo tratado a toddy. O rapaz saiu de mansinho, comprou Canto General na livraria da Faculdade e caminhou até a costanera. Na frente do grande mar abriu o livro e o ar salgado e o vento sul foram se povoando da altura das cordilheiras, do vôo das gaivotas, do suco das frutas, do aroma das flores, da umidade das grandes florestas e da vastidão dos desertos e também dos soluços dos homens e dos seus anseios e de suas lutas e de terremotos e de generais de bigode e de minério e de dentaduras postizas e urina dourada e a Cooper Company e massacres e albatrozes feridos e solidão e Pablo. O livro poderia transformar-se num condor. Tudo poderia acontecer. O Chile era fácil. Por isso, escutou com atenção o relato da jovem professora divorciada, na esplanada do Cassino de Viña, ouvindo o mar morder as pedras, saboreando o gos-



to ácido do pisco sauer. Ela já bebera meia garrafa de tinto e sua voz começava a tornar-se seda. O grande maremoto aconteceu em 1967, ela contou, há cinco anos. Foi em setembro, época das grandes ressacas. Às vezes, formavam-se ondas de mais de oito metros que rebentavam na amurada. Uma das diversões do fim de inverno era ficar à tarde assistindo as ondas rebentarem. Mas, nesse dia, o mar estava quieto. Na verdade, estava estranhamente quieto. Nunca vimos o mar assim tão calmo, como se fosse um lago. Era quase crepúsculo, e havia uma luz violeta, imóvel. Então (quase ninguém se deu conta) o mar começou a recuar. Nada demais. Na maré baixa o mar recua sempre. Mas aqui em Viña não é assim. A gente quase nunca percebe o movimento das marés porque o mar é muito fundo. Tem essa faixa de areia e dois metros mais começa o abismo. É abismo mesmo, não é força de expressão. Isso aqui é a continuação da Cordilheira. Por isso o movimento das marés é tão curto. Nesse fim de tarde o mar começou a recuar e não parou. Foi isso que a gente percebeu. Não parou. O movimento era imperceptível. Parecia um lago. Mas ali, à luz violeta do crepúsculo, pouco a pouco, o mar recuava e começava a mostrar o que jamais ninguém imaginou que poderia ver um dia: o abismo. Começou a juntar gente. Começou a sentir-se um cheiro cada vez mais forte de maresia. Começou a esfriar e não era apenas o medo. Era o abismo. Pouco a pouco, como um exibicionista, como alguém cometendo o gesto mais obscuro, a suprema quebra do pudor, o mar foi revelando suas entra-

nhas e suas entranhas eram o abismo. Cheirava. A cidade começou a impregnar-se de um odor tão forte de mar que foi preciso abrir as janelas e perfumar os lenços e abanar-se. Mas nada o detinha. Ele recuava. Aparecia o fundo rochoso, molhado, negro. E as algas. E corais. E coisas que só a imaginação via, como um galeão espanhol. Eu o vi. Mas fui só eu que o vi. E conto agora que o vi porque já bebi demais e já comeci a contar. Era noite quando o mar chegou até o horizonte e deixou na nossa frente uma paisagem única, lunar, rochosa, molhada, negra, deserta, gelada, exalando eflúvios de sargaços e algas e baleias e abismo. Lá no horizonte a grande massa de água salgada. A nossos pés o abismo pavoroso. O medo chegou de repente, sem aviso. Em pânico a população fugiu. E o mar se precipitou como um exército. Não posso contar porque não fiquei para ver e quem ficou não pode contar, mas ele desceu sobre a cidade e arrasou todos os prédios da costa, alcançou o sexto andar dos edifícios e chegou ao centro, à rua principal, devastando. Durante uma semana ocupou a cidade, criando rios que arrastavam tudo. Até hoje tenho uma irmã que perdeu o juízo e nunca mais saiu do décimo segundo andar onde vivemos. Era fácil. Baiano dizia que era porque havia uma Revolução nas ruas. Baiano: vinte e cinco anos, exilado há dois em Santiago, baiano. Talvez pela origem que tinha, apreciava frases. A história aqui se escreve nos muros, dizia bem devagar e com ar solene. Todo chato recém-chegado era imediatamente encaminhado para o Baiano, por vingança. Porém — com a constatação do baia-

no ou não — havia qualquer coisa nas ruas. Talvez fosse a revolução. Havia frenesi, espasmos de alegria, juventude, passeatas, manifestos, carabineros de máscaras, gás lacrimogêneo, empanadas, vinho barato. Nos cafés discutiam em altos brados colombianos, uruguaios, haitianos, argentinos, bolivianos, equatorianos. Havia um americano chamado David e que mataram no dia do golpe. Vietnamitas. Panteras Negras. No ar, nas árvores, nos muros, em algum lugar e em todos movia-se uma força enorme e que talvez fosse a Revolução tão esperada. Movia-se com tanta energia que o rapaz pensou, generosamente, que tivesse alcançado quem sabe, até o murcho coração dos burocratas do Partido. Havia cumplicidade com as mulheres e tanto melhor para quem tivesse o tal profundo ar de sofrimento metafísico. Ouvia-se música tristíssima nas peñas populares. Havia magníficas discussões sobre o Nada na Faculdade de Arquitetura. Aconteceu um verão deslumbrante em Valparaíso. O MIR passeava sua face jovem, irada, transpirante de febre sagrada. Havia uma distância arterial entre o Chile e o mundo. Luzes ladrilhadas. Uma permanente maresia. Atentados. Caminhoneiros. A voz do presidente Allende. Salvador foi o maior tribuno da América Latina. Sua voz ressonante tinha o dom de devolver a coragem como a Marselhesa num campo de batalha. Gabriel Garcia Marquez: "Sua maior virtude foi a conseqüência, mas o destino deu-lhe a rara e trágica grandeza de morrer defendendo à bala a empulhação anacrônica do direito burguês, defendendo uma Corte Suprema de Justiça que o tinha repudiado e haveria de legitimar a seus assassinos, defendendo um Congresso miserável que o tinha declarado ilegítimo mas que sucumbiria agradecido ante a vontade do usurpador, defendendo a liberdade dos partidos de oposição que tinham vendido sua alma ao fascismo, defendendo toda a parafernália contaminada de um sistema de merda ao qual ele tinha-se proposto a aniquilar sem disparar um tiro". Vendo os aviões sobre La Moneda, os tanques nas ruas, a histeria dos grupos fascistas, os caminhões carregados de cadáveres, o rapaz aprendeu o derradeiro ensinamento. Toda eleição é uma farsa. Todo voto é inútil. No Chile, foi fácil.

Hoje, nove anos depois, o Chile é um país acatado. Tem um Milagre Econômico. Tem eventuais plebiscitos. Tem, também — e ainda — o toque de recolher, as "leis de excessão". Isso as pessoas civilizadas toleram. O importante é que haja eleições, plebiscitos, essas aparências que legitimam qualquer ordem ou desordem contando com a cumplicidade coletiva. E que institucionalizam a hipocrisia.

Em todo o caso, é bom pensar que um dia houve uma utopia num país tão próximo, e essa utopia ou o que seja avassalava as ruas, os muros, o ar, os corações. Em que houve um tempo em que a fraternidade era a ordem e que todos eram jovens. Que a esperança fazia parte dos hábitos de higiene. Que havia uma palavra hoje fora de moda — Revolução — e que, com o sapato apertado no calcanhar apenas o suficiente para produzir um ar de sofrimento metafísico ganhava-se a convivência das mulheres.

A Faculdade Alternativa

O aluno Itamar Aguiar, falando em nome da turma de formandos do curso de Comunicação da UFSC, avaliou a disciplina de Jornalismo Interpretativo e Opinativo: "Faltou direção e aprofundamento e as metas propostas não foram atingidas". Ele também criticou a "desvinculação ainda existente entre as disciplinas teóricas e as práticas ou profissionalizantes". O auditório concentrava dezenas de professores e alunos do Curso de Comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina habilitação Jornalismo.

Este tipo de seminário, realizado durante uma semana — 12 horas por dia — ao início de cada semestre, para avaliar o anterior e planejar atividades futuras, é apenas uma das experiências desenvolvidas no curso de Comunicação da UFSC. O curso, dirigido por uma Comissão Paritária entre professores e alunos com o mesmo direito, pretende demonstrar que existem alternativas viáveis para a melhoria do estudo de Comunicação no Brasil.

"Na prática, estamos procurando superar a idéia de que os cursos não devem ser fechados, como querem os empresários de comunicação, apenas para não ferir a legislação", afirma César Valente, coordenador do Curso. "Isto é importante, mas temos que lembrar nosso papel de criar uma reflexão crítica e científica sobre a prática profissional". O coordenador Daniel Herz completa: "Temos dois objetivos fundamentais: o primeiro é a politização no sentido civilizatório, ou seja, equipar os futuros profissionais com o patrimônio das ciências humanas

e sociais. O segundo é a capacitação técnica: para atuação profissional. Adotando esses dois objetivos já estamos recusando o enfoque instrumentalista que vem embutido no currículo mínimo fixado pelo Conselho Federal de Educação. O grande problema é traduzir esses objetivos na estruturação do curso e esse problema só pode ser resolvido coletivamente, com a participação de professores e alunos".

Questionar diariamente o sentido da administração, do ensino e da pesquisa é algo cansativo. O curso vive em assembléia permanente. "Hoje estamos alertas para a importância de combater o reunismo, que poderíamos chamar de doença", diz o professor Ayrton Kanitz. "Definir o que pode e deve ser decidido coletivamente é algo que nós, professores e alunos, ainda estamos aprendendo. Mas é melhor pecar pelo excesso de zelo do que pela criação de obstáculos à participação de todos".

A experiência do Curso de Comunicação da UFSC tem gerado resultados, no mínimo, polêmicos. Daniel Herz explica: "Estamos começando a rejeitar a estreiteza das habilitações na área de Comunicação. A fragmentação de área em Jornalismo, Rádio e TV, Relações Públicas e Publicidade é uma imposição direta do sistema produtivo. A universidade deve propor um papel social, portanto, político, para os profissionais de Comunicação, que pode se realizar tanto num grande jornal da grande imprensa, como numa empresa de TV. E também em comunicação, popular, em animação da vida cultural de um bairro da periferia, desenvolvida por uma coopera-

tiva ou assessoria de um sindicato. Por isso, o profissional deve ser versátil a ponto de saber fazer jornal, programa de vídeo-tape, audiovisual, cartaz, ou planejar uma intervenção social, como fazem os relações públicas".

A aluna Márcia Costa, por exemplo, optou por um trabalho arrojado em seu projeto experimental. Alugou um cinema no município de Tijucas, que possui 54 bares, e o transformou num centro de cultura que vende jornais, revistas e livros. Além disso, Márcia está programando filmes, peças de teatro, cursos de arte, atividades para crianças, jovens e velhos, palestras sobre economia popularizada para pequenos comerciantes e agricultores. No primeiro mês, o centro já demonstrou sua viabilidade e auto-suficiência econômica. A experiência já é considerada um projeto piloto para a definição de novas alternativas.

O projeto experimental do aluno Jarsom Frank complementa esses esforços. Ele vai mapear todo o mercado considerado alternativo adequado a esse perfil profissional, incluindo prefeituras, cooperativas, sindicatos e entidades associativas. Além disso,

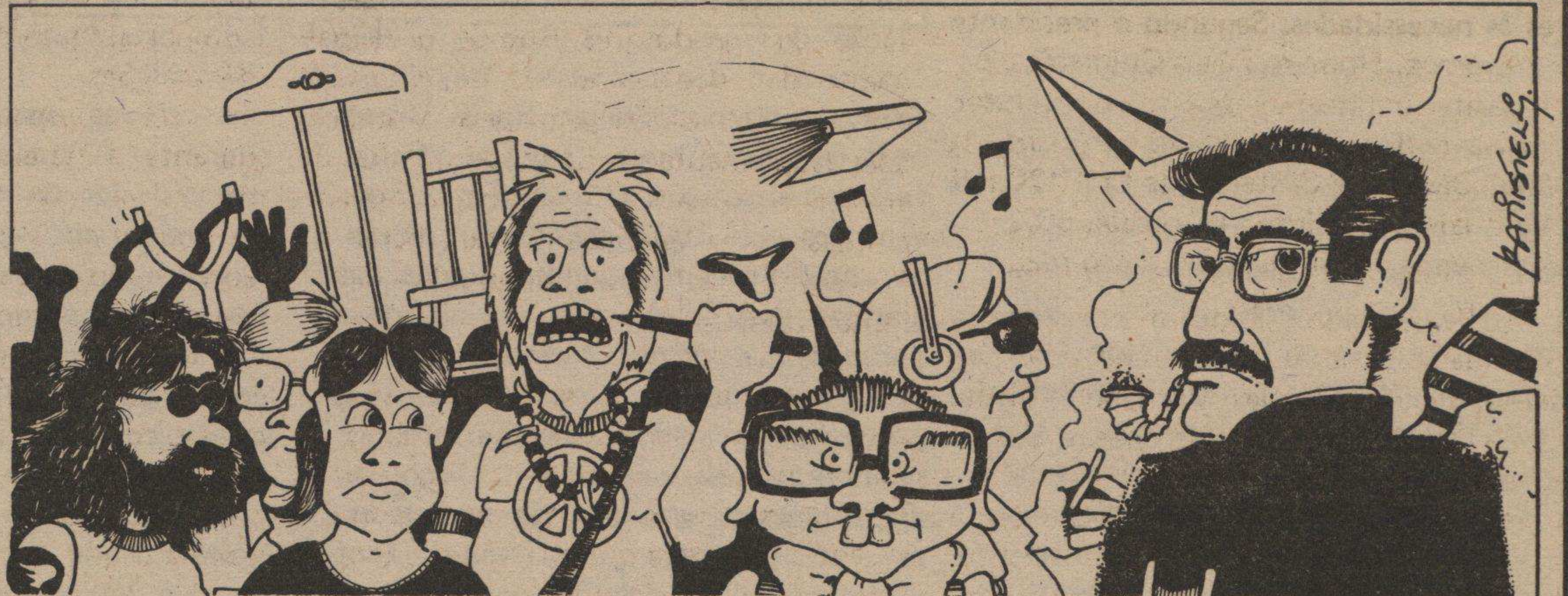
Frank fará a campanha publicitária apresentando a primeira turma do curso, que se forma no fim do ano. Os projetos experimentais podem ser desenvolvidos em três áreas: pesquisa científica, grande reportagem e prática em comunicação institucional. Entre os demais projetos da primeira turma, encontram-se tanto uma reportagem completa sobre o problema fundiário de Santa Catarina até o estudo sobre o papel da programação infantil da TV nas crianças de primeiro grau.

Para suprir o problema do estágio, foram criados seis laboratórios: áudio, vídeo, fotografia, pesquisa e documentação, imprensa e agência de notícias. Os estágios são voltados principalmente para a produção de material de ensino e pesquisa relevantes para o Curso. Certas atividades do estágio podem ser desenvolvidas fora da universidade, mas apenas nas atividades de extensão desenvolvidas pelos laboratórios, o que obriga a Universidade a abrir-se à sociedade.

O curso de Comunicação Social da UFSC, com quase quatro anos de existência conta com outros pontos a seu favor. No ano passado, sediou e organizou

o X Congresso Brasileiro de Comunicação da União Cristã Brasileira de Comunicadores (UCBC), o maior da área comunicação já realizado no país, com 200 conferencistas e 1.600 participantes. Em julho deste ano, patrocinou o VI Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação (Enecom), que foi reestruturado por proposta dos estudantes de SC. Deixou de discutir generalidades da conjuntura para aprofundar a discussão científica e política dos temas da Comunicação. Em 1983, realizará o 7º Congresso da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação (Abepec) e disputará com o Panamá o direito de sediar o III Congresso da Federação Latino-Americana de Escolas de Comunicação (Felacons), que tem sede em Lima.

Professores e alunos são unânimes em afirmar que os problemas estão longe de ser resolvidos e declaram que o Curso ainda não tem as condições básicas de funcionamento. Faltam equipamentos de TV e a necessidade de espaço é crônica. Algumas disciplinas falham, mas ninguém quer abrir mão das experiências.



Comunicação do oprimido e mercado de trabalho

No 6º Congresso da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa de Comunicação, realizado em julho último em Belo Horizonte, o Curso de Comunicação Social da UFSC apresentou uma tese sobre a organização dos Cursos de Comunicação no Brasil. Aqui alguns trechos do trabalho:

"Ou fazemos uma comunicação do oprimido ou fazemos contra ele. O papel do comunicador é um papel político. Sempre que o comunicador deixou de fazer política, escondendo-se atrás de uma pseudoneutralidade da comunicação, estava fazendo, com sua omissão, a política do mais forte, a política da dominação. E dominação é a expressão da hegemonia das classes que detêm o controle do capital e a propriedade sobre toda a sociedade e especialmente sobre as

classes que produzem e reproduzem o capital".

"A verdade é que as escolas de Comunicação nunca se constituíram como um local de tomada de consciência da verdadeira natureza dos problemas da Comunicação no Brasil. Os cursos atenderam as exigências de formação de mão-de-obra para um mercado privado — comercial com uma submissão servil. Mas a verdade, também, é que as escolas não apenas reproduzem a ideologia dominante, mas também produzem ideologia. E estas reflexões são, justamente, sobre as possibilidades de uma produção contra-hegemônica nas escolas".

"Entendemos que o predomínio do ensino nas atividades das instituições de ensino superior decorre do predomínio dos interesses do capital, que atribui

às escolas a formação de mão-de-obra especializada. A retomada das atividades de extensão é uma forma de reverter essa tendência de apropriação privada do conhecimento, caracterizada no ensino, e estimular a distribuição social da cultura, da ciência e da técnica que se acumula e produz na universidade. Esse problema é crucial nas instituições de ensino superior privadas e a luta, nestas, adquire um caráter particularmente importante".

"A definição de mercado de trabalho em que os formandos irão atuar orienta, quer se observe isto ou não, a natureza e o caráter da formação profissional. Entendemos, por isso, que a discussão dessa definição deve ser considerada como questão política primordial. Essa definição é pressuposto básico para a organização dos currículos, dos

programas de disciplinas e de toda a estruturação dos Cursos".

"Nenhum currículo, programa de disciplina, horário de aulas, atividades de pesquisa ou extensão pode ser tomado como algo dado, definido a priori. Todas as definições sobre os Cursos devem ser passíveis de análise e reformulação. Antes de qualquer definição sobre a estruturação

pedagógica ou administrativa dos Cursos temos que pensar nos objetivos que nos orientam, e muitas vezes estão por trás, dessas definições. Isso implica tanto na identificação de motivos escusos, implícitos nas estruturas que se quer superar, como também formular novos objetivos e definir meios de se alcançar esses objetivos".

Para Deputado Federal

PMDB

PINHEIRO MACHADO NETTO

Governador SIMON

Um movimento de 400 mil produtores gaúchos

As concessões do Governo Federal foram pequenas, em relação ao que os agricultores pretendiam. Mesmo assim, a mobilização dos produtores gaúchos, que desembocou no Dia do Protesto (27 de julho), pode ser considerada a mais importante dos últimos 20 anos e certamente terá reflexos marcantes no futuro da agricultura gaúcha. Para os dirigentes de cooperativas e sindicatos rurais, apesar da intransigência do Governo, o grande saldo da manifestação foi o aumento de consciência do produtor sobre seus problemas e a forma de resolvê-los. Afinal, como ressalta o presidente da Fecotrigo, "o movimento está apenas começando e seu final não tem data marcada".

No Dia do Protesto, 400 mil agricultores de 200 municípios do interior gaúcho, saíram às ruas em repúdio à falta de recursos para a agricultura, algo impossível de imaginar há 10 anos, quando a euforia da soja colocou o produtor na era do cosmismo e praticamente liquidou a cultura de subsistência. A realidade atual, ao contrário, é o crescente endividamento do agricultor junto às instituições financeiras, única forma que encontra para continuar na atividade.

Segundo cálculos da Fecotrigo, na última safra os produtores perderam Cr\$ 4.800,00 por hectare, enquanto os bancos lucraram Cr\$ 11.000,00. Para este ano, as estimativas são ainda mais pessimistas: se a safra for boa, mesmo assim o produtor perderá Cr\$ 10.000,00 por hectare, enquanto os bancos faturarão Cr\$ 25.000,00 por hectare. Ou seja, o produtor gasta para plantar mais do que colhe. E os financiamentos são bastante inferiores às necessidades. Segundo o presidente da Fearroz, Homero Pêgas Guimarães, para plantar um hectare de arroz o produtor precisa gastar Cr\$ 186 mil, enquanto o Valor Básico de Custeio é de Cr\$ 120 mil dos quais o produtor só recebe 50%, ou seja, menos de um terço do custo real.

Estes dados colocam por terra a prioridade agrícola, enfatizada pelo Governo, segundo Jarbas Machado: "Existe a prioridade em termos de tarefas. Se exige que a agricultura gere excedentes exportáveis para controlar a dívida externa e ao mesmo tempo que produza substitutivo energético e alimentos em abundância, para baixar a inflação. Mas o Governo não faz nada para que os produtores cumpram este papel".

E a tal de prioridade agrícola?



A crise atinge principalmente o pequeno proprietário, que sofre a cada ano o risco de não ter condições de sobreviver na atividade e atinge o médio proprietário, habitual devedor de bancos, e até o grande é atingido, pois fica sem opções de investimento. Com base nestas necessidades, as cooperativas e os sindicatos de trabalhadores rurais desenvolveram um longo processo de discussão e conscientização dos produtores, através principalmente dos departamentos de educação das cooperativas. As principais reivindicações (suplementação do custeio, linhas de crédito e suspensão de juros) foram incluídas numa enérgica Carta Aberta ao Presidente João Figueiredo, publicada nos jornais do Estado.

Há dois anos, os produtores gaúchos haviam colocado suas máquinas na rua em protesto contra o confisco de 7% sobre a exportação de soja, anunciado pelo então ministro da agricultura, Delfim Netto. Na época, a mobilização envolveu 200 mil produtores, o que bastou para que o Governo desistisse da medida. As cooperativas evitaram apoiar abertamente

as manifestações devido à neutralidade cooperativista prevista em lei.

Este ano, pelo contrário, o cooperativismo fez questão de atuar ao lado dos sindicatos, promovendo reuniões e mobilizando os associados. Em maio, durante o Seminário de Canela, os dirigentes cooperativistas decidiram traduzir seu poderio econômico em força política, mas evitaram aprofundar a discussão sobre o comportamento do cooperativismo diante das eleições.

No dia seguinte ao Dia do Protesto, durante a Assembléia de reestruturação da Organização das Cooperativas do RS, as cooperativas chamaram os candidatos ao Governo do Estado e expuseram o programa eleitoral do cooperativismo gaúcho. No documento, respeitam a "neutralidade partidária das entidades cooperativas, mas recomendam a participação política de todos os cooperados". Quanto à política agrícola, as cooperativas exigem que se decida o que, quanto e como se pretende produzir. E, mais importante, que o Governo assegure crédito adequado à atividade rural para atingir maior produtividade sem exaurir os recursos naturais.

O programa político ainda trata de alguns tabus do sistema como a questão fundiária, que historicamente o sistema cooperativista evitou discutir, na medida em que uma parcela significativa de seus associados é constituída por latifundiários. O programa pede "pela racionalização dos vazios territoriais, por uma política clara de viabilização para as pequenas propriedades rurais, atualmente antieconômicas e pela implantação de linhas de crédito fundiário acessíveis e de longo prazo. O programa ainda fala em autogestão do sistema cooperativista e escolha do próximo Secretário da Agricultura entre as lideranças cooperativistas.

Depois, ouviram o que os candidatos tinham a dizer. O senador Pedro Simon falou das coincidências entre as propostas lançadas pelas cooperativas e o programa do PMDB. Jair Soares preferiu relatar um histórico do cooperativismo gaúcho. Olívio Dutra afirmou a necessidade de ligação entre o cooperativismo de produção e o de consumo. O candidato a vice-governador do PDT, Otávio Caruso da Rocha, representando Alceu Collares, disse que as bases do partido reivindicam maior atenção ao cooperativismo. Os candidatos da oposição comprometeram-se em escolher o futuro Secretário da Agricultura entre os cooperativistas e todos prometeram maior atenção ao sistema. Afinal, como afirmou Pedro Simon, o atual Governo estadual destina menos de 3% à agricultura e 9% à Segurança.

Durante as reuniões de avaliação do movimento, um representante de cooperativa afirmou: "Este descaso do Governo vai se refletir nas eleições". Ou seja, as queixas dos produtores poderiam se transformar em votos para a oposição, o que sem dúvida, deve estar preocupando os candidatos do PDS, afinal só o cooperativismo representa uma fatia nada desprezível do eleitorado, calculada em um milhão de votos. O presidente da Fecotrigo, Jarbas Machado, entende que seria cedo para o cooperativismo assumir um papel mais forte nas eleições: "O movimento ainda é incipiente e se o cooperativismo fosse apoiar, por exemplo, uma lista de candidatos comprometidos com a nossa luta, esses nomes seriam escolhidos pelas lideranças e não pelas bases. Mas nas próximas eleições, entendo que as cooperativas devem assumir uma posição em bloco de apoio a candidatos ou até mesmo a partidos políticos".

As cooperativas nos países subdesenvolvidos

O que uma cooperativa pode fazer na economia de um país do Terceiro Mundo? As cooperativas podem, realmente contribuir para a mudança de estruturas econômicas? "Cooperação e Desenvolvimento" é um raro livro sobre o papel das cooperativas, analisando estes assuntos em profundidade. São 240 páginas de informação e análise sobre a importância deste sistema econômico para a estratégia de crescimento de um país como o Brasil.

O autor, Dieter W. Benecke, aprofunda estudos sobre a economia dos países em desenvolvimento; o que se pode esperar das cooperativas neste processo; os fatores positivos e negativos da atividade cooperativa; o Estado controlador da atividade cooperativa; a busca de novos caminhos para superar o fracasso da política de desenvolvimento nos países capitalistas e socialistas.

COOPERAÇÃO & DESENVOLVIMENTO

O papel das cooperativas no processo de desenvolvimento econômico nos países do Terceiro Mundo

Dieter W. Benecke

DEBATE 2

Uma co-edição COOJORNAL e ASSOCENE

Preencha o cupom anexo e remeta-o junto com vale-postal ou cheque, para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre - Rua Comendador Coruja, 372 - Porto Alegre - 90000 - RS.

Solicito enviar...exemplar(es) do livro "Cooperação e Desenvolvimento", ao preço unitário de Cr\$ 500,00 cada.

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ CEP: _____

Guatemala

UM PAÍS ONDE TUDO SE DECIDE POR BAIXO DO PANO



A abertura acabou... na Guatemala, um país de grandes farsas. Onde a oposição é clandestina e o governo é dirigido por forças externas. Farsa também foi a eleição do dia 7 de março deste ano. Apesar de todo o esforço dos conselheiros norte-americanos, não deu certo. O fato de nenhum dos oito candidatos à presidência ter obtido a maioria, levou os jovens oficiais guatemaltecos ao tradicional "golpe de estado" no dia 23 do mesmo mês.

O general Efraín Ríos Montt — candidato presidencial derrotado em 74 — foi retirado de um seminário, onde fazia seu retiro religioso, e colocado na presidência. E aí não se falou nas eleições, nem nas inacabadas, nem em outras futuras.

A Guatemala é o maior e potencialmente mais rico país da conturbada América Central. Mas tem também a mais longa tradição de violência política, anterior mesmo a Nicarágua e El Salvador. Relatórios da Anistia Internacional estimam que desde 1966, ano de recrudescimento da guerrilha, pelo menos 34 mil pessoas morreram nos conflitos.

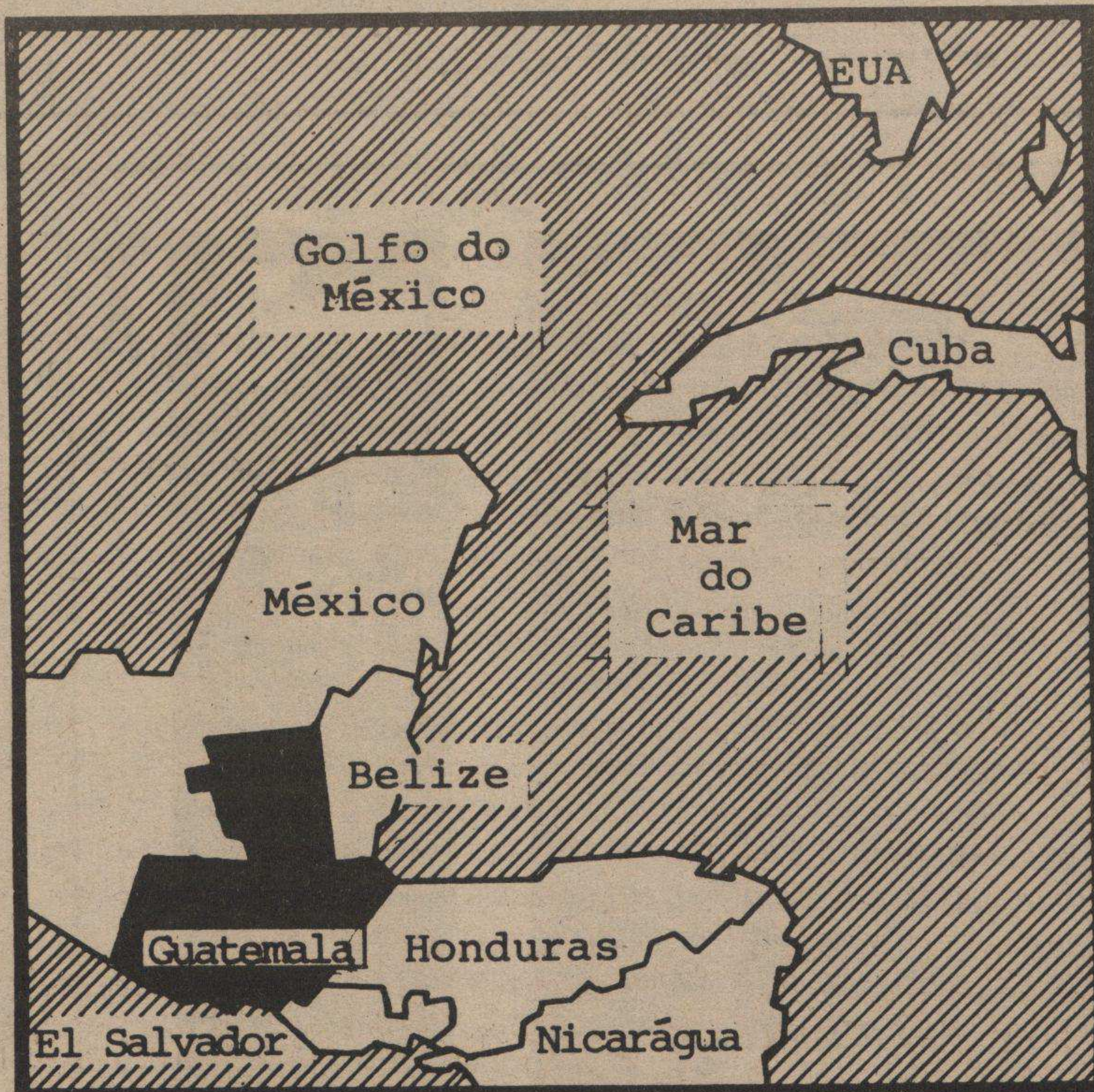
Mesmo a guerrilha vive mais da expectativa do que vai acontecer agora que as principais organizações esquerdistas resolveram se unir em uma frente comum, depois de quase vinte anos de fracassos. Seguindo o modelo bem sucedido dos vizinhos sandinistas e salvadorenhas, foi feita a fusão sob a liderança

de dois grandes grupos: o Exército Guerrilheiro dos Pobres — pró-soviético — e a Frente Democrática Contra a Repressão, formada por ex-líderes sindicais, estudantis, religiosos, com o apoio de associações profissionais, culturais e comitês de bairros.

O repórter Omar Barros Filho passou quinze dias na Guatemala e teve contato com alguns dirigentes da guerrilha. Todos os encontros foram combinados anteriormente, fora da Guatemala, nos países vizinhos. Aqui, ele confirma a idéia de que nada está definido na Guatema-

la. O regime perde a legitimidade, mas tem o apoio externo. O Pentágono considera a Guatemala um ponto estratégico muito mais importante que Nicarágua ou El Salvador. E vai endurecer o que for preciso. No início do ano o governo Reagan cedeu ao exército guatemalteco 3,2 milhões de dólares em armamento.

Além do fim da abertura, Omar Barros Filho fala da concentração de renda e de terra, da divisão das oposições, dos conselheiros estrangeiros e outros problemas que também existem em países mais ao sul do continente.



Conheci o americano no aeroporto de Tegucigalpa, quando embarcávamos no Electra da Sasha que nos levaria à Guatemala. Era um tipo baixo, de língua solta, que emendava as palavras num espanhol quase perfeito, e arrastava ligeiramente a perna esquerda. Sem que fosse necessário perguntar, se apresentou como um executivo da multinacional US Steel, "a nossa empresa", dizia. Especialista em América Latina, com cursos contra seqüestros feitos em Buenos Aires, na embaixada norte-americana. Logo começou a dissertar sobre os problemas da Nicarágua e a guerra civil em El Salvador. Em relação à Guatemala foi mais reservado. A US Steel tem investimentos na região e "não é prudente conversar com um jornalista desconhecido sobre as dificuldades de um país amigo. Mas, mordendo um sanduíche de queijo, quando já sobrevoávamos a baixa altitude as montanhas guatemaltecas, o homenzinho deixou escapar uma observação:

— Esta é uma área de guerrilha... Aliás, a Guatemala sempre foi o país das guerrilhas.

Quinze minutos depois, conforme o combinado meu contato com a guerrilha me esperava na saída da aduana da cidade da Guatemala:

— O país já chegou ao limite da paciência. O inimigo não se controla e está consciente de sua impotência. Uma solução da crise pela via política, está descartada.

O guerrilheiro sorriu quando nosso carro foi ultrapassado por uma viatura militar numa avenida larga. Seguíamos para o centro da cidade:

— O governo vai mal, e nós vamos bem. É um governo ilegítimo desde sua origem e com dificuldades para se impor até mesmo ante alguns setores burgueses.

Estamos praticamente em frente ao palácio governamental, já é noite, é possível que o presidente General Ríos Montt esteja lá dentro agora pensando nas mesmas coisas que nós aqui fora. Poucas pessoas caminham pela praça em frente. Esta é uma zona militarizada, especialmente depois que uma bomba arrebentou os vidros do casarão presidencial. As sentinelas surgem de vez em quando entre as colunas, com coletes à prova de bala e fuzis "Garand" na mão.

— O imperialismo desejava estabelecer um regime com ampla base social — continua o guerrilheiro. — Chamaram os oportunistas e reformistas, comprando-os com falsas políticas de abertura e fazendo aquela eleição ridícula. Foi um esforço quase desesperado do Exército para conquistar o aparato estatal e manter as regalias. Pouco a pouco tiveram de ir fe-

chando de novo, porque as massas não satisfizeram. O diálogo era pura demagogia. Antes do previsto os militares voltaram à política repressiva de extrema violência, passando a massacrar trabalhadores e até setores reformistas aliados ao projeto de abertura.

O massacre dos camponeses Panzós, marca o início do fim da abertura controlada e baseada no falso milagre do Mercado Comum Centro-americano. No dia 29 de maio de 1978, no departamento de Alta Verapaz, no norte da Guatemala. Mais de 100 indígenas foram mortos a tiros, pouco depois de chegarem à cidade para discutir com as autoridades de Panzós questões de terras segundo a Anistia Internacional, dois dias antes da caravana de índios chegar à cidade, já estavam sendo preparadas fossas comuns para os enterros — 25 mulheres e crianças morreram no massacre. Era a resposta governamental ao Exército Guerrilheiro dos Pobres (EGP), que estava operando na zona e ganhando prestígio entre os índios.

Os anéis ou os dedos dizem os americanos

Diz ainda o informe da Anistia Internacional: "Esquadrões da morte e grupos ilegais agem desde o início da década de 60. Criados inicialmente para combater a guerrilha, passaram depois a sequestrar e assassinar líderes de oposição patizantes. Também matam criminosos comuns e fazem seqüestros por recusas". Especialmente o diretorista "Comando da Ação Nacionalista Organizacional". Não é mais possível estimar o número de pessoas enterradas sem identificação, registradas como "XX". A maioria das vítimas são líderes da oposição, estudantes, sindicalistas, jornalistas, advogados e índios. Antes de serem enterrados em estradas desertas ou em locais clandestinos, as vítimas identificadas apareciam em listas de condenados à morte. Muitas foram localizadas com balaços nas mãos cortadas ou enterradas até o pescoço.

Os problemas da Guatemala ficaram internacionalmente conhecidos com outro massacre: o dos camponeses que ocuparam a embaixada da Espanha em Guatemala em janeiro de 1978. Trinta e nove cadáveres foram retidos

DICADEIRA

O repórter e as crianças da Nicarágua

Nos últimos momentos da ofensiva sandinista contra Manágua, a maioria dos correspondentes da imprensa brasileira resolveu, prudentemente, arrumar as malas e cobrir a guerra a partir da Costa Rica. Poucos arriscaram-se a continuar na capital nicaragüense. Um deles foi Caco Barcellos, repórter gaúcho, que nem tinha a

quem mandar suas reportagens. Sem dinheiro, ele e a fotógrafa Avani Stein hospedaram-se no Hotel Intercontinental como turistas, cobriram a queda de Somoza e saíram sem pagar a conta.

As impressões colhidas por Caco Barcellos estão relatadas minuciosamente no livro *Nicarágua - A Revolução das Crian-*

ças, que a Editora Mercado Aberto está lançando. Descomprometido com qualquer ideologia que não seja a verdade, o livro é um retrato emocionante da guerra que envolveu adultos e crianças contra a ditadura de Anastácio Somoza e a violência da Guarda Nacional. Caco, ex-repórter da *Folha da Manhã*, e da revista *Isto É*, atualmente



Foto Avani Stein

Livro-reportagem sobre uma guerra civil

na *Veja*, é um narrador que não se limita às generalidades: procura os detalhes e os transforma em parte fundamental do to-

do, situando o leitor exatamente dentro do que ocorre. O livro é ilustrado com fotos de Avani Stein.

John Lennon, de Lúcia Villares, Editora Brasiliense, 134 páginas - Singela biografia de Lennon escrita com base em livros, entrevistas, letras de músicas e depoimentos de antigos beatlemaníacos, como Caetano Veloso, Luiz Carlos Maciel, Lizzie Bravo e muitos outros. O livro, em formato de bolso, integra a coleção *Encanto Radical*, da editora.

As Mulheres de Tijuapapo, de Marilene Felinto, Paz e Terra, 133 páginas - O livro recebeu o prêmio da União Brasileira de Escritores de 1981. Sua autora, uma pernambucana de 24 anos, traça a trajetória de uma jovem mulher brasileira, com coragem, rebeldia, culpa e remissão.

A Grande Jornada, de Amílcar O. Herrera, Paz e Terra, 189 páginas - Um libelo contra a energia nuclear, convidando a comunidade científica a negar sua participação na corrida atômica.

Casos de Minas, de Olavo Romano, Paz e Terra, 222 páginas - Uma coletânea de contos, descritos com linguagem despojada e bem humorada, mostrando aspectos pitorescos, tristes, maliciosos e alegres do cotidiano.

A Técnica da Ficção Moderna, de Assis Brasil, Editora Nórdica, 384 páginas - O autor é crítico literário e romancista e neste livro, editado em convênio com o Instituto Nacional do Livro, estuda autores como Hemingway, Camus, Garcia Márquez, Juan Carlos Onetti, Samuel Beckett, Olavo Bilac e Aluísio de Azevedo.

Viver & Escrever, de Edla van Steen, L&PM Editores, 282 páginas - Segundo volume de uma coletânea de depoimentos recolhidos pela autora. Entrevistas com Ary Quintella, Dyonélio Machado, Jorge Amado, Otto Lara Resende e Vinícius de Moraes, entre outros.

Chico Buarque - Análise poético-musical, de Gilberto de Carvalho, Codecri, 186 páginas - O livro fornece pistas para a compreensão da obra de Chico, através da análise de seus dois últimos discos e principais sucessos.

Vencendo o Desafio da Pobreza, de Carlos Teixeira, Codecri, 98 páginas - Um irônico e bem-humorado estudo sobre o canibalismo como forma de resolver a problemática da fome.

Clô Dias & Noites, de Sergio Jockymann, L&PM, 468 páginas - Editado em livro o folhetim de Jockymann publicado com sucesso na *Folha da Tarde*.



Lições para aproveitar o lazer

Bertrand Russel (1872-1970), célebre filósofo e matemático inglês, criador da *Lógica do Conhecimento* e prêmio Nobel de Literatura em 1950, dedicou grande parte de seus estudos à busca da felicidade humana. Em 1932 ele escreveu *O Elogio do Lazer*, ensinando como se deve aproveitar o tempo ocioso. Suas lições continuam atuais e cada vez mais importantes, na medida em que as horas de lazer diminuem a cada dia. Selecionamos alguns trechos do artigo.

- Dir-se-á que, enquanto um pequeno repouso é agradável, o homem não saberia como preencher o seu tempo caso ele tivesse apenas quatro horas de trabalho nas 24 do dia. No grau em que esta afirmativa é verdadeira, no mundo moderno, é uma condenação à nossa Civilização; ela não seria verdadeira em nenhum outro período anterior. Havia, outrora, certa tendência à jovialidade e à diversão, as quais foram cerceadas, até certo ponto, pelo culto à eficiência. O homem moderno julga que tudo deve ser feito por causa de alguém e nunca tão-somente em seu próprio interesse.

- Indubitavelmente,

muita gente admite que o fato de ganhar dinheiro é bom e que o de gastá-lo é ruim. Considerar tal coisa como os dois lados de uma transação seria, no entanto, um absurdo (...). O indivíduo, em nossa sociedade, trabalha para ter lucro. Mas o fim social de seu trabalho está no consumo do que ele produz. É este divórcio entre o indivíduo e o objeto social de sua produção que torna difícil, para os homens, pensarem com clareza num mundo em que o lucro é o incentivo da indústria.

- Quando sugiro que as horas de trabalho devem ser reduzidas para quatro, não estou fazendo supor que o resto do tempo deve ser gasto com futilidades. O que quero dizer é que quatro horas de trabalho habilitam o homem para as necessidades e o conforto elementares da vida e que o resto do tempo poderia ser empregado, como lhe aprouvesse, em coisas úteis (...). Os prazeres das populações urbanas têm se tornado, sobretudo, passivos, como ir ao cinema, assistir a uma partida de futebol, ouvir uma

sessão de rádio e assim por diante. Isso resulta do fato de suas energias terem sido absorvidas inteiramente pelo trabalho. Se elas tivessem uma vida de lazer poderiam usufruir prazeres nos quais tomassem parte mais ativa.

- Num mundo em que ninguém é obrigado a trabalhar mais do que quatro horas por dia, todo o indivíduo possuído de curiosidade científica será capaz de entregar-se a ela e todo o pintor poderá preparar os melhores quadros sem morrer de fome. Os jovens escritores não serão obrigados a escrever coisas sensacionalistas para atrair a atenção, tendo em vista adquirir a independência econômica necessária para escrever obras monumentais para o que, aliás, chegado o momento já terão perdido o gosto e a capacidade (...). O médico terá tempo para se pôr em dia com os progressos da medicina, o professor não terá que lutar exasperadamente para ensinar por métodos rotineiros, coisas que aprendeu na mocidade e que, com o correr do

tempo, ficou provado não serem verdadeiras.

- Sobretudo, haverá felicidade e alegria de viver, em vez de nervos em frangalhos, desgaste e dispepsia. O trabalho deve ser dosado para tornar o lazer delicioso e nunca produzir esgotamento.

- Mas não é somente nestes casos excepcionais que as vantagens do lazer aparecerão. Ordinariamente, os homens e as mulheres comuns, que têm a oportunidade de uma vida feliz, se tornarão mais bondosos e menos opressores e menos inclinados a ver os outros com suspeitas (...). Os métodos modernos de produção nos deram a possibilidade de sossego e segurança para todos mas, em vez disso, o que escolhemos foi o trabalho demais para uns e fome para outros. Até agora, continuamos a ser tão ativos quanto o éramos antes da existência das máquinas. Por esse ponto de vista, temos sido insensatos, mas não há razão para continuarmos a sê-lo indefinidamente.

VISTA A CAMISA DO COOJORNAL!

O COOJORNAL fez uma bela camiseta para você e seus amigos usarem neste verão.

Custa apenas 400 cruzeirinhos e tem nos tamanhos 42, 46 e 50.

Venha buscar a sua aqui no COOJORNAL ou peça pelo Reembolso Postal.

Cr\$400,00

cooJORNAL

ESPAÇO

ed. do instituto dos arquitetos do brasil
annes dias, 166

LIVROS & ARTES

livros de arquitetura, arte, fotografia, cinema, literatura

BAR-RESTAURANTE

almoço, lanches, aperitivos e janta ao som de jazz e MPB

Ameaçada a abertura argentina

Depois do desastre nas Malvinas os militares argentinos fizeram muitas promessas. Elas não estão sendo cumpridas, garante o jornalista Diego Jarque

Quando assumiram o poder na Argentina, em março de 1976, as Forças Armadas anunciaram um Governo de reconstrução nacional, cujas prioridades eram libertar o país da corrupção, da inflação, da anarquia e da guerrilha subversiva. Logo após a desafortunada ação nas Malvinas, os objetivos foram esquecidos e se fala, hoje, numa acelerada "saída política". Seis anos foram suficientes para qualificar esta experiência política argentina como a mais desastrosa dos últimos 50 anos. Não só não conseguiram os objetivos previstos no seu programa de ação política como também os males que diziam combater se agravaram.

Apenas a luta contra a subversão guerrilheira é assinalada com êxito. Os grupos extremistas, que eram os principais atores antes de 76, desapareceram de cena. Será uma tarefa para os historiadores argentinos e americanos investigar o fenômeno guerrilheiro que alguns denunciaram como sustentado por forças obscuras interessadas em justificar, em maior grau, o golpe de Estado.

É precisamente esta única vitória das Forças Armadas a que ocasiona um dos inconvenientes mais importantes neste momento de "saída política". Nada se falou sobre os milhares de "desaparecidos" que, por razões políticas, foram arrancados de seus lares, seqüestrados em via pública e retirados de seu trabalho à força. Inúteis têm sido os protestos de setores políticos argentinos, dos organismos internacionais e, é claro, dos familiares das vítimas, que recebem falsas promessas de investigações.

As mães da "Plaza de Mayo" continuam dando voltas na praça e a cada quinta-feira desferem um novo golpe no oscilante andaime da desinformação governamental, juntamente com entidades como a Assembléia Permanente pelos Direitos Humanos, a Liga Argentina pelos Direitos do Homem, o Movimento Ecumênico Paz e Justiça, etc. Estas organizações adquiriram valor moral nos últimos anos após suportar a repressão que inclusive atingiu seus militantes, ví-

timas da obsessão das Forças Armadas que vêm em cada opositor um subversivo em potencial e, conseqüentemente um candidato a engrossar as listas de desaparecidos ou mortos. Um exemplo internacional foi o do Prêmio Nobel da Paz 1980, professor Adolfo Perez Esquivel que sofreu torturas e esteve preso por dois anos.

Esta "vitória de Pirro" das Forças Armadas deixou profundas feridas que levarão tempo para cicatrizar, pois as vítimas não foram apenas guerrilheiros, mas também a imensa maioria que não era ou não estava provado que fosse. Recentemente um grupo de pais de desaparecidos fizeram um apelo dramático ao então presidente, General Saint Jean, para saber o destino de 96 crianças seqüestradas com seus pais ou que nasceram no cativeiro sem serem devolvidas aos familiares. Este pedido relaciona-se com o desaparecimento de 81 mulheres grávidas, detidas por organismos de repressão e forças paramilitares. Em seis anos, nada foi informado sobre as mães ou os filhos. Apenas mencionou-se, extra-oficialmente, que muitos bebês foram adotados por famílias de militares e que suas mães, após darem à luz, tiveram a mesma sorte que todos os desaparecidos políticos.

Ninguém poderá considerar válida nenhuma luta anti-guerrilheira quando os atingidos são mulheres grávidas, bebês ou crianças de até 13 anos de idade. Falar de crueldade é pouco diante de tamanha negação do direito à vida. As Forças Armadas vêm repetindo, desde as primeiras semanas do conflito pelas Malvinas, que nada será igual depois do dia 2 de abril. Para as avós e outros familiares, tudo continua igual.

A surdez parece ser a pior barreira para conduzir a bom porto a "saída política" que se aproxima, depois da crise que derrubou Galtieri e impôs o General Bignone na Presidência. Mas inevitavelmente terá que ser dita alguma coisa sobre a sorte de milhares de argentinos e cidadãos de 23 países que desapareceram entre 76 e 79.

Nos anos seguintes, diminuiu o número de casos de seqüestros de pessoas, devido, possivelmente, à grande campanha internacional contra os métodos empregados pelos militares. No entanto, seria fora da realidade afirmar que o aparato repressivo argentino encontra-se desgastado

ou desintegrado. Algumas fontes asseguram que, pelo contrário, ele foi até mais aperfeiçoado, alcançando tamanho grau de eficiência que as Forças Armadas foram solicitadas para colaborar em outras frentes de luta antiguerrilheira e antipopular.

Durante a crise das Malvinas, vários jornalistas encontraram dificuldades que puseram em risco suas próprias vidas, alguns jovens foram baleados ao serem surpreendidos pixando muros com texto em apoio à soberania argentina nas ilhas, outros foram presos por distribuir panfletos com tendência considerada esquerdista, apesar de apoiarem a luta contra a agressão inglesa com o apoio norte-americano.

Nos últimos dias de junho, três seqüestros na província de Córdoba e um na Capital Federal foram denunciados pelos organismos de Direitos Humanos. A denúncia teve efeito, provocando um recuo dos militares que tiveram de confirmar a prisão dos desaparecidos, alegando que foram detidos por crimes comuns. No domingo, 11 de julho, a imprensa recolheu testemunhos dos detentos sobre torturas sofridas na prisão. Ministradas por agentes das forças de segu-

rança, que deverão responder judicialmente. E os meios jornalísticos já estão falando desses assuntos.

O panorama existente hoje, no campo das liberdades das pessoas, na Argentina, ainda sofre influência das violações jurídicas às liberdades individuais e coletivas. Os governos, após 76, foram montando verdadeiros arsenais repressivos, que hoje ficam como reserva para os tempos que virão e se manifesta no Estado de Sítio vigente no país ininterruptamente desde o dia 6 de novembro de 1974, na proibição a atividades de grêmios estudantis, na repressão a reuniões políticas, na proibição ao direito de greve e outros protestos operários (previstos na Lei 21.400). Sem falar nas leis que limitam a autoridade dos juízes, que apenas podem intervir após a ação dos auditores militares, criando a possibilidade de tribunais militares julgarem civis. De 76 a 80, centenas de pessoas, acusadas de subversão, foram condenadas à prisão perpétua em tribunais militares.

Os obstáculos que surgem na política argentina para que se respeitem os direitos humanos deverão ser vencidos por uma so-

cidade que parece não ter capacidade de reação. É difícil compreender como um povo possa suportar estoicamente tão duras e difíceis circunstâncias que o tiveram como protagonista nestes últimos dez anos e que constantemente o colocaram à prova. Prova esta que se encontra em seu ponto mais difícil: sem liberdade de expressão, num estado de exceção, com a vigência do Estado de Sítio, com sua economia arrasada pela destruição de sua capacidade produtiva, com uma situação de pós-guerra que limita-o nas suas aspirações de melhorias salariais e com uma dívida externa que figura entre as maiores do mundo, a mais significativa per cápita do mundo.

A saída política prometida pelas Forças Armadas, depois do desastre das Malvinas pode ser a chance para o ressurgimento deste grande país e o melhor caminho para isso deve começar a ser trilhado abrindo as portas às liberdades democráticas onde o respeito e a dignidade humana sejam o primeiro e principal objetivo.

Diego Jarque
(tradução Mônica Antonitsch)

Quem é o bunda-mole?



Um dos casos mais pitorescos da Justiça gaúcha foi encerrado sem maiores danos para as partes envolvidas. A doméstica Neli Rodrigues Camacho, que chamou o inspetor de polícia Armando Maciel Blanco de "bunda mole", acabou absolvida da acusação de desacato à autoridade. E o policial foi poupado de um humilhante exame requerido pelo advogado Dalmir Franklin de Oliveira. O juiz Plínio Noel Feijó, da 3ª Vara Criminal de Porto

Alegre, considerou "incompatível com a seriedade e respeitabilidade inerente à função judicante" o pedido de Oliveira: um exame para saber se o policial possui o músculo glúteo flácido.

Tudo começou numa discussão entre os vizinhos. Neli chamou Blanco de bunda-mole e este imediatamente a prendeu em flagrante. O advogado Franklin Oliveira argumentou que "a mulher está sendo processada indevidamente porque o termo,

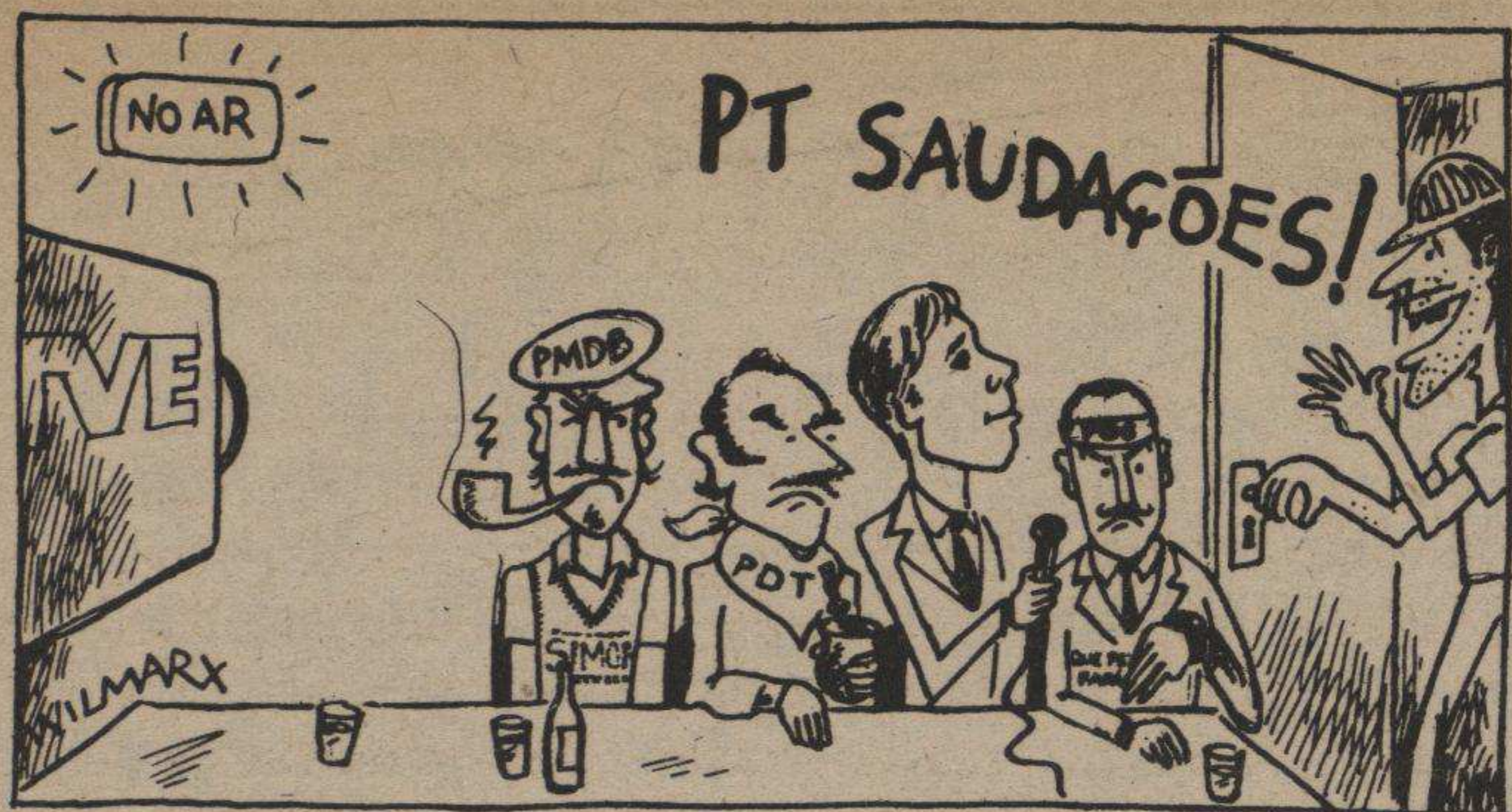
pejorativo para o ofendido pode não ser para a acusada e não é do conhecimento de outras regiões do país".

Em gíria gaúcha, "bunda mole" significa incompetente ou insignificante. O termo foi popularizado para o resto do país na música Trova da dupla Kleiton & Kledir. A música ficou retida por três meses na censura, e só foi liberada quando os censores se convenceram que o termo "bunda-mole" é inofensivo.

**VAMOS LUTAR
JUNTOS!**

Para Deputado Federal

Omar Ferri



O PT, outra vez.

No dia seguinte à decisão do Presidente do Tribunal Eleitoral recusando a inscrição do PT pelo atraso na entrada dos documentos, os principais líderes do Partido foram convidados para debater o assunto no programa "Encarte", de Joseph Zukauskas, na TVE. O programa deveria entrar no ar às 22 horas, mas só começou às 22h25min, precedido por insólito filme sobre pássaros da Austrália Setentrional. O filme, na verdade, era um quebra-galho de emergência para encher espaço: é que o pessoal do PT apareceu na TVE 25 minutos depois da hora.

O teste eleitoral

No teste eleitoral realizado por "Zero Hora", candidatos a deputado e vereador souberam antecipadamente dos locais das urnas e enviaram, discretamente, seus cabos eleitorais para votar em massa, dando a impressão de força eleitoral. Em alguns casos, as boas votações corresponderam à realidade esperada: nomes que, obviamente, serão muito votados em 15 de novembro, apareceram com bom destaque. Mas houve alguns absurdos: Júlio Costamilan, por exemplo, que deverá fazer mais de 80% dos votos do PMDB em Caxias, teve no "teste" Zero votos em Caxias; Lélcio Souza, que vai "esmagar" a parceria em Pelotas, obteve meia dúzia de votos no teste.

As cartas de J. Samuel

As cartas continuam a ser em número superior ao possível de publicar. Por isso, somos obrigados a publicar apenas algumas, e resumidamente.

• "A coluna começou bem, mas no segundo número achei um puco mal-humorada". (José R. F. Osório, Passo Fundo, RS).

É o fígado. Eu andava há horas desconfiado do meu novo contrabandista. A tal coluna que você não gostou foi feita com um Ballantine's doze anos que me deixou intrigado.

• "Eu queria mais informação, mais detalhes dos acontecimentos, mais coisas do dia-a-dia". (Henrique Gomes Krause Jr., P. Alegre).

Num mensário, fica difícil. Um mês depois, tudo parece remoto. Lembra ainda da Copa do Mundo? da guerra das Malvinas? e o casamento do príncipe Charles, hein? Escrever num mensário é escrever para a eternidade, disse certa vez Adamastor Yrigoyen.

• "Não era preciso tanto detalhe, tanto minúcia dessas festas bobas que você vai". (Tatiana Rubinfeld de Alencar, Porto Alegre).

Numa fugidia experiência que tive, ainda nos anos 60, como chefe de reportagem de um de nossos prestigiosos diários, eu costumava exigir apenas três coisas de meus repórteres: precisão, precisão e precisão.

J. Samuel informa:



O indiscutível príncipe dos colunistas gaúchos, Paulo Raimundo Gasparotto, não se conteve diante de algumas revelações de J. Samuel, este seu criado. Literalmente, desabou. Luiz Eduardo Achutti, que usa sua Nikon com a perícia que os velhos ladrões de cavalos manejam suas Winchesters, documentou o instante exato.

O cassado da abertura

Adroaldo Morais, produtor de leite em Cachoeira do Sul, é o primeiro cassado da abertura. Ele tinha sido indicado como candidato preferencial do município a deputado estadual, contrariando os interesses da família Germano. Na convenção regional do PDS, seu nome, misteriosamente, desapareceu da chapa. "Não podemos fazer nada, o datilógrafo esqueceu de te incluir", alguém lhe explicou. Adroaldo ficou indignado, ameaçou abrir a boca, ir aos jornais: não admitia ser cassado em plena abertura. Só se acalmou quando obteve a promessa formal de ganhar a presidência da Corlac num eventual governo Jair Soares.

Um brasileiro que sabe assar

Pela primeira vez um brasileiro figura entre os maiores assadores do mundo. Trata-se de um gaúcho (naturalmente): o editor Paulo de Almeida Lima, incluído em 14º lugar no ranking anual da revista "Barbecues Guide", a mais importante publicação especializada em assados e churrascos dos Estados Unidos. Lima classificou-se na categoria "espeto" (em "grelha", não temos ninguém) e foi o 2º entre os latino-americanos, perdendo apenas para o argentino Pablo Grumenes, que ficou célebre ao assar o churrasco de recepção a Perón, quando o ex-presidente voltou do exílio.



• Não é verdade que os diretores da CEEE recebam salário equivalente ao de Falcão no Roma. Falcão está ganhando cerca de Cr\$ 7 milhões. Um diretor da nossa prestigiosa sociedade de economia mista, com todas as vantagens incluídas, não recebe mais de Cr\$ 3,5 milhões mensais.

• De um candidato sobre o coordenador da campanha do PDT, Otávio Caruso da Rocha: "Ele é um ótimo organizador e conhece tudo de política. Mas aquele suspensório, não dá para agüentar!"



• Assessores do deputado Jair Soares andam preocupados com seu humor, especialmente em locais públicos onde estão os outros candidatos ao governo. Depois do debate da RBS (onde ele não cumprimentou Collares), o ex-ministro recusou-se a participar do almoço oferecido pela empresa. Afável, delicado, cordato e simpático são alguns traços obrigatórios do perfil de um candidato em campanha. Mas Jair não ri, não conversa, se irrita fácil e, especialmente com jornalistas, está sempre tenso e desconfiado.

• Nem Cândido Norberto que é membro do PDS, escapou dessa irritação de Jair, durante o debate da RBS. "O PDS é um partido conservador", afirmou Jair lá pelas tantas. Cândido gemeu. Aproveitou uma chance e murmurou no ouvido do ex-ministro da Previdência: "... conservador no que é bom". Numa pausa para trocar a fita, Jair respondeu, ríspido, para Cândido: "Não adianta. Eu não vou dar as respostas que tu queres." A informação é de um Doberman desta coluna (eu não tenho perdigueiros, tenho Dobermans).

• A verdade sobre o polêmico registro do advogado Pinheiro Machado Netto, candidato a deputado federal do PMDB, é a seguinte. O advogado pediu na inscrição que valessem os votos dados a Pinheirinho, nome pelo qual também é conhecido. Indeferido. Então, peticionou na Vara dos Registros Públicos e, usando uma faculdade da lei, alterou seu sobrenome. Foi averbado no seu registro de nascimento e casamento que agora, também se chamará Antonio Pinheirinho Pinheiro Machado Netto. De posse da certidão nova, recorreu ao Pleno do TRE, que lhe deu ganho de causa por 7 a 0: ele também poderá ser votado como "Pinheirinho".

A festa do mês

Um casamento em Rio Grande que teve como um dos padrinhos o ex-ministro Jair Soares com tudo para ser escolhido como "a festa do mês". A folhas tantas da citada efemérida, um dos convivas aproximou-se do ex-ministro e perguntou: "Se o senhor for eleito, fará com o Estado o que fez com a Previdência?" Esta singela pergunta foi o suficiente para deflagrar sobre o inocente curioso uma chuva de capangas, guarda-costas e cabos eleitorais enfurecidos. Um observador isento que disfarçava sua aflição diante do incidente por trás d'um copo de blood-mary (com dobre vodka), relatou-me que o pai da noiva tentou pendurar o perguntador pela gravata num lustre da biblioteca; Jair teria ficado muito irritado, quase exaltado. "Esses casamentos estão tomando de comunistas", ouvi-se de um importante assessor de Jair. Meu observador, no entanto, decidiu retirar-se antes do fim e não pôde me trazer mais material. Ele temeu que seu blood mary fosse interpretado como um ato hostil ao ex-ministro. E fiquei sem mais dados sobre a festa.

Depois da defailance de Rio Grande, faltavam poucos dias para ser fechada esta edição, quando fomos convidados para o que foi simpaticamente denominado "apré-midi dançante", na casa dos R.. O evento veio preencher uma lacuna, diriam alguns colegas. De fato, afora os bailões do Carby e as boates, não há mais onde dançar. As inesquecíveis "Reumas" (reuniões dançantes) e os (mais antigos) saraus, de tão boa lembrança em casas de nossas famílias mais ilustres, estavam caindo em desuso. Iniciado placidamente às 16 horas de um sábado, com chá e canapés, a festa cresceu pelas nove da noite, quando as



primeiras champanhas estouraram e foi servido um corretíssimo crissé de perdizes. Às quatro e meia da madrugada, o ânimo dos convidados arrefecia, mas o dono da casa não se conformou. Buscou a alegria num velho baú de carvalho lavrado: um antigo disco de música carnavalesca, com "Sassaricando" em grande evidência. Às dez e meia da manhã, quando "Mulata Bossa Nova" sacudia o poderoso amplificador Pioneer do anfitrião (e também, por que não dizer, todo o quartirão, chegaram os primeiros.

No início foram uns poucos. Eram vizinhos armados de extintores de incêndio, mangueiras, baldes d'água, sacos com líquidos menos próprios e outras armas. Depois vieram os moradores de praticamente toda a quadra: em peso, decidiram plo desembarque na festa, último recurso diante da inutilidade das reclamações feitas à polícia, Brigada e bombeiros (os homens-chaves dessas entidades estavam na festa). Nos jardins dos R., onde os convidados dançavam, houve, inicialmente, perplexidade e medo.

Mas a História tem demonstrado que esses desembarques são problemáticos. Depois do primeiro susto, Madame R. levantou uma

garrafa de M. Chandon pelo meio e lançou a palavra de ordem: "defender a festa de garrafas na mão". Depois de uns 30 minutos de rigoroso combate, os invasores foram repelidos. Houve estidos rasgados, ternos amarrotados: meu "smoking" Yves Saint-Laurent ficou com a lapela em préximo estado, embora eu tenha invocado neutralidade. A imprensa sempre sofre a violência das guerras que é obrigada a documentar! A suava Miss F. T., que me acompanhava, perdeu sua aliança de brilhantes (que digo eu!) durante os combates. Mas ao final da luta, a alegria tinha sido salva. O anfitrião, Mr. R., que foi, indiscutivelmente, o chefe da resistência (conseguiu prender num banheiro o invasor mais ativo, um coronel, síndico do edifício fronteiro), depois da paz, ordenou que fosse servida uma canja de galinha aos guerreiros exaustos e vitoriosos. E já eram quase 18 horas do domingo (26 horas depois do início), hora do crepúsculo, quando, através do sax inimitável de Gato Barbieri, as poderosas caixas de som do Pioneer lançaram para o eter e para a vizinhança os acordes de She is Michele. Na grama dos jardins movimentando-se lentamente, os casais dançavam abraçados.

É comum dizer que o Rio Grande é um estado de forte tradição trabalhista. Mas será que esta tradição resiste a dezesseis anos de ostacismo? O PTB foi extinto pelo AI-2 em 1966. Hoje o trabalhismo, travestido de PDT por manobra golberyana, pode estar jogando sua última cartada. Criticado por um lado por romper a frente das oposições e por outro por ser "apenas" reformista, o PDT aposta em Alceu Collares nas eleições de novembro. Durante quatro horas, em duas noites, a equipe do

Coojornal gravou o depoimento daquele que poderá ser o primeiro governador negro do Rio Grande. Collares é um homem de 54 anos, que gosta de vestir bem e de uma boa piada. Desde o primeiro debate entre os candidatos na televisão, ele tenta desfazer uma imagem de presunçoso. Em torno deste homem, no entanto, existe uma unanimidade: foi um bom deputado federal — inclusive o mais votado nas duas últimas eleições.



**AQUI: DEFENDE
UMA REVOLUÇÃO
TRABALHISTA
... COM PATRÕES**

O Brizola ainda tem a mesma comunicação com a massa que tinha antes de 64?

Não sei. Em termos de comunicação direta com as grandes massas sim, é um colosso. Agora, não sei se isto é razoável em televisão.

Hoje a maneira de chegar na massa é diferente?

Quando ele fala direto é insuportável. Ele faz figuras na base da intuição. Em Ijuí o Brizola fez uma comparação diante de umas sete mil pessoas, mais ou menos assim: "esta gente está no poder, agarrada ao poder que nem carapato em vaca magra no início do mês de agosto." Agora, só ele pode fazer isto. Se eu fizer fica meio esquisito. Quando perdemos a sigla (PTB) ele disse: "a sigla era como um caminhãozinho velho que estava em cima dos cavaletes. Aí eu vim de fora e comecei a trabalhar. Arrumei o pneu, lubrifiquei, botei o pessoal do PTB no caminhãozinho. E vieram os assaltantes, esse Golbery e essa Ivete e nos tiraram o caminhãozinho. Acho que foi para roubar porco e galinha por aí".

Por que você aderiu ao PTB?

Quando cheguei em Porto Alegre em 57 entrei para o partido. Eu assistia muito as palestras do Brizola, até encerrava aula mais cedo para poder ir para a praça da Alfândega. Tenho uma ficha assinada pelo Wilson Vargas, o presidente do PTB na época.

Na época em que você começou na política, como lhe chegavam as idéias de Getúlio Vargas?

Em agosto de 54, quando tomamos conhecimento do suicídio, eu não tinha uma consciência muito clara. Mas depois, achei interessante estudar a vida daquele homem que se originara da oligarquia rural e que provocou a revolução de 30. Se ele tivesse se mantido fiel à sua origem não teria tentado implantar uma estrutura nacionalista, nem atender às necessidades dos trabalhadores... e nem teria se suicidado.

Ele te influenciou como político?

Influenciou por esta preocupação com os pobres. Mas



A última chance do trabalhismo

Como você está vendo a crise no setor primário e o movimento de protesto dos produtores gaúchos?

Acho que há muita incompetência do Amaral. Hoje nós vemos o ciclo econômico mais rico deste país, o ciclo da soja. E o que é que isso tem gerado de riquezas para o Rio Grande? Uma política centralista conservadora e uns governos de Estado que são totalmente subservientes e submissos. Se querem incentivar, subsidiar, isentar para exportar... podem fazer. Mas têm que compensar-nos.

Como o trabalhismo vê o cooperativismo?

Nós defendemos um tipo de propriedade privada que tenha função social. Neste sentido tenho a convicção de que a estrutura cooperativista pode se

constituir no caminho para suavizar um pouco este modelo vigente no país. A propriedade cooperativista nunca é bem olhada pelo capitalismo, que é inimigo das cooperativas. Tanto é verdade que hoje, depois do crescimento fantástico de alguns setores de nosso cooperativismo, vários setores, multinacionais principalmente, voltam-se contra elas com violência.

É possível que existam deficiências. Muitos dirigentes cooperativistas têm dito que as cooperativas ficaram ricas, mas o quadro social continua pobre.

E qual o futuro do relacionamento governo-cooperativismo?

Se continuar este pessoal aí pode ficar complicado. Setores do atual governo vinculados ao capital multinacional estão

preocupados. As cooperativas já se deram conta que não basta produzir, é preciso entrar na comercialização e na agroindústria. É aí que estão os grandes lucros. Elas agora estão produzindo a trifluralina, que é um herbicida e que está sendo colocado no mercado por um preço 60... 65 por cento menos que os produtos vendidos antigamente pelas multas... como a Nortox, aqui no Paraná. E aí veio a violência. Eu pergunto: e se as cooperativas não fossem grandes? Quem estaria no lugar delas. Num debate com lojistas eu perguntei: por que vocês não fazem críticas ao Carrefour, que está ocupando o espaço de vocês... aqui na cara de vocês.

Você tem enfrentado algum problema na campanha pelo fato de ser negro?

Não tem ocorrido. A receptividade na colônia alemã e italiana tem sido extraordinária. Existe racismo no Rio Grande, mas praticado por uma minoria reacionária, que não se sabe onde está. Na Fronteira e nas charqueadas, onde existiu escravidão, existem resquícios de racismo... até meio chato, hipócrita. Agora na colônia, onde não existiu esta situação histórica, há uma profunda identificação com a minha campanha. Porque nós negros somos frutos dos mesmos 300 anos de trabalhos deles aqui no Brasil. Negro e pobre tem dificuldade, porque é negro e porque é pobre. Mas se um negro ascende socialmente, ele talvez não sofra... Não sei se vai sofrer.

de leitura, tive mais influência do Pasqualini.

E como começa sua carreira política?

Entre em 63. Era líder classista nessa época, nos Correios e Telégrafos. Era presidente da União Nacional dos Servidores Postais Telegráficos. Naquela época todos os homens de esquerda defendiam reformas de base. Com Vargas o trabalhismo era popular e nacionalista. Aqui há um equívoco destes pseudo-sociólogos do Brasil, dizendo que ele era populista. Populista é o cara da classe dominante que aproveita a ingenuidade do povo trabalhador para gerar riquezas e privilégios para sua própria classe. Mas Vargas tirava da dele.

E como evoluiu depois o Movimento?

Na segunda fase, com Jango, tivemos aquela ampla liberdade de debate e até nos aproximamos das transformações que estavam acontecendo na América Latina. Chamo esta fase de popular, nacionalista e, mais, democrática. Agora estamos na terceira fase, em que o movimento assume seu caráter mais revolucionário. Contra toda a evolução de uma contra-revolução que se fez em nome de grupos reacionários e conservadores a serviço de interesses multinacionais. O complexo militar-empresarial que pretendia emperrar o processo, dizia: "o trabalhismo é uma praga". Hoje além de popular e nacionalista somos pelo socialismo dialético.

O trabalhismo no Brasil é revolucionário ou reformista?

Se nós colocarmos em termos de Marx, eu diria é reformista. Quando eu falo em revolução trabalhista, digo no sentido de mudança estrutural, mas não total. É nesse sentido que eu chamo de revolução pacífica e ordeira.

O PTB estava organizado ou diluído dentro do MDB?

Estava dentro do MDB. Dentro e diluído. Em grande parte fora e exilado.

O que o PDT herdou do PTB?

As idéias, os princípios, os postulados e muitos líderes. Nossa proposta é de hoje, mas, como nós, tem raízes, memória. Nós podemos falar do passado. O PMDB não tem como falar do passado, o PDS fala de um passado ditatorial, o PT é uma proposta muito nova. O único que tem passado é o trabalhismo, com acertos, erros, com recusas e com mártires.

Quais são estes acertos e erros?

Nós defendemos que o trabalhismo é o caminho brasileiro para o socialismo. Se tu perguntares se vai ser amanhã, eu não saberia responder, pode ser daqui a 50 anos, ou menos. É possível neste período uma convivência do capitalismo com o socialismo. Este caminho é difícil, cheio de desvios.



Como você interpreta o governo Brizola?

Hoje, mesmo os críticos mais ferrenhos já admitem que ele fez um grande governo. A partir de um plano de escolarização que construiu 16.400 escolas, estradas da produção, CEE (Caixa Econômica Estadual) e as tentativas de implantar a Aços Finos Piratini, a Agasa e a Refinaria Alberto Pasqualini. Mas o mais importante foram as encampações das multinacionais, especialmente da ITT. Hoje as Companhia Estadual de Energia Elétrica e a Companhia Riograndense de Telecomunicações podem ter deficiências, mas são nossas e modernizadas. Depois de 1964 os governos nomeados não puderam ou não tiveram competência para marcar suas administrações de forma tão profunda... sem falar na Reforma Agrária e na Legalidade.

É comum se dizer que o PDT é o partido do Brizola, isto não vai contra as idéias de democratização de baixo para cima pregada pelo trabalhismo?

Pode ser até prejudicial, mas na verdade é um fenômeno político brasileiro. Os partidos sempre giraram em torno de líderes. O PT se não tivesse o Lula nem era partido. O PMDB ainda hoje é dirigido pelo Ulysses e o Tancredo, com outros grupos girando em torno. No caso do PDT se não fosse a perseverança do Brizola em fazer ressurgir das cinzas do autoritarismo o trabalhismo, eu não sei se outro teria feito. Eu por exemplo, que não tenho liderança, teria dificuldades. Eu não sei o que poderá surgir depois do Brizola, que tem mais uma média de 15 a 20 anos. Temos de pensar nisso, para não ficarmos desarvorados como ficamos quando ocorreu o falecimento do Getúlio Vargas.

Mas o Brizola não está inibindo o surgimento de novas lideranças?

O Brizola é considerado por muitos um caudilho, mas não... Eu fui um que enfrentou o Brizola na escolha da sigla — ele queria uma sigla de 4 letras e perdeu — mas depois não fez nada. Pelo contrário nós temos hoje grande amizade. Quando ele sentiu que ia perder, aderiu. O problema é que alguns de nós acham mais fácil trazer o cacique Brizola quando surgem problemas... e aí não precisa pensar, né.

Aqui: diz que o PDT é mais importante que eleições

Para as oposições é mais importante consolidar os partidos ou ganhar as eleições?

Eu acho que o mais importante é construir projetos de partidos, que se destinem a organizar o povo.

Mesmo com risco de perder a eleição?

A eleição é sempre um episódio na vida dos partidos. Uma vitória hoje levaria um partido de oposição ao Governo, mas apenas a uma pequena parcela do poder. Aí é que se diferencia um partido como o nosso, de um como o PMDB, que é uma frente ampla, descaracterizada como oposição.

Se a vitória de um partido como o PDT significa assumir o governo e parte do poder, que tipo de negociação está prevista com o empresariado?

Não há negociação. Há uma discussão. No nosso período de 20 anos como legislador, sempre criamos projetos no campo social. Hoje como candidato estamos buscando alguns contatos com o empresariado para mostrar a necessidade de um debate no Rio Grande do Sul para defesa de nossa economia, que sofre um terrível processo de esvaziamento devido ao centralismo político, econômico e tributário.



Hoje o empresariado representa uma parcela fortíssima do poder. E se eles se posicionarem contra seus projetos no governo?

Mas eu converso com eles. Nós não somos contra o lucro, nem contra a economia de mercado ou a livre iniciativa. O que defendemos é a concepção de que a propriedade tem que ter uma função social. Este segmento tem muito maior responsabilidade na produção e geração de empregos. Mas no tipo de democracia que defendemos eles têm o mesmo valor que os outros segmentos.

Em caso de greve, por exemplo, o governo Collares vai ou não reprimir?

Em primeiro lugar isto está mais afeto à política nacional... pode ser aqui ou lá fora. O Estado, neste caso, terá, tanto quanto possível, que acompanhar o desenvolvimento do movimento. E estaremos ao lado dos trabalhadores para defender o direito de manifestação deles.

Mas a greve hoje é ilegal...

Se nós considerarmos o que está aí: não tem greve. Mas nós podemos mudar a lei.

E aí o governo federal con-

sidera inconstitucional a greve?

Pois ele que faça a intervenção. Como fez o ABC e aqui com os bancários. A competência do governo do estado aí é muito pequena. Nós vamos apenas disciplinar as manifestações, mas não proibir. Eu acho que um governo estadual eleito pelo povo pode intermediar. Eu vou ser um governo que não vou ficar aí confinado. Não vou fazer como o Amaral, que quando há um problema como agora, uma frustração de safra, não faz nada. Foram os dirigentes dos produtores que tiveram de ir lá discutir. Mas por que é que ele não apanha todos os dados e vai lá mostrar: "Olha aí ó, o preço mínimo e o sistema de crédito não estão dando certo".

Como se sustenta um governo popular numa sociedade elitista em que não há perspectiva de mudança a médio prazo?

Mas há muitas possibilidades. O Brizola deu demonstração disso...

Ms teve que passar 15 anos no exílio...

Eu não sei o que a história nos reserva e ao destino de cada um. Agora isto que aconteceu não foi por causa do Brizola. Al-

COLLARES GOVERNADOR

CARUSO
VICE-GOV.



GETÚLIO
SENADOR

Nestes, o povo confia.



guns ainda discutem se o Brizola tivesse feito aquilo, não tinha ocorrido isso, etc... Eu iria de qualquer maneira. Eu avanço...

Vamos fazer profundas alterações no campo da educação. Para nós educação é um investimento social tão importante, que supera todos os outros, por mais dinâmicos que sejam para a economia. Outro setor importante é o da alimentação. Por que não subsidiar alguns produtos, quando o Governo gasta 6,7 trilhões de cruzeiros subsidiando a exportação.

A chamada burguesia nacional terá uma função importante num governo de oposição? Existem empresários dentro do PDT?

Tem... tem até fazendeiro. Mas acho que mais cedo ou mais tarde é possível um rompimento, porque a natureza do partido levará a um conflito interno. No PDT os três candidatos majoritários são todos "pé no chão". Não temos nem onde cair morto. Eu e o Getúlio (Dias), por exemplo, estamos jogando todo nosso patrimônio nessa empreitada.

Quais foram seus últimos projetos como legislador?

Um é o seguro desemprego, tendo como fonte de custeio a criação de um imposto sobre a riqueza líquida. É uma forma de redistribuição de renda já existente em países democráticos. Atingiria apenas patrimônios de pessoas físicas e as grandes fortunas, não havendo portanto a realimentação da inflação. E o outro, é o da compatibilização da estabilidade com o FGTS. Outros projetos importantes, mais antigos, são a garantia do direito de greve, eliminação da denúncia vazia, criação do seguro de fiança locatícia, o grande sonho do inquilino, para não andar pedindo fiança.

As eleições têm contribuído de alguma forma para a discussão dos grandes problemas do país? Ou existe apenas uma caça aos votos?

Realmente é isto o que está havendo, infelizmente. Em muitos auditórios não se pode aprofundar muito as coisas. Sociologicamente, para se conseguir votos, temos de falar de questões que interessem às necessidades imediatas das criaturas. Não vamos falar da parte teórica que as pessoas não vão entender bem.

O que vai ser diferen-

te no governo do PDT, em relação a outros partidos, especialmente PMDB e PT?

Do PMDB é diferente, porque nós não temos as composições que eles vão ser obrigados a fazer, com o MR-8, com a direita, o centro e com a esquerda. Eu não sei em que Secretaria ficaria o Synval Guazzelli.

E o PT?

O PT não tem possibilidade... Acho o PT uma proposta muito significativa no momento da vida nacional. Mas na história dos povos não há exemplo de um partido de uma classe só, que tenha chegado ao poder pelas vias convencionais. A Social Democracia Alemã começou há 112 ou 113 anos atrás e por muito tempo ficou patinando, depois ampliaram e chegaram ao poder. Penso que a experiência alemã é uma frustração, eles conquistaram a confiança do povo, mas passaram a ser gerentes de multinacionais.

Nos seus discursos de campanha tem sido denunciado o empobrecimento do brasileiro. Isto pode ser comprovado?

A concentração de renda de 1970 para 80 poder ser comprovada até por dados oficiais. Mas há também um processo de conscientização das grandes massas. A urbanização foi muito violenta, e isto serviu para conscientizar o povo. De vez em quando ele ouvia o Cid Moreira dizer que os lixeiros de Londres estavam em greve, os coveiros de Paris queriam melhores salários, o povo pegou em armas e derrubou Somoza. E eles devem ter dito assim: "e nós?"

Aqui: conta a história de um pobre gurí de Bagé

Como se explica que numa sociedade acusada de manter fortes barreiras sociais, um gurí que passou fome chegue a candidato a governador?

Eu diria que a candidatura do PDT é uma candidatura do povo. Eu conheço todos os degraus de sofrimento da pobreza, a partir da fome. Essa eu senti na pele. Vim de fora, nasci num rancho em Bagé, de pau a pique barreado, como diz o Caetano Braun. Agora estou em Brasília há doze anos... não tenho smoking e nunca fui a uma festa. Uma vez que fui, foi de motorista de um amigo meu, que não tinha carro para levá-lo. Às vezes eu vejo os companheiros que nasceram comigo: alguns morreram, outros praticaram crimes, todos eles tuberculosos. Às vezes eu me pergunto, como é que eu escapei, que fenômeno.

Como eram seus pais?

O meu velho é descendente de negro. Era carvoeiro. Ainda é vivo. Está com 80 anos. Me en-

sinou sempre o caminho bom. Fui vendedor de carvão, depois quitandeiro (vendedor de ovos). Me lembro que saí da vila com dois balaios nos braços com verduras, frutas e talhadas de abóbora. Na volta eu passava numa ponte em que passavam os trens e recolhia o carvão que as máquinas antigas não queimavam bem. Levava para casa e aí minha velha, branca, descendente de espanhola, fazia fogo, numa velha lata de querosene Jacaré. Ela colocava uma grelha e fazia bolo de milho.

Numa sociedade onde as camadas populares têm pouca representatividade, esta bagagem é suficiente para alguém mexer com o poder?

Quando eu conto isto não faço por achar que isto vá levar meus irmãos a votarem em mim. Eu sempre fiz isso, nunca neguei minhas origens. O meu velho é o que se chama no interior "filho da macega". Minha avó era empregada dos Collares e apareceu alguém que se engraçou com ela. Daí apareceu meu pai. E na hora de botar o nome, botaram Collares.

E como chegou à Faculdade de Direito?

Eu comecei a estudar meio atrasado, com 13 anos. Depois com 17... 18, não, com 19 comecei a tentar recuperar o atrasado. Fiz um exame de artigo 91 (supletivo) em Rio Grande, porque não tinha em Bagé. Depois ingressei num curso clássico no Colégio Auxiliadora de Bagé. Eu tinha 21, 22 anos e ficava sentado junto com os guris de 17, 18. O que me salvava é que tinha um cara mais velho do que eu, um poeta, Amir Teixeira Domingues. Vim fazer o vestibular em direito na UFRGS e tirei o décimo sexto lugar. Fiz o curso, mas não fui brilhante, não tinha tempo. Estudava de manhã e era telegrafista à tarde. À noite ganhava uns trocadinhos dando aula em cursos de preparação de postalistas e telegrafistas. O que eu entendia um pouco, pois entrei para o Correio com 13 anos e com 15 era telegrafista, mas telegrafista bom mesmo, de saber das coisas.

E o casamento?

Quando eu vim para Porto Alegre já era casado e tinha dois menininhos, um com seis meses e outro com um ano e pouco. Aí eu fui morar numa pensão na rua Santo Antônio. Uma pensão familiar, mas era só no nome, porque o negócio era meio... A minha mulher ficou uns cinco anos sem poder sair de casa por falta de roupa. Agora ela é uma companheira mesmo. É forte, extremamente forte.

Quantos filhos você tem?

Eu tinha três, perdi um deles afogado, com 16 anos. Sofri uma paulada. É uma ferida que nunca fechou. Tenho também uma menininha de 13 anos. Meu gurí não fala de política... eu escuto ele falar em música, em som, o entusiasmo dele com a aparelhagem moderna.



Aqui: fala da presença dos militares na política

Qual o papel dos militares na política nacional?

Durante todo o tempo em que o trabalho esteve no poder, os militares sempre estiveram conosco. Então não se pode dizer que as Forças Armadas sempre foram reacionárias. Mas a verdade é que, apesar de seu próprio estatuto proibir, eles sempre participaram da política. Eu até sugeri uma alteração no Código Militar excluindo o artigo 45 que proíbe a participação dos militares na política. Eles fizeram a República, fizeram 30 com Vargas e em 45 foram eles mesmos que desinventaram o tal de Estado Novo. Em 54 vários setores militares pressionaram Vargas até o suicídio. Em 55 tentaram impedir a posse do Juscelino. Em 61 houve a tentativa do golpe de 64, que o movimento da Legalidade, a par-

tir do Rio Grande, impediu. Em 64 eles assumem o poder, pela primeira vez ostensivamente.

Acho que se nós não discutirmos isso, não vamos alterar nada do que está aí. Eles sempre vão assumir na primeira oportunidade em que os opositores tiverem oportunidade de apresentar candidato à presidência da República.

Então não foi acertada a formação da Frente que lançou o general Euler Bentes Monteiro como candidato de oposição contra o General Figueiredo?

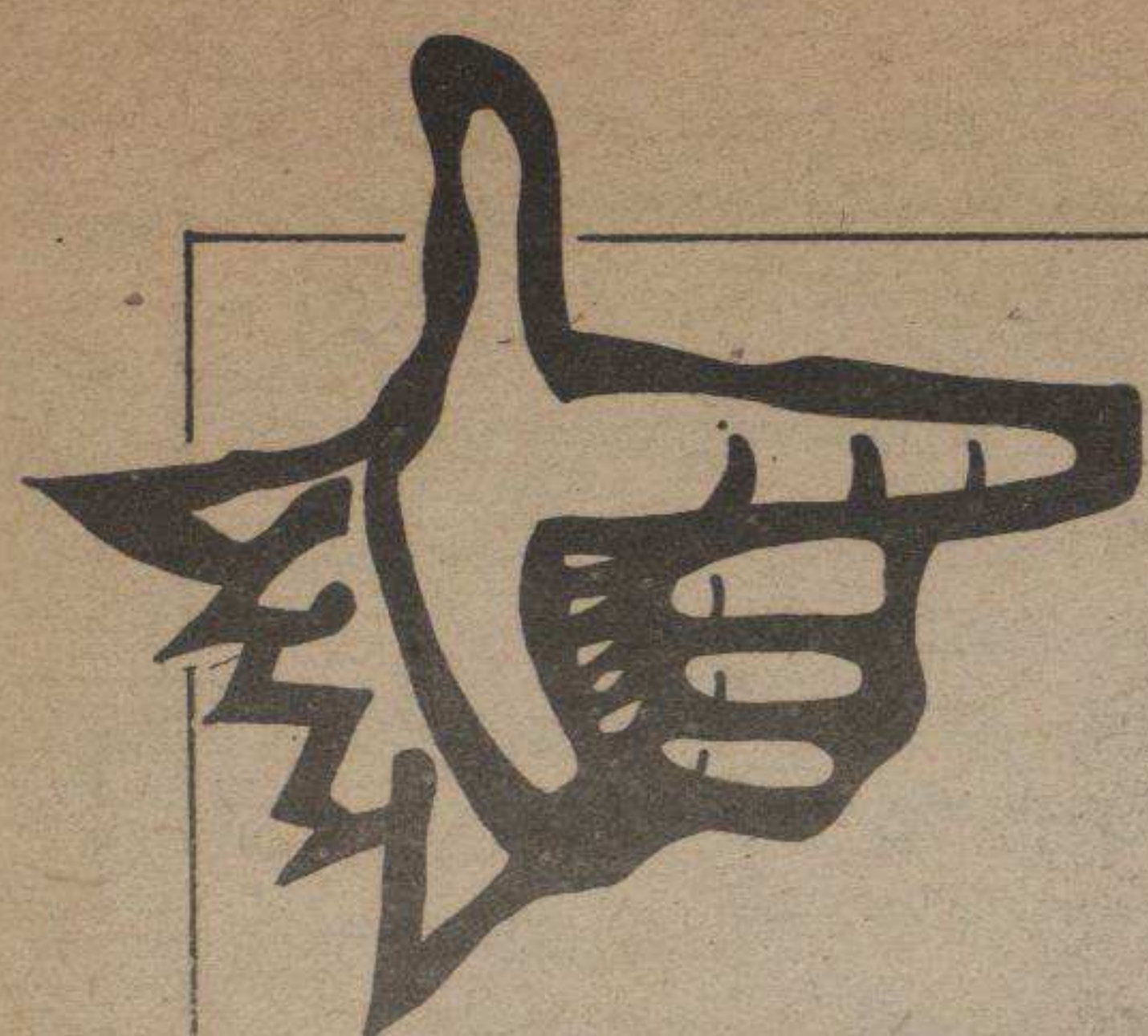
Acho que foi um erro... ele não tinha respaldo. Mas o que eu quero analisar é a composição das Forças Armadas no Brasil. Na Argentina, Uruguai, Paraguai etc... a origem dos militares é das classes dominantes, o que não acontece aqui. Nossos militares têm origem no povo. São filhos de bancários, de agricultores, funcionários públicos. A grande discussão é saber por que eles sustentam este sistema, se não estão enriquecendo em termos de classe. Tem uma minoria que está se aproveitando dos aparelhos do Estado, mas os militares em si, como corporação não estão enriquecendo. Você veja, o ideal dos tenentes em 30 era excelente... uma revolução para a época. Mas na prática este ideal foi tomado pela elite econômica e transformado. Em 64 ocorreu mais ou menos a mesma coisa.

Qual o seu relacionamento com os militares?

Eu não tenho reservas, são todos irmãos meus.

E no Exército?

Não, eu não tenho. Até acho que tinham de abrir Escola Superior de Guerra para um debate com as oposições. Aquilo lá é do povo. Por que só o Roberto Campos e o Delfim Neto falam lá?



INDICADOR PROFISSIONAL

**PINHEIRO MACHADO
NETTO**
Advogado

Riachuelo, 1098 conj. 603
Fone: 24-3855
Porto Alegre-RS

**Dr. ANTONIO CARLOS
GERBASE**

CREMERS 6646
CIC 192173310/15

Marechal Floriano, 91/814
24.66.01
Diariamente: 15-18H

Nereu Lima

CPF-MF 082058760-53
Advocacia Criminal
Borges de Medeiros, 410
salas: 509/510
tel: 24-6049 Porto Alegre

DILMA DE SOUZA
Advogada

Direito de Família
Sucessões
Direito de Trabalho

Rua Andrade Neves, 159 — conj. 133
13º andar — Fone: 25-3408 — P. Alegre — RS

**ADVOCACIA
EM GERAL**

**CLÁUDIO BALDINO
MACIEL**
OAB 11.382

DANIEL BOKLIS
OAB 11.448

Rua dos Andradas, 1464, 7º andar, conj. 70
Fones: 21-6188 — 21-6409 — Porto Alegre

**TARSO FERNANDO GENRO
MILTON M. CAMARGO**

Advocacia Trabalhista
de Empregados

Vig. José Inácio, 368 — Conj. 503
de segundas a quintas, das 17:00 às 19:00hs.
Fone: 25.5996 — P. Alegre — RS

Luiz Goulart Filho
OAB 7182 CIC 183730030/53
Hélio Goulart
OAB 12.600 CIC 220083570/15

Advogados

Horário: Das 10,30 às 11,30 e
Das 17,00 às 19,00 hs
Demétrio Ribeiro, 1078 cj. "B"
fones: 25-8393 33-6476

**Luiz Carlos
Calachi Moraes**

Advocacia Trabalhista
P/Empregados

Andrade Neves, 159 sala: 64
fone: 33-5445
Edifício Amazonas

ADVOGADOS

HÉLIO ALVES RODRIGUES
OAB 3975 - CPF 001520800/15
JÚLIO CESAR ALVES RODRIGUES
OAB 3408 - CPF 001520990/34

ANDRADE NEVES, 159 - CONJ. 21/22
FONES: 24-8616 E 25-8035

Rovílio Antonio Breda
OAB/RS 2583

Abade P. Bulhões
OAB/RS 2835

AVENIDA BORGES DE MEDEIROS, 453
CONJ. 81 FONE: 24.69.23

ADVOGADOS

Luiz Ulysses de Pauli
ADVOGADO

Advocacia Trabalhista

De 2ª a 5ª das 16:30 às 18:30 hs.
Rua Vig. José Inácio, 368 — Conj. 204
Fone: 26.6460 — P. Alegre — RS

Magda L. Cidade Dias

Advogada

Direito Previdenciário
Acidentes do Trabalho

Rua Uruguai, 335 — 3º Andar — s/38
Fone: 26.6624 — P. Alegre - RS

LUIZ LOPES BURMEISTER
OAB 2334

ADVOCACIA
TRABALHISTA
DE EMPREGADOS

Andrade Neves, 159/105
Fone: 25-5866
Porto Alegre

**Geraldo Nogueira
da Gama**

Advogado

OAB 5951 CPF 059035050/15
Rua Cel. Genuino, 421
— 12º andar
Fone 25-0154
Porto Alegre RS

**GISA NARA MACHADO DA SILVA
LIDIA WOIDA
DÉCIO GUIMARÃES NETO
ELAINE VIEIRA
MARIA HELENA MOTTA**

Advocacia Trabalhista
de Empregados

De 2ª a 5ª das 17 às 19 hs
Andrade Neves, 155 - conj. 71/2
Fone: 33-4321 - Porto Alegre
Victor Barreto, 3056 - s/304
Fone: 72-4397 - Canoas

João Carlos Gastal - OAB 599
Newton Domingues Kalil - OAB 7061
Regina de Lima Motta OAB 9242

Falências e Concordatas
Direito Fiscal
Inventários — Separações — Divórcios
Rua Ramiro Barcelos, 330
2º and. fone: 24-9846

**Mario Chaves
Carlos Franklin Araújo
Vera Lucia Kolling**

ADVOCACIA DE EMPREGADOS

Andrade Neves, 155 conj. 35/36
fone: 24-3159 Porto Alegre



Política ou tarefas domésticas?

O tradicional formalismo do apresentador do programa Espaço Aberto, Amir Domingues, quase provocou uma crise com líderes do feminismo local. Amir entrevistava quatro candidatas — Ecléa Guazzelli (PMDB), Anabela Chiarelli (PDS), Terezinha Chaise (PDT) e Leonilse Guimarães (PT). As discussões sobre a liberação da mulher e outros modernismos provocaram um acalorado debate. Para amenizar o clima o apresentador decidiu fazer uma pergunta: "Vocês não acham que esta atuação política da mulher está prejudicando sua função essencial, que é cuidar da casa e dos filhos?". Não amenizou nada.

E o governador vetou o representante palestino.

Com a proximidade das eleições é cada vez maior a "pressão" sobre a programação das tevês locais. Na quarta-feira, dia primeiro de setembro, os telespectadores da TV Educativa estavam esperando a segunda parte de um programa de debates sobre a questão palestina, que costuma ir ao ar às 22 horas. Devem estar esperando até hoje, porque no lugar do debate foi apresentado um especial sobre a cultura Afro.

Por ordem expressa do governador Amaral de Souza foi vetada a participação do principal debatedor do programa: Farid Sawan, representante da OLP (Organização para Libertação da Palestina) no Brasil. Sawan viria de Brasília, especialmente, para participar do debate — uma conquista para uma emissora com os índices de

audiência da TVE. Ele cancelou vários compromissos par vir e a colônia árabe de Porto Alegre estava entusiasmada. Havia planos, inclusive, de inundar a cidade com panfletos chamando para o debate na quarta-feira. Mas sabendo que Sawan viria, um influente membro da comunidade judaica no Rio Grande do Sul, Jaime Wainberg, dono da Rainha das Noivas e um dos financiadores da campanha de Jair Soares, telefonou ao governador. Wainberg já é conhecido por sua "carta aberta", enviada ao colonista Rogério Mendelsky e publicada na Folha da Tarde, onde chamava Begin de "anjo" e Arafat de "bicho-papão". Na conversa com Amaral, Wainberg ameaçou tirar o apoio financeiro à campanha pedessista. Imediatamente o governador ordenou ao presidente da Fundação TVE, Jorge Furtado, que tirasse o "guerrilheiro" Sawan do

programa. Numa tentativa de neutralidade, Amaral recomendou, com menos veemência, que também o presidente da Federação Israelita do Rio de Janeiro, Paulo Goldrach, não participasse do debate. Mas na mesma hora impôs a presença de um substituto para Goldrach: o "bravo e idôneo" Alexandre Garcia, "imparcial" correspondente das empresas Bloch no Oriente Médio.

Em meio a essa confusão chegou a Porto Alegre o assessor imediato de Farid Sawan, Fauzi El Mashni. Aqui soube da quiexotada diplomática do governador. É claro que barrar um representante estrangeiro, que praticamente possui status de um embaixador, é no mínimo comprar uma briga com Saraiva Guerreiro e por conseqüência com Figueiredo.

O assessor de Sawan, indignado, reuniu vários representantes da colônia árabe e foi ao Sindicato dos Jornalistas denunciar o fato, que chegou a ser publicado na Folha da Tarde do dia 2 de agosto. O representante do mundo árabe no sul do país, Hamid Iskandar, encarregou-se de relatar o episódio a seus amigos particulares, Marchezan e Tarso Dutra, responsabilizando normalmente Jaime Wainberg pelo veto à participação do representante da OLP e estranhando a atitude de Amaral. Parece que não adiantou nada. O debate acabou sendo cancelado a pedido da colônia árabe, antes mesmo da chegada do assessor de Sawan. Felizmente. Porque da lista original da produção do programa havia sobrado apenas o professor de história Voltaire Schilling, que ao saber do que ocorrera, revoltado, desistiu de comparecer.

Culto à personalidade

O Governo gaúcho publicou um folheto de 54 páginas, em papel couchê, capa em quatro cores, relatando a viagem do Governador Amaral de Souza e uma comitiva de técnicos e empresários aos Estados Unidos, em julho. Na publicação estão contidos todos os contratos e cartas de intenções assinadas pelo Governador, mas há alguns exageros: o nome de Amaral de Souza aparece 46 vezes e das 26 fotos que ilustram o prospecto, o Governador aparece em 20, conversando no avião, brindando, escutando palestras e recebendo homenagens.

On the rocks

A quatro meses do fim do ano, Roberto Marinho, o todopoderoso presidente das Organizações Globo, apresenta-se como principal favorito ao Troféu Pé-Frío/1982. Nas três competições que sua Rede transmitiu com exclusividade, os representantes brasileiros naufragaram, apesar dos esforços dos locutores globais. No futebol, o Brasil obteve sua pior classificação, desde o fracasso de 1966. Na Fórmula 1, o ex-campeão Nelson Piquet bateu o record de paradas no boxe e no basquete, apesar do slogan da Globo — "Vamos mostrar que somos os melhores também no basquete" — o quinteto canarinho desandou na largada.

Trotsky inspirou o MR-8?

Ao comentar o apoio do Partido Comunista ao PMDB, o colonista Rogério Mendelski surpreendeu seus leitores ao tecer equivocadas considerações sobre os grupos de esquerda do país. Na edição de 13 de agosto, da Folha da Tarde, ele classificou o PCB de stalinista, o PC do B como maoísta e, para culminar, ligou o MR-8 ao pensamento trotskista. Mendelski demonstrou não ser o mais indicado para falar sobre a esquerda ao desconhecer que desde 1956, qu

quando Kruschew denunciou os crimes de Stálin, o PC não tem poupados críticas aos métodos stalinistas. Esta, aliás, foi uma das razões para o surgimento do PC do B, uma dissidência do Partido. Basta, porém, passar os olhos pelos documentos, jornais e manifestos do PC do B para se perceber enormes distâncias entre suas posições e as idéias de Mao Tsé-Tung. O próprio João Amazonas, líder do partido, publicou recentemente um livro demolidor em relação

à Teoria dos Três Mundos, inventada por Mao.

O cúmulo da desinformação, que beira o ridículo, é definir o MR-8 como tendência trotskista. Pelo contrário, o MR-8 é a organização que se define como mais ortodoxa de todas e a que defende sem restrições a política soviética. Aliás, não foram poucas vezes que brigadistas do HP e militantes trotskistas se agarraram a sopapos por divergências ideológicas.



Os quatro candidatos que eram três

A TV Gaúcha anunciou entrevistas com os quatro candidatos ao Governo do RS, no Sem Censura. Alceu Collares, Pedro Simon e Jair Soares compareceram ao programa e tiveram oportunidade de expor seus programas e propostas. Só o candidato do PT, Olívio Dutra, foi esquecido. Como o moqueteiro D'Artagnan...

ÁGUA ABAIXO

Em meio às tradicionais pesquisas e prévias que procuram decifrar as preferências eleitorais do brasileiro, o jornal Zero Hora patrocinou uma das iniciativas mais louváveis desta fase pré-15 de novembro. Colocou urnas em vários bairros chiques e pobres de Porto Alegre e nas principais cidades do estado e realizou a prévia mais democrática de todas as que saíram até agora. Ganhou Pedro Simon (32,2%), seguindo-se Jair Soares (26,6%), Alceu Collares (16,8%) e Olívio Dutra (10,4%). A contagem final foi publicada na edição de 29 de agosto, mas no dia seguinte, quando o leitor esperava uma análise dos resultados, estranhamente o jornal preferiu esquecer seu excelente trabalho e chamar na capa uma pesquisa do Ibope, com Jair Soares à frente, cujos critério e número de consultas não foram explicitados. Por falar nisso: Procura-se quem já foi consultado em prévias eleitorais.

Estão acabndo com a imagem das autoridades

Uma novidade na televisão: o surgimento de seriados americanos em que as autoridades, especialmente a policial, são ridicularizadas. Em pelo menos duas delas — Os Gatões e Xerife Lobo — exibidas aos domingos à tarde na Gaúcha, a imagem angelical dos agentes da lei, forjada nos primeiros tempos do cinema e da televisão, é virtualmente arrasada. A mais crítica é Os Gatões onde os heróis (mocinhos) são fabricantes clandestinos de bebida e estão em liberdade condicional. Os "bandidos" são o xerife e o rico dono da cidade, que figuram entre os personagens mais corruptos já mostrados pela televisão. E, para completar, um narrador em FQ (Fora de Quadro) faz intervenções irônicas, em que questiona o chamado "sistema".

Sinal de novos tempos? Talvez. É importante notar que estas caracterizações não acontecem por acaso e geralmente são reflexos de uma nova visão da sociedade. No início da década passada, por exemplo, o cinema e a televisão sempre tratavam o jornalista como um tipo inconveniente, que perturbava as investigações da polícia ou insistia em fazer perguntas incômodas para pessoas traumatizadas pela morte de um parente próximo ou coisa semelhante. Talvez o caso mais típico seja o da série Hulk, em que o vilão é um repórter que inferniza a vida do doutor David Benner/Hulk. Esta série foi criada pouco antes do caso Watergate, quando dois repórteres revelaram ao público uma subdesenvolvida trama de espio-

nagem eleitoral. E o resultado foi a queda do "bandoleiro" que ocupava a presidência dos Estados Unidos na época.

Outros exemplos? O das nacionalidades. O cinema americano (e por conseqüência a TV) foi usado para criar imagens negativas de alemães, japoneses, russos, chineses, mexicanos, etc., conforme evoluía a política externa norte-americana. Um dos casos mais evidentes é o dos árabes. Depois da crise do petróleo e com a dependência do Ocidente em relação aos petrodólares, misteriosamente desapareceram das telas e vídeos alguns clássicos do cinema. Neles Tyrone Power, Gary Cooper, Robert Taylor e outros eliminavam grande quantidade de beduínos, tuaregues e assemblados, sempre tratados como inimigos bárbaros e traiçoeiros. Recentemente os telespectadores foram surpreendidos com um filme "O Vento e o Leão" em que Sean Connery interpreta um obscuro líder árabe do início do século, que acaba atraindo a simpatia do truculento ex-presidente americano Theodore Roosevelt. O telefilme sugestivamente acaba com a intervenção norte-americana no Marrocos, mostrando que existem bons e maus árabes. Isto no mínimo contraria o conceito antropológico de uma das mais conceituadas enciclopédias inglesas: a Jackson. Lá, na edição de 1920, pode-se ler no verbete árabe: "indivíduos de cor parda, geralmente baixo e de índole traiçoeira. (BRODERICK CARLOS)



Resgatando vítimas da tortura

Inaugurada em Porto Alegre a rua Luiz Eurico Tejera Lisboa. O homenageado "desapareceu" em 1972

Pela primeira vez, na história recente do país, uma das vítimas da repressão política da década de 70 vira nome de rua. No ano passado, a Câmara Municipal de Porto Alegre aprovou um projeto do vereador Antônio Cândido Ferreira (PT), batizando uma rua da cidade com o

nome de Luiz Eurico Tejera Lisboa, ex-integrante da Ação de Libertação Nacional (ALN), morto em 1972. A Secretaria Municipal de Obras e Viação (SMOV) escolheu uma rua deserta no loteamento Parque Santa Fé para receber o nome de Luiz Eurico e sua inauguração, no dia 3 de setembro, contou com a presença de familiares do homenageado e membros do Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA), que iniciaram uma campanha exigindo do Governo um esclarecimento sobre os quase 100 desaparecidos na luta contra o regime.

Luiz Eurico Tejera Lisboa,

catarinense, ex-membro da União Gaúcha dos Estudantes Secundários, desapareceu em 1972, aos 24 anos. Sete anos depois, após exaustivas buscas, sua mulher Suzana Keniger Lisboa encontrou o corpo de Luiz Eurico no cemitério de Perus (SP), no túmulo de Nelson Bueno, um dos nomes falsos usados por ele, durante a clandestinidade. Segundo a versão dos organismos de segurança, Nelson Bueno havia se suicidado com um tiro na têmpora, em uma pensão. O cadáver, no entanto, apresentava marcas de tortura e várias perfurações de bala. Devido às diferenças entre o laudo do IML, ex-

pedido na época da morte, e a exumação do cadáver, feita em 1979, a Justiça ainda não reconheceu que o corpo encontrado é de Luiz Eurico. Mas já admitiu que ele e Nelson Bueno são a mesma pessoa.

Suzana Lisboa e o advogado do CBA, Luiz Eduardo Greenhalgh, abriram um processo responsabilizando a União pela morte de Luiz Eurico, o que reacende a discussão sobre a anistia no país. Afinal, depois de Luiz Eurico, outros quatro corpos de ex-militantes da esquerda desaparecidos na década de 70 foram encontrados em cemitérios, enterrados como indigentes.

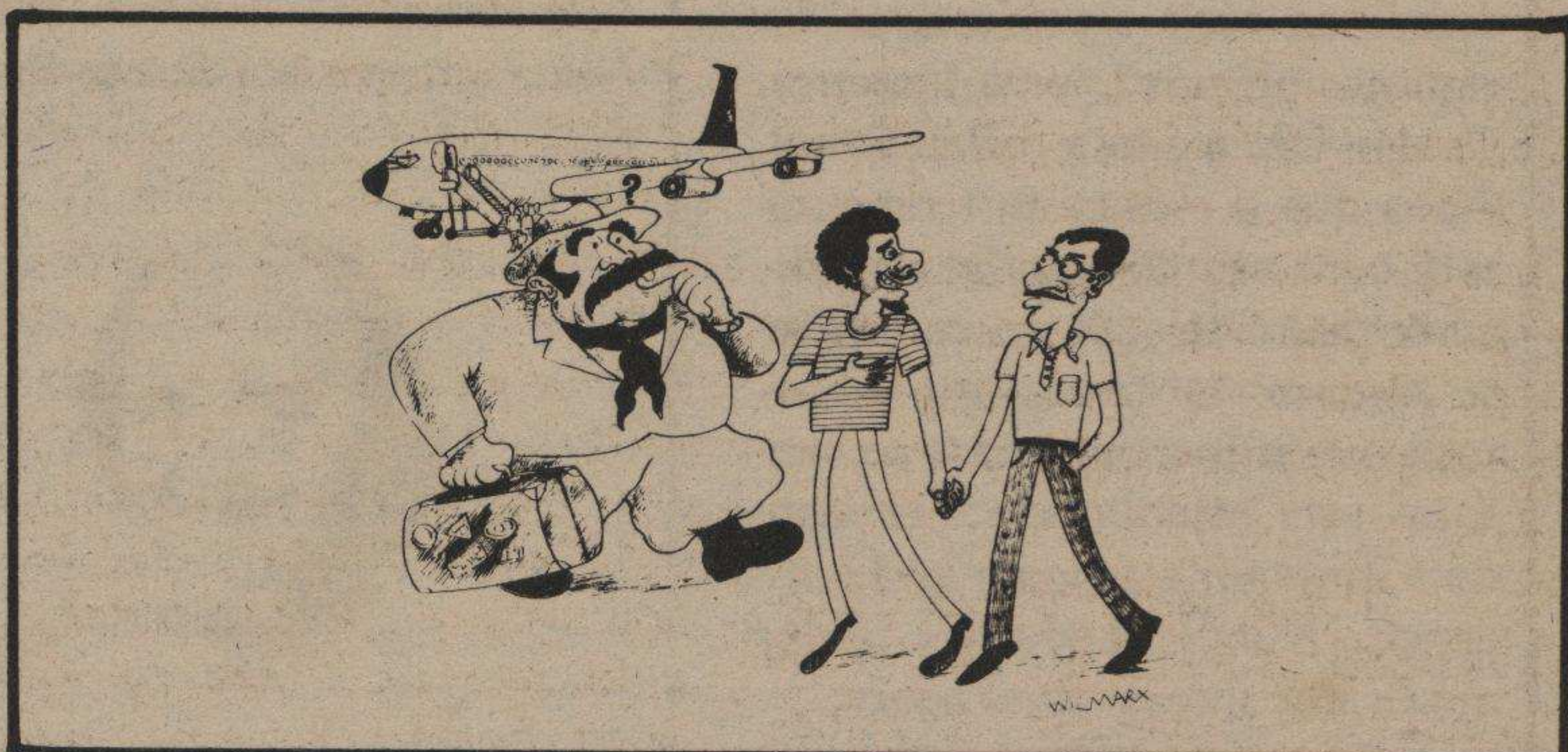
A afetividade entre homens

Recentemente, em uma entrevista no *Canal Livre* (TV Bandeirantes), Paulo Freire lembrou dois acontecimentos, similares mas antagônicos, que balançaram seus conceitos de machismo e afetividade entre homens.

Há uma história que me educou muito, me ensinou muito. Ela tem um ponto-de-partida anterior, que foi uma experiência no Chile. Recém-chegado ao

Chile, e andando um dia numa rua de Santiago, em frente quase ao palácio de "La Moneda", eu pus a minha mão, muito recifensamente, sobre o ombro de um amigo chileno, e senti que ele passou mal, e em certo momento ele mexeu com o ombro, e eu tirei a mão e ele me disse, com certa seriedade: "Paulo, no Chile homem não põe mão no ombro de homem!" Eu disse "ah, muito obrigado, desculpe". Quando eu fui para casa, no ônibus, eu me dizia a mim mesmo: há alguma coisa errada

numa cultura que reage a um gesto afetivo. E anos depois eu vou à África pela primeira vez, para participar de um seminário na Universidade de Dar-Es-Salam, na Tanzânia. No intervalo da primeira sessão do seminário, eu saí pelo campus da universidade com um professor tanzaniano, passeando e conversando. De repente ele agarra a minha mão. Agarra a minha mão e põe meus dedos nos seus dedos, cruza a minha mão como dois namorados e saímos passeando, mão dada assim. E eu aflitíssimo. Já



nem pensava o que poderia ocorrer se um pernambucano descesse de repente naquele campus tão bonito . . . Me sentia mal com aquela mão masculina me segurando. E quando ele largou minha mão eu rapidamente pus

as duas no bolso. Mas imediatamente, ainda bem não tinha me despedido do professor, eu disse a mim: há alguma coisa errada na minha cultura que me faz reagir a um gesto afetivo . . .

Quando todos pegam juntos, a vaca não vai pro brejo.



Numa cooperativa é assim, todos pegando juntos em benefício de todos.

Através dela, cada agricultor contribui com sua parcela para a multiplicação da força do grupo.

E colhe sua fatia de lucros na comercialização das safras, na obtenção de financiamentos para sementes, fertilizantes, máquinas, custeio de colheitas, reprodutores e até na aquisição de utilidades para sua casa.

A Cotrijuí é um bom exemplo. Há 25 anos tem sido assim.

A cada novo ano, novos caminhos são desbravados, novos projetos agrícolas e pecuários desenvolvidos, novas idéias pesquisadas e implantadas entre seus associados.

Como a criação de aves, ovelhas e suínos. A produção de mel. A criação de peixes. O cultivo de hortigranjeiros em pequenas áreas e o incentivo a novas culturas, como a colza.

Tudo isso numa demonstração clara de que quando pequenos agricultores se organizam em cooperativas, suas forças se multiplicam e suas possibilidades de sucesso aumentam. Sem o menor risco da vaca ir para o brejo.



Os "instrumentistas" ... esses perseguidos

— Como vocês vêem o problema da música instrumental e do instrumentista no Brasil, um País que valoriza basicamente o cantor, a chamada "canção de rádio"?

Rodolfo — Eu, particularmente, nunca trabalhei com cantor, tive só algumas experiências. Sempre desenvolvi mais o lado da música instrumental. Também não trabalho como músico de estúdio de gravação. Meus trabalhos mais significativos foram nos grupos Divina Incrência, Grupo Um e agora o Pau Brasil. Acho que a música instrumental está com campo cada vez maior, embora em relação ao cantor seja ainda bastante restrito. Acontece que o mercado para os cantores está estabilizado e tendendo a diminuir e o nosso está crescendo. Nunca vendemos tantos discos nos shows como agora...

— ... no trabalho de vocês vale muito o fator surpresa...

Rodolfo — Exato. Quando pinta um círculo energético forte, as pessoas percebem e isto estimula, estabelece a troca. E no caso da música instrumental, ela é mais humana e afetiva do que no caso de um cantor cantando uma letra, entende? A letra é uma grande vantagem, você vai falando, está tudo deglutido. Com a gente não é bem assim, às vezes se consegue uma troca livre espontânea, incrível.

— O que é ser músico acompanhante e ser músico de frente, solista?

Roberto — Só de uns dois anos para cá que tenho me sentido mais confiante para ser um solista. Acreditando mais em mim, estou lutando para abrir o mercado de trabalho na música instrumental. Mas as coisas acontecem primeiro dentro de você. Se eu não gostasse disso, eu não estaria aqui. Teria aceito outros convites e estaria tocando com cantores e prosseguindo uma carreira de músico acompanhante.

— Não é frustrante o trabalho de músico acompanhante?

Roberto — Não acho isso. Sempre fui um cara conciliador, sempre procurei ver o lado positivo. Tive raras experiências frustrantes. Só quando você é tratado como um objeto pelo cantor. Senti isso com Maria Bethânia. Ela chegava no show, cantava, apresentava a orquestra e ia embora. Sempre deixou claro que ela era a artista. Mas dou outro exemplo, a Simone. Com ela a gente brincava, se abraçava, sabe? Contava piada. Era um ambiente gostoso. Lembro também do Willcox, tecladista, arranjador. Por razões econômicas ele trabalhou com o Belchior, um cara legal, ótimo poeta, mas sem cultura musical nenhuma. Willcox começou a reharmonizar tudo. No início Belchior ficou

A produção independente de discos foi uma das formas que a música instrumental brasileira encontrou para existir. Sob o pretexto de que esse tipo de música não é comercial, as gravadoras e rádios têm boicotado este trabalho.

O sucesso dos aproximadamente 50 discos instrumentais, lançados nos últimos três anos, caracteriza a existência de um público expressivo — média de mil exemplares por edição. A música instrumental renasce depois de anos de esquecimento — exceção das grandes estrelas do tipo Hermeto, Gismonti, Wagner Tiso e outros. Nesta entrevista a Juarez Fonseca, cinco

ferrenhos instrumentistas, que compõem o grupo "Pau Brasil", debatem o assunto. Nelson Ayres é bastante conhecido, com discos gravados e participação em shows de Airto Moreira, Toots Thielemans, The Platters, Simone etc... Roberto Sion também andou nos Estados Unidos, com Billy Eckstine. Hector Costina, um argentino-brasileiro, fez parte do lendário Bossa-Rio, de Sérgio Mendes. Na Europa esteve em shows de Gato Barbieri, Michel Legrand, Schiffrin e Tony Bennet. Rodolfo Stroeter e Azael Rodrigues são da nova geração. Os dois trabalharam com o grupo Divina Incrência e têm experiência no exterior.



Roberto Sion, Rodolfo Stroeter, Nelson Ayres, Azael Rodrigues, Hector Costina

meio assim, mas depois começou a gostar e criou-se um clima que os músicos curtiam. Acho que a gente tem de trabalhar onde se sente bem. Se amanhã eu me sentir bem tocando numa banda de circo, para crianças, tudo bem. Tocar obrigado é fogo...

— ... mas tocar obrigado dá mais dinheiro.

Rodolfo — Pô, claro que dá!!!...

Roberto — Nenhum de nós vive do Grupo Pau Brasil. Quem sabe um dia conseguimos isso, assim como o Egberto Gismonti consegue... embora os músicos dele também não consigam...

Rodolfo — Quem vive de música no grupo de Egberto é o próprio Egberto...

Roberto — ... os outros ficam duros, às vezes; que nem os do Hermeto...

— O Roberto disse que você não pensava da mesma forma que ele nessa história do ser músico acompanhante. Como é mesmo, Nelson?

Nelson — Eu acho que o cara precisa sempre estar ligado e ao lado do trabalho comercial não deve deixar seu próprio trabalho, sem visar lucro. Não sou contra trabalhar com cantor, porque senão não teria trabalhado com a Simone. Até curti.

— Há algum tipo de preconceito, ou de diferença, entre o músico que tem a formação, contra o cantor, que não a tem mas é quem faz sucesso "na frente"?

Nelson — Tenho visto preconceito do cantor para com o

músico. Tenho impressão de que da parte dos músicos não existe tanto preconceito. Aliás, na área do jornalismo isso também existe. A maioria dos críticos que eu conheço fica com o pé atrás quando está conversando com o músico ou fazendo entrevista.

Rodolfo — Eu acho que a raça musical, os músicos, formam uma sociedade muito louca, um grupo difícil. Não existe uma "inveja" do músico, o que existe são picuinhas proporcionadas pelo ambiente. As conversas dos músicos são sempre específicas, pois no fim acaba sobrando é a sobrevivência do cara.

— Vocês recebem direitos autorais, como músicos acompanhantes?

Nelson — No nosso caso são os chamados direitos conexos, mas até hoje ninguém pagou...

Roberto — ... Eles enrolam, enrolam. Já começaram a pagar o dinheiro dos intérpretes-instrumentistas, mas não do acompanhante. Foi uma vitória, mas é muito pouco, pois os acompanhantes é que formam a maioria. É uma barra pesadíssima, mas aí já entramos no sistema de corrupção geral do Brasil. É difícil entrar na máquina do ECAD. Não quero dizer que lá todo mundo seja desonesto, mas são mil transas políticas, busca de pistolões, etc...

— E em termos de execução, como anda a música instrumental?

Nelson — Abriram espaço para nós, tem melhorado, os dis-

cos estão sendo tocados. Há três anos não havia isso. Mas foi uma batalha ganha pelos músicos. É sinal de que nosso trabalho vem despertando interesse. Tem uma hora que você tem que se assumir: 'eu também sou artista, também apareço na frente do palco; acompanho, mas também tenho o meu show, também vou à luta'.

— Na época do Pixinguinha, do chorinho, assim como mais tarde na época da bossa nova, não se formulava teorias a respeito, não se falava sobre as dificuldades. Hoje há mais espaço para se falar por que há um movimento quase ideológico em torno da música instrumental?

Costina — Isso é verdade. E há especialmente muitos músicos jovens se interessando por isso. Nos músicos veteranos nota-se um certo acomodamento...

Rodolfo — ... eu acho que este espaço de crítica, de discussão, não está sendo bem aproveitado. Os críticos, em geral, têm um puta medo de dizer: 'esta faixa aqui não está boa, este disco não tem um teor assim'. Os críticos não têm embasamento e só elogiam todos os discos de música instrumental. Não é assim, nem todos são bons, nem todos têm o mesmo padrão. Quando houver um debate maior em termos de qualidade é que será gerado outro nível de criação; a discussão leva ao aprimoramento.

— Como é o problema da formação musical, em termos de escolas?

Azael — Isso é piada. A vitrola é a grande escola; é o disco.

— Então, não existem escolas?

Nelson — Existem muitas tentativas. Em São Paulo tem a do Zimbo Trio, mas é caríssima, e quem entra é porque tem meios e não vai ser músico...

Rodolfo — ... é engenheiro. Tem muito engenheiro no troço.

Nelson — De qualquer modo, quero dizer que, em geral, as escolas de música, o próprio currículo que o MEC impinge, só forma 'professores de música', que vão formar outros 'professores'. Todo mundo é professor e ninguém toca nem o Parabéns a Você...

Rodolfo — ... é o caso do ECA — Escola de Comunicações e Artes. O cara entra lá pensando em se aprimorar em flauta. Entra tocando e sai sem tocar, ou tocando muito pior. Só querem fazer análises e tal, não formam instrumentistas.

Azael — Acontece é que não tem diálogo. A ECA (vinculada à USP) está há anos batalhando para ser reconhecida como curso superior. Lá não existe diálogo. E um professor não pode ser um caga-regras, deve é ajudar o aluno a chegar mais longe. Lá o que há é uma atitude castigadora. Eles querem impingir uma linha à pessoa. Falo porque estudei lá.

— Que perspectivas vocês vêem, então, para o instrumentista brasileiro, a curto ou médio prazo?

Nelson — Você não pode ficar esperando por Governo ou gravadora. Tem que continuar brigando por espaço, mesmo ganhando cachê irrisório. Nós, do Pau Brasil, vamos divulgar nosso trabalho na Europa a partir de outubro. Além disso, a gravadora Som da Gente lançará discos instrumentais em alguns países europeus. Temos que abrir caminho na marra, sempre trabalhando em outras áreas para sobreviver.

Azael — Eu vejo uma continuação daquilo que a gente já vem fazendo. Procurar se desenvolver, indagar sempre, buscando um desenvolvimento maior, numa pesquisa permanente.

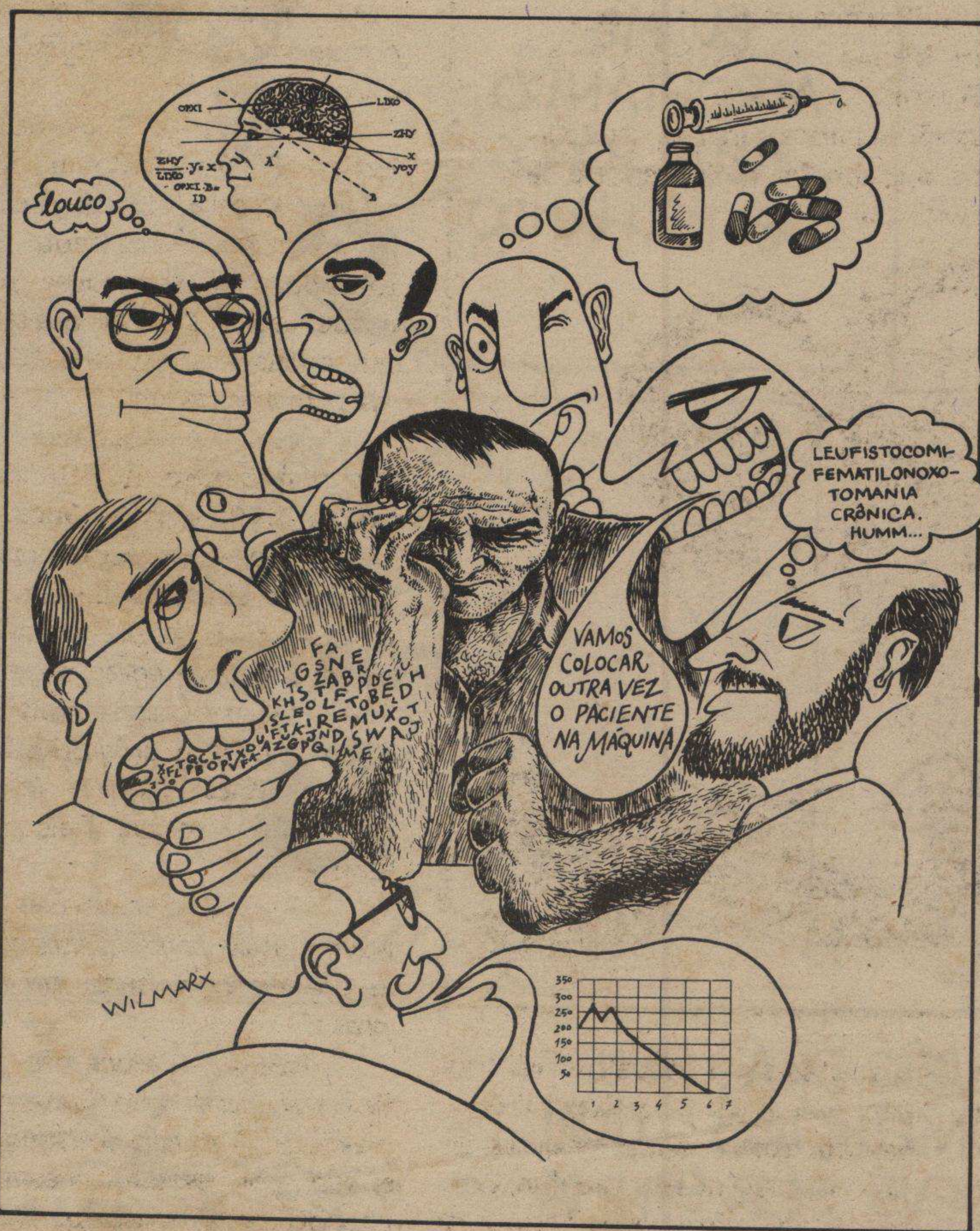
Roberto — O Nelson foi à Europa pela Som da Gente e vendeu 600 discos na França. Eu acho isto uma vitória, uma abertura. Espero que a geração que vem aí, dos que estão com 18, 20 anos, ouça a gente, e que se anime a estudar vários instrumentos, não só guitarra ou violão.

Costina — Apesar de veterano e cansado, não posso perder as esperanças de que tudo vai melhorar. Nos últimos anos realmente tem se mexido com a música instrumental. Espero que outros músicos nos imitem.

Rodolfo — O que eu espero é cada vez mais transcender ao que fiz, obedecendo a um critério artístico-histórico, isto é: você faz um negócio, no outro dia faz melhor; o outro disco é mais maduro e você vai indo para o céu. É isto que eu espero.

Esta "Carta ao senhor legislador da lei sobre estupefacientes" é um texto de Antonin Artaud* que veio a público em 1925, dentro de "L'Ombilic des Limbes", publicado na coleção "Une Oeuvre, Un Portrait".

Carta ao autor da lei sobre estupefacientes



Senhor legislador,

Senhor legislador da lei de 1916, aprovada pelo decreto de julho de 1917 sobre estupefacientes, és um castrado.

Tua lei não serve mais que para incomodar a indústria farmacêutica mundial, sem proveito algum para o nível toxicômano da nação

porque

1º O número de toxicômanos que se abastecem nas farmácias, é ínfimo;

2º Os verdadeiros toxicômanos não se abastecem nas farmácias;

3º Os toxicômanos que se abastecem nas farmácias são todos doentes;

4º O número de toxicômanos doentes é ínfimo em relação ao de toxicômanos voluptuosos;

5º As restrições farmacêuticas da droga não reprimirão jamais aos toxicômanos voluptuosos e organizados;

6º Haverá sempre traficantes;

7º Haverá sempre toxicômanos por vício de forma, por paixão;

8º Os toxicômanos doentes têm sobre a sociedade um direito imprescritível, que é o de que sejam deixados em paz.

É sobretudo uma questão de consciência.

A lei sobre estupefacientes põe em mãos do inspetor-usurpador da saúde pública, o direito de dispor sobre a dor dos homens; em uma pretensão singular da medicina moderna, querer impor suas regras à consciência de cada um. Todos os balidos oficiais da lei não têm poder de ação frente a este fato de consciência: a saber que, mais ainda que da morte, eu sou dono de minha dor. Todo homem é juiz,

e juiz exclusivo, da quantidade de dor física, ou também de vacuidade mental, que possa honestamente suportar.

Lucidez ou não lucidez, há uma lucidez que nenhuma enfermidade me tirará jamais: é aquela que me dita o sentimento de minha vida física. E se eu perdi minha lucidez, a medicina não tem outra coisa que fazer senão dar-me as substâncias que me permitam recuperar o uso desta lucidez.

Senhores ditadores da escola farmacêutica da França, vocês são uns pedantes mesquinhos: há uma coisa que deveriam considerar melhor: o ópio é esta imprescritível e imperiosa substância que permite retornar à vida de sua alma, aqueles que tiveram a desgraça de havê-la perdido.

Há um mal contra o qual o ópio é soberano, e este mal se chama Angústia, em sua forma mental, médica, psicológica, lógica ou farmacêutica, como vocês queiram.

A Angústia que faz os loucos.

A Angústia que faz os suicidas.

A Angústia que faz os condenados.

A Angústia que a medicina não conhece.

A Angústia que vosso doutor não entende.

A Angústia que tira a vida.

A Angústia que corta o cordão umbilical da vida.

Por vossa lei infiqua vocês põem em mãos de pessoas nas quais não tenho confiança nenhuma, castrados em medicina, farmacêuticos de merda, juízes corruptos, doutores, parteiras, inspetores doutorais, o direito a dispor de minha angústia, de uma angústia que é em mim tão agu-

da como as agulhas de todas as bruxas do inferno.

Temores do corpo ou da alma, não existe sismógrafo humano que permita, a quem me olhe, chegar a uma avaliação de minha dor mais precisa, que aquela, fulminante, de meu espírito!

Toda a desgraçada ciência dos homens não é superior ao conhecimento imediato que posso ter de meu ser. Sou o único juiz do que está em mim.

Voltem às suas saletinhas, médicos parasitas, e tu também, senhor Legislador Moutonnier, que não é por amor dos homens que deliras, é por tradição de imbecilidade. Tua ignorância sobre aquilo que é um homem, só é comparável à tua estupidez pretendendo limitá-lo. Desejo que tua lei caia sobre teu pai, sobre tua mãe, sobre tua mulher e teus filhos, e toda tua descendência. E mesmo assim, suporte tua lei.

* O escritor francês Antonin Artaud nasceu em 1896 (Marselha) e morreu em 1948. Poeta surrealista e homem de teatro e cinema. Suas idéias só tiveram sucesso após sua morte e atualmente exercem notável influência no teatro moderno.

VAMOS LUTAR JUNTOS! PARA DEPUTADO FEDERAL OMAR FERRI

VOTE COM O COOJORNAL

Chegue nas urnas com a camiseta de quem sabe das coisas:

conhece as posições do LULA



a retórica do JÂNIO



os feitos do JAIR



os projetos do COLLARES



as propostas do SIMON



e a campanha do OLÍVIO



Além das transas da Ivete com o Brizola, conte com outros ingredientes importantes numa decisão política, como informações sobre comportamento ou ecologia e cultura. Na imprensa independente, os fatos sem manipulação.

Assinatura para o exterior US\$ 60,00

Assinatura anual por apenas Cr\$ 1.900,00

(Porte a pagar para assinatura do interior do RS e outros estados)

Coojornal
Rua Comendador Coruja, 372 - CEP 90.000 - Fone: 335099
Porto Alegre - RS

Cupom de assinatura Coojornal

Nome: _____
End: _____ N° _____
Bairro: _____
Cidade: _____ CEP: _____
Estado: _____
Profissão: _____

FAÇA SUA ASSINATURA E GANHE A CAMISA DO COOJORNAL

do prédio incendiado pelas forças militares. Era um grupo camponês da região de Quiché, que ocupara o edifício depois de lerem um documento pelo rádio. Um único sobrevivente ferido, que estava internado numa clínica, foi seqüestrado e dias depois seu corpo jogado em frente à Universidade de San Carlos.

Marquei um "ponto" com o guerrilheiro para três dias mais tarde. Ia poder gravar uma entrevista com um dos dirigentes da guerrilha. Nos despedimos numa esquina do centro da cidade, mas antes, recebi uma advertência: "para tua segurança, ninguém precisa saber das tuas idéias".

A guerrilha aperta o cerco no campo e o governo de Ríos Montt enfrenta cada dia maiores dificuldades. Na Guatemala dizem que os americanos aprenderam alguma coisa com a Nicarágua e El Salvador. Os assessores de Reagan insistem agora na tese de que é preciso entregar alguns anéis para não perder os dedos.

Os americanos tentam preservar as alternativas burguesas. Eles praticamente sustentaram as últimas eleições e ultimamente têm promovido grandes coquetéis na embaixada, com a presença de líderes liberais e democrata-cristãos. Por outro lado fingem não ver a ajuda de Israel aos grupos para militares de extrema direita. Assim, ser da oposição na Guatemala ainda é muito difícil. Um exemplo foi a renúncia de Villagran Kramer, vice-presidente do governo anterior. Ele aproveitou uma visita aos Estados Unidos para passar um telex ao ex-presidente Ramon Lucas: "Permito-me comunicar-te he tomado decision de renuncia vicepresidencia de la Republica...".

A perda da base popular da democracia cristã começou com a invasão militar americana que derrubou o governo reformista do coronel Jacobo Arbenz, em 1954. A ação da guerrilha nos anos 60 agravou esta distância.

A Guatemala tem 108.889 km² (pouco maior do que Santa Catarina) dos quais metade é montanhosa. A cordilheira dos Andes divide claramente o país em duas regiões distintas. A costa do Pacífico é a região das melhores terras e do latifúndio, que representa 80% da área total. Grande parte dos camponeses não têm terra própria e recebem "parcelas" de terra, produzindo 50 a 70 dias para seu próprio sustento e o resto do ano para os grandes proprietários e as multinacionais, especialmente a United Fruit Co. (Segundo pesquisa da economista americana Andrea Brown em "Tierra de unos cuantos: la propiedad del campo en Guatemala")

As crianças no campo começam a

trabalhar aos sete anos e as famílias indígenas recebem o pagamento antecipado por um ano de trabalho. Estes camponeses têm engrossado os grupos militares de esquerda. Em algumas "fincas indígenas" os guerrilheiros são recebidos como heróis, ganham comida e até pedem que os filhos sejam levados para os acampamentos nas montanhas.

A desagregação do atual regime guatemalteco aparece com toda a crueza em seus próprios boletins econômicos: "Quarenta por cento da população vive em estado de pobreza grave e 27 por cento é indigente e sofre de desnutrição" (Extraído de um boletim do Instituto de Segurança Social — ISS). Dos sete milhões de habitantes apenas 30 por cento não é tecnicamente miserável.

Dois terços do povo é miserável

A política salarial se baseia no axioma econômico de que é preciso comprimir salários para evitar a inflação. O "Boletim Econômico" da Universidad de San Carlos afirma que "os preços têm aumentado com grande frequência e somente, depois, com grande dificuldade aumentam os salários. Sempre em proporção menor, o que vem acumulando uma situação extremamente difícil. O salário dos trabalhadores na área urbana está próximo a 65 dólares mensais. No campo é de apenas 30 dólares por mês".

"Em nosso país vemos a materialização da superexploração do proletariado urbano e agrícola — diz um membro do conselho político da Frente, exilado na Costa Rica. — Eles não sabem o que fazer com a crise. Os assessores passam o tempo todo dizendo que este é um reflexo da crise internacional. Mentiras... nada mais que mentiras".

O economista guatemalteco Mario Saavedra denuncia a existência de manobras e acordos entre o governo e empresários agrícolas. Um exemplo clássico é o da falência de "El Salto", uma das maiores produtoras de açúcar do país. Os advogados do engenho alegaram que a empresa não tinha mais condições de pagar seus funcionários, devido ao aumento dos salários e a destruição de canaviais pela guerrilha. O milionário Roberto Alejos, proprietário de "El Salto" (que ficou famoso em 1961 por ter cedido suas fazendas para o treinamento de mercenários que tentaram invadir Cuba pela Baía dos

Porcos), declarou-se falido. O governo imediatamente interviu, tratando de refinanciar "El Salto". Segundo Saavedra tudo não passa de uma cortina de fumaça para ocultar um acordo prévio entre o governo e os grandes produtores: "o exemplo foi seguido por quase todos os maiores latifundiários. O governo interessado em não perder sua base, paga para não cair. Os outros quebram para ganhar".

A semelhança do que ocorreu na Nicarágua, o empresariado trata de garantir o futuro. Cálculos oficiais afirmam que a fuga de capitais chega a 400 milhões de dólares por ano. Isto provocou uma baixa nas reservas monetárias e obrigou o governo a tentar implantar um controle de divisas. A medida não deu certo porque muitos exportadores convertem em dólares os valores das mercadorias exportadas e os deixam depositados em bancos estrangeiros.

"A verdade é que o dinheiro está saindo por baixo do pano", diz um guerrilheiro que integrou a diretoria do Centro Pela Independência dos Magistrados e Advogados da Guatemala, antes de passar para a clandestinidade.

Três por cento das famílias detém 72 por cento das terras e cinco por cento da população recebe 34 por cento da renda nacional. Estes dados alarmantes obtidos por qualquer pessoa na Universidad de San Carlos comprovam a situação crítica do país. Vinte por cento da população economicamente ativa está desempregada e 52% tem subempregos.

Enquanto isto as multinacionais (ou transnacionais, como diz o americano da US Steel) aumentam seus lucros. Desde 78, navios-tanques saem do porto de San-

to Tomás de Castilha carregados de petróleo que são descarregados no porto de Louisiana, Estados Unidos. Foram concedidas vinte "licenças de exploración petrolera" (contratos de risco). Atualmente o governo está fazendo um esforço enorme para tentar renegociar as licenças, o que provocou até o surgimento de tensões e atritos.

As jazidas de níquel da costa atlântica são das maiores do mundo. Em uma destas minas, os mineiros trabalham a céu aberto, utilizando tratores de lâminas para retirar o mineral. A mina está sendo explorada pela subsidiária local da empresa canadense Hanna, através de uma concessão, por 50 anos. Somente no ano passado a Hanna exportou 13 mil toneladas de níquel, num valor aproximado de 73 milhões de dólares, dos quais dois milhões passaram para as mãos do governo! Mesmo assim a Hanna alega ter um prejuízo de 25 milhões de dólares e exige novos favores.

Diz Saavedra: "A legislação dos minerais da Guatemala por um engano chegou ao Congresso em inglês. A comissão de economia teve de arrumar às pressas um tradutor para que os deputados pudessem entendê-lo. E aprovaram o projeto sem restrições".

Está na minha hora de voltar ao Brasil. A lembrança ainda é mais oportuna depois que tomo um último gole do café aguado do bar do aeroporto. Antes da despedida o homem ao meu lado comenta: "Vocês brasileiros é que são felizes. Vivem num país tão grande e forte que é capaz de resistir a estes gringos". Prefiro não comentar nada, estou atrasado para pegar o avião.



O futuro regime? Só depois da vitória.

A entrevista com dois líderes da Frente Democrática Contra a Repressão (FDCR) foi feita no interior do país, próximo a uma região que lembra a Amazônia. A Frente reúne todo o tipo de profissionais, estudantes, religiosos, índios e mulheres. Eles desenvolvem operações militares, mas ainda não foi possível organizar uma grande ofensiva, nem mesmo ocupar de forma permanente algum território definido da Guatemala. Os nomes dos "comandantes" não são citados por razões óbvias. Mas como quase todos os líderes militares da América Central, parecem "Che Guevaras" redivivos, com suas boinas, barbas e fardas.

A partir de que base política comecem sua atuação?

Levamos cerca de oito anos de preparação, num plano de assentamento

político e militar para uma guerra popular. Não somos resultado dos últimos acontecimentos, mas de uma concepção desenvolvida anos atrás. Esta acumulação de experiência nos permitiu entender que não era correto estabelecer uma oposição entre o trabalho de massas e a luta armada.

Como foi desenvolvido este trabalho, baseado em que setores?

No campo todo o trabalho teve de ser adequado. Tínhamos que evitar que os grupos guerrilheiros se tornassem um corpo estranho para os camponeses. Isto num momento de refluxo, quando a guerrilha havia sofrido diversas derrotas. Isto exigiu muita criatividade, mas acho que hoje somos reconhecidos como parte integrante da realidade deles.

Aqui em nosso país — interrompe o segundo guerrilheiro — o povo tem clareza de que todas as portas estão fechadas e que os meios legais perdem importância frente à super-exploração, à discriminação, ao caráter criminoso do exército e das guardas rurais. Numa hora destas até as lutas econômicas e reivindicações ficam em segundo plano.

E na cidade?

De certa forma existia um vazio e uma grande expectativa na cidade. Apesar das derrotas em 1971 alguns setores ainda acreditavam na luta armada. Começamos do zero, elaboramos uma série de materiais teóricos. Foi a fase de explicar à população as razões de nossa luta urbana. Hoje estamos na fase de ampliação, com integração massiva em nossas fileiras. A repressão é tão violenta que quase

não resta aos jovens, especialmente, outra alternativa senão aderir.

Que governo vocês defendem para a Guatemala?

Antes de chegar a qualquer conclusão é preciso dar passos. É um pouco difícil precisar estas questões hoje, até pelas próprias alianças que precisamos fazer. De qualquer modo sabemos as necessidades de nosso povo e pensamos que o governo revolucionário vai ter de transformar esta estrutura. A primeira garantia só será dada com a vitória do exército popular. Nossa diferença em relação aos movimentos reformistas burgueses está na participação popular que dá o caráter de classe de nossas organizações. "Por supuesto" não estariam excluídos os setores democráticos e todos que estão contra a opressão e a injustiça.

Em quem eles votam?

IVALDO ROQUE,
43 anos, compositor e músico

— Meu voto é ideológico. Eu nunca votei na situação, neste Governo que está aí. Por princípios e por minha origem sempre fui um homem de oposição aos poderosos, aos que exploram a classe trabalhadora.

— E por minha vinculação ao Glênio Peres, ao Kenny Braga e outros companheiros ligados ao PDT, inclusive o próprio Alceu Collares, eu vou votar com eles. É o partido que mais está me fazendo a cabeça, apesar de ter estado afastado de Porto Alegre um longo tempo, morando em Santa Catarina.



— Na última eleição eu votei no Glênio para vereador, no Fogaça pra deputado estadual, o Grivot para federal e o Simon para o Senado.

no Coojornal de janeiro sobre habitação. Sabemos muito bem que países com desenvolvimento tardio, como é o caso brasileiro, vêm passando por um processo um tanto distinto daqueles experimentados no passado pelos países ditos desenvolvidos. Como consequência do alto grau de modernização e altas taxas de migração, um grande contingente de mão-de-obra não consegue ser absorvido pelo setores de produção, tal como aconteceu nos países desenvolvidos no passado.

Este excedente de mão-de-obra — aqui no Brasil equivale a 70% da população que vive com menos de três salários mínimos — serve como elemento de pressão para uma política de baixos salários e para ele são dirigidos programas como o Promorar. Segundo cálculos do Dieese, um trabalhador brasileiro precisa de 160 horas de trabalho por mês para alimentar sua família. Como os mesmos cálculos dizem que o trabalhador consome 40% de seu salário em comida, conclui-se que ele necessitará 400 horas de trabalho para preencher suas necessidades básicas, não sendo possível, portanto, fazer poupança para pagar os planos habitacionais propostos.

Completando esse raciocínio, podemos colocar a habitação dentro de duas formas distintas dentro da Sociedade: como parte de toda a estrutura econômica ou como bem de consumo. Enquanto a habitação for considerada dentro do segundo ponto de vista, as populações carentes terão que continuar a resolver seus problemas com seus próprios recursos.

Carlos Ribeiro Furtado,
Porto Alegre, RS

Para nós está bem claro que, enquanto o déficit das moradias modernas tornou-se um problema institucional, a extrema precariedade das condições ambientais na qual as populações de baixa renda vivem nas cidades são certamente exacerbadas. Guiados, na maioria das vezes, por noções erradas de limpeza urbana e proibição de qualquer forma de construção, as quais não sejam consideradas dentro dos padrões modernos para as cidades, os programas oficiais frequentemente contribuem diretamente para o agravamento da situação relativa às invasões e desenvolvimento clandestino.

É óbvio que não podemos enfrentar o problema das favelas através de atitudes paternalísticas e convencionais. As populações de baixa renda sabem muito bem, melhor do que nós, o que necessitam e o que estão dispostos a pagar dentro de suas prioridades. Quando defendo a participação da população na solução dos problemas, deixo claro que a mesma deverá ser feita diante de certos parâmetros que não visem somente a apropriação de sua mão-de-obra em benefício do Estado ou grupos privados na redução de seus custos e consequente ampliação de mercado. O programa Promorar, na verdade, em nada ou quase nada atende às necessidades básicas da população favelada, porquanto não lhe permite sequer opinar sobre suas necessidades, partindo do pressuposto que integrar um favelado na sociedade seria como dar-lhe roupa nova onde nem mesmo a escolha desta tem o direito de opinar.



CARLOS NOBRE
53 anos, colunista de Zero Hora

— Falando em política, eu cada vez mais acredito naquela frase que foi dita por Oswaldo Aranha em 1937: "O Brasil é um deserto de homens e de idéias". Para mim, todos os partidos são vazios. Nenhum deles tem uma idéia definida. Quanto ao meu voto, é claro que vou votar na oposição, no PMDB. Votarei no Fogaça ou no Lélcio de Souza para deputado federal, porém, para governador, me nego a dar meu voto a qualquer que seja. Se não fosse a vinculação do voto, eu até sugeriria uma pessoa da qual gosto muito: Collares. Mas, como o RS é o rei do racismo, não acredito que ele se eleja, pois até o Internacional nunca teve um dirigente negro.

TANIA CARVALHO
39 anos, jornalista e apresentadora da TV Guaíba

— Tenho bem claro o meu posicionamento político e já sei até em quem vou votar nas próximas eleições. Porém, minha profissão não me permite que eu abra o meu voto. Além disso, sou a favor de que o voto deve ser secreto, secretíssimo. Já fui, inclusive, convidada para participar destas convenções que andam fazendo por aí mas nova-



JOÃO BATISTA DA SILVA
27 anos, jogador do Grêmio

— Futebol e política não devem se misturar. Não posso me definir politicamente porque qualquer posição que eu, como jogador de futebol, tome, repercute mal pela minha situação profissional. Ainda não escolhi em quem vou votar e, em princípio, sou a favor do voto secreto e não faço campanha para ninguém. Não entendo quase nada de política e não me aprofundo muito nesta área. Voto sempre pensando na pessoa, pois é esta que vai agir, não importando o partido a que esteja vinculado.

*N. da R. — em uma jornada esportiva da Rádio Guaíba, Batista revelou que pretende votar no jogador Valdomiro Vaz Franco, PMDB, do Inter, para vereador.



mente não pude por causa de meu trabalho.



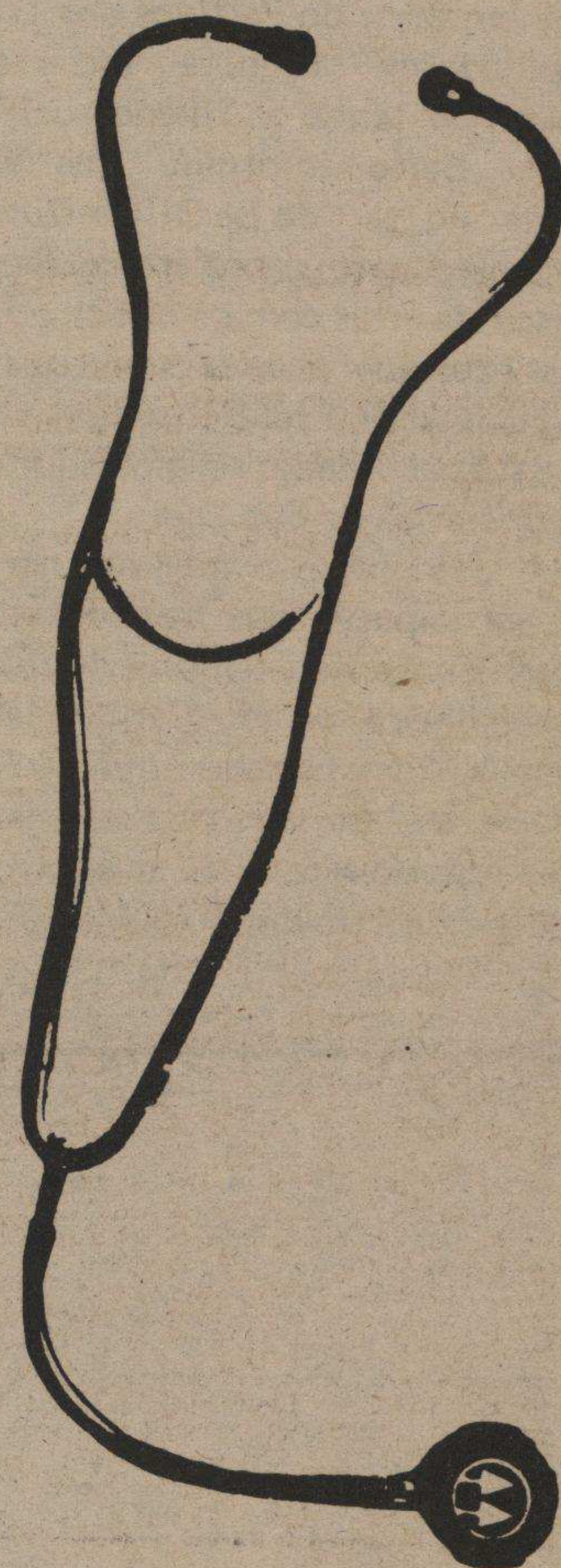
NELSON COELHO E CASTRO
28 anos, jornalista, músico e compositor

— Não tenho dúvida nenhuma de que ganha a oposição. Participei da convenção do PMDB assim como participaria do PT ou do PDT. Ainda não tenho um partido definido. Como músico e como pessoa que faz cultura, com direito a este respeito, não escutei ainda, de nenhuma boca, qualquer intenção sobre a cultura daqui. Nenhum político tem contato com a nossa cultura. Falo de um contato físico e não apenas um contato paternal. Aproveito este espaço para cobrar de todos o respeito e a atenção com as pessoas que fazem cultura aqui no RS. Políticos, se fraguem da cultura gaúcha!

NELTAIR ABREU (SANTIAGO)
32 anos, cartunista da Folha da Tarde

— Acho que o voto deve ser secreto, mas como sou muito amigo do pessoal do Coojornal, vou dar algumas dicas sobre a minha posição política. Para governador do nosso Estado, vou votar num homem que fuma cachimbo e é de origem árabe. Para os outros cargos, eu ainda não tenho nomes para citar, a não ser para deputado estadual que o meu escolhido é Eliezer Moreira Pacheco, que, casualmente, é meu cunhado.

SE O PROBLEMA FOR SAÚDE, SIGA O EXEMPLO DOS MÉDICOS



Eles têm preferido o Sistema UNIMED para o seu atendimento e o de seus familiares. Faça como os médicos: confie a assistência de sua família e de sua empresa à UNIMED.

- Ausência de intermédios
- Menor custo
- Padrão Sistema UNIMED de Saúde

UNIMED

Porto Alegre — RS
Rua Santa Terezinha, 142
Fone: 31-1677



Política ou tarefas domésticas?

E o governador vetou o representante palestino.

Com a proximidade das eleições é cada vez maior a "pressão" sobre a programação das tevês locais. Na quarta-feira, dia primeiro de setembro, os telespectadores da TV Educativa estavam esperando a segunda parte de um programa de debates sobre a questão palestina, que costuma ir ao ar às 22 horas. Devem estar esperando até hoje, porque no lugar do debate foi apresentado um especial sobre a cultura Afro.

Por ordem expressa do governador Amaral de Souza foi vetada a participação do principal debatedor do programa: Farid Sawan, representante da OLP (Organização para Libertação da Palestina) no Brasil. Sawan viria de Brasília, especialmente, para participar do debate — uma conquista para uma emissora com os índices de

audiência da TVE. Ele cancelou vários compromissos par vir e a colônia árabe de Porto Alegre estava entusiasmada. Havia planos, inclusive, de inundar a cidade com panfletos chamando para o debate na quarta-feira. Mas sabendo que Sawan viria, um influente membro da comunidade judaica no Rio Grande do Sul, Jaime Wainberg, dono da Rainha das Noivas e um dos financiadores da campanha de Jair Soares, telefonou ao governador. Wainberg já é conhecido por sua "carta aberta", enviada ao colonista Rogério Mendelsky e publicada na Folha da Tarde, onde chamava Begin de "anjo" e Arafat de "bicho-papão". Na conversa com Amaral, Wainberg ameaçou tirar o apoio financeiro à campanha pedessista. Imediatamente o governador ordenou ao presidente da Fundação TVE, Jorge Furtado, que tirasse o "guerrilheiro" Sawan do

O tradicional formalismo do apresentador do programa Espaço Aberto, Amir Domingues, quase provocou uma crise com líderes do feminismo local. Amir entrevistava quatro candidatas — Ecléa Guazzelli (PMDB), Anabela Chiarelli (PDS), Terezinha Chaise (PDT) e Leonilse Guimarães (PT). As discussões sobre a liberação da mulher e outros modernismos provocaram um acalorado debate. Para amenizar o clima o apresentador decidiu fazer uma pergunta: "Vocês não acham que esta atuação política da mulher está prejudicando sua função essencial, que é cuidar da casa e dos filhos?". Não amenizou nada.



Os quatro candidatos que eram três

A TV Gaúcha anunciou entrevistas com os quatro candidatos ao Governo do RS, no Sem Censura. Alceu Collares, Pedro Simon e Jair Soares compareceram ao programa e tiveram oportunidade de expor seus programas e propostas. Só o candidato do PT, Olívio Dutra, foi esquecido. Como o mosqueteiro D'Artagnan...

AGUA ABAIXO

Em meio às tradicionais pesquisas e prévias que procuram decifrar as preferências eleitorais do brasileiro, o jornal Zero Hora patrocinou uma das iniciativas mais louváveis desta fase pré-15 de novembro. Colocou urnas em vários bairros chiques e pobres de Porto Alegre e nas principais cidades do estado e realizou a prévia mais democrática de todas as que saíram até agora. Ganhou Pedro Simon (32,2%), seguindo-se Jair Soares (26,6%), Alceu Collares (16,8%) e Olívio Dutra (10,4%). A contagem final foi publicada na edição de 29 de agosto, mas no dia seguinte, quando o leitor esperava uma análise dos resultados, estranhamente o jornal preferiu esquecer seu excelente trabalho e chamar na capa uma pesquisa do Ibope, com Jair Soares à frente, cujos critério e número de consultas não foram explicitados. Por falar nisso: Procura-se quem já foi consultado em prévias eleitorais.

programa. Numa tentativa de neutralidade, Amaral recomendou, com menos veemência, que também o presidente da Federação Israelita do Rio de Janeiro, Paulo Goldrach, não participasse do debate. Mas na mesma hora impôs a presença de um substituto para Goldrach: o "bravo e idôneo" Alexandre Garcia, "imparcial" correspondente das empresas Bloch no Oriente Médio.

Em meio a essa confusão chegou a Porto Alegre o assessor imediato de Farid Sawan, Fauzi El Mashni. Aqui soube da quiotada diplomática do governador. É claro que barrar um representante estrangeiro, que praticamente possui status de um embaixador, é no mínimo comprar uma briga com Saraiva Guerreiro e por conseqüência com Figueiredo.

O assessor de Sawan, indignado, reuniu vários representantes da colônia árabe e foi ao Sindicato dos Jornalistas denunciar o fato, que chegou a ser publicado na Folha da Tarde do dia 2 de agosto. O representante do mundo árabe no sul do país, Hamid Iskandar, encarregou-se de relatar o episódio a seus amigos particulares, Marchezan e Tarso Dutra, responsabilizando normalmente Jaime Wainberg pelo veto à participação do representante da OLP e estranhando a atitude de Amaral. Parece que não adiantou nada. O debate acabou sendo cancelado a pedido da colônia árabe, antes mesmo da chegada do assessor de Sawan. Felizmente. Porque da lista original da produção do programa havia sobrado apenas o professor de história Voltaire Schilling, que ao saber do que ocorrera, revoltado, desistiu de comparecer.

Estão acabando com a imagem das autoridades

Uma novidade na televisão: o surgimento de seriados americanos em que as autoridades, especialmente a policial, são ridicularizadas. Em pelo menos duas delas — Os Gatões e Xerife Lobo — exibidas aos domingos à tarde na Gaúcha, a imagem angelical dos agentes da lei, forjada nos primeiros tempos do cinema e da televisão, é virtualmente arrasada. A mais crítica é Os Gatões onde os heróis (mocinhos) são fabricantes clandestinos de bebida e estão em liberdade condicional. Os "bandidos" são o xerife e o rico dono da cidade, que figuram entre os personagens mais corruptos já mostrados pela televisão. E, para completar, um narrador em FQ (Fora de Quadro) faz intervenções irônicas, em que questiona o chamado "sistema".

Sinal de novos tempos? Talvez. É importante notar que estas caracterizações não acontecem por acaso e geralmente são reflexos de uma nova visão da sociedade. No início da década passada, por exemplo, o cinema e a televisão sempre tratavam o jornalista como um tipo inconveniente, que perturbava as investigações da polícia ou insistia em fazer perguntas incômodas para pessoas traumatizadas pela morte de um parente próximo ou coisa semelhante. Talvez o caso mais típico seja o da série Hulk, em que o vilão é um repórter que inferniza a vida do doutor David Benner/Hulk. Esta série foi criada pouco antes do caso Watergate, quando dois repórteres revelaram ao público uma subdesenvolvida trama de espio-

nagem eleitoral. E o resultado foi a queda do "bandoleiro" que ocupava a presidência dos Estados Unidos na época.

Outros exemplos? O das nacionalidades. O cinema americano (e por conseqüência a TV) foi usado para criar imagens negativas de alemães, japoneses, russos, chineses, mexicanos, etc., conforme evoluía a política externa norte-americana. Um dos casos mais evidentes é o dos árabes. Depois da crise do petróleo e com a dependência do Ocidente em relação aos petrodólares, misteriosamente desapareceram das telas e vídeos alguns clássicos do cinema. Neles Tyrone Power, Gary Cooper, Robert Taylor e outros eliminavam grande quantidade de beduínos, tuaregues e assemelhados, sempre tratados como inimigos bárbaros e traiçoeiros. Recentemente os telespectadores foram surpreendidos com um filme "O Vento e o Leão" em que Sean Connery interpreta um obscuro líder árabe do início do século, que acaba atraindo a simpatia do truculento ex-presidente americano Theodore Roosevelt. O telefilme sugestivamente acaba com a intervenção norte-americana no Marrocos, mostrando que existem bons e maus árabes. Isto no mínimo contraria o conceito antropológico de uma das mais conceituadas enciclopédias inglesas: a Jackson. Lá, na edição de 1920, pode-se ler no verbete árabe: "indivíduos de cor parda, geralmente baixo e de índole traiçoeira. (BRODERICK CARLOS)

On the rocks

A quatro meses do fim do ano, Roberto Marinho, o todopoderoso presidente das Organizações Globo, apresenta-se como principal favorito ao Troféu Pé-Frío/1982. Nas três competições que sua Rede transmitiu com exclusividade, os representantes brasileiros naufragaram, apesar dos esforços dos locutores globais. No futebol, o Brasil obteve sua pior classificação, desde o fracasso de 1966. Na Fórmula 1, o ex-campeão Nelson Piquet bateu o record de paradas no boxe e no basquete, apesar do slogan da Globo — "Vamos mostrar que somos os melhores também no basquete" — o quinteto canarinho desandou na largada.

Culto à personalidade

O Governo gaúcho publicou um folheto de 54 páginas, em papel couché, capa em quatro cores, relatando a viagem do Governador Amaral de Souza e uma comitiva de técnicos e empresários aos Estados Unidos, em julho. Na publicação estão contidos todos os contratos e cartas de intenções assinadas pelo Governador, mas há alguns exageros: o nome de Amaral de Souza aparece 46 vezes e das 26 fotos que ilustram o prospecto, o Governador aparece em 20, conversando no avião, brindando, escutando palestras e recebendo homenagens.

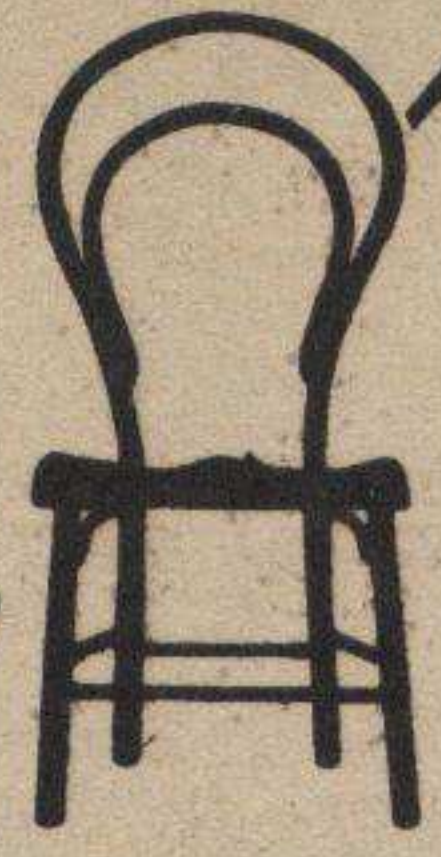
Trotsky inspirou o MR-8?

Ao comentar o apoio do Partido Comunista ao PMDB, o colonista Rogério Mendelski surpreendeu seus leitores ao tecer equivocadas considerações sobre os grupos de esquerda do país. Na edição de 13 de agosto, da Folha da Tarde, ele classificou o PCB de stalinista, o PC do B como maoísta e, para culminar, ligou o MR-8 ao pensamento trotskista. Mendelski demonstrou não ser o mais indicado para falar sobre a esquerda ao desconhecer que desde 1956, qu-

quando Kruschév denunciou os crimes de Stálin, o PC não tem poupado críticas aos métodos stalinistas. Esta, aliás, foi uma das razões para o surgimento do PC do B, uma dissidência do Partido. Basta, porém, passar os olhos pelos documentos, jornais e manifestos do PC do B para se perceber enormes distâncias entre suas posições e as idéias de Mao Tsé-Tung. O próprio João Amazonas, líder do partido, publicou recentemente um livro demolidor em relação

à Teoria dos Três Mundos, inventada por Mao.

O cúmulo da desinformação, que beira o ridículo, é definir o MR-8 como tendência trotskista. Pelo contrário, o MR-8 é a organização que se define como mais ortodoxa de todas e a que defende sem restrições a política soviética. Aliás, não foram poucas vezes que brigadistas do HP e militantes trotskistas se agarraram a sopapos por divergências ideológicas.



Os paranaenses estão chegando na noite gaúcha.



Chorões no CIB... Manuelzinho e Gervásio

No decorrer da década de setenta, Curitiba beneficiou-se de sua condição de cidade de classe média, típica do Brasil, e de uma administração municipal sensível. Voltada para a cultura e o lazer, passou a produzir idéias inovadoras. Recentemente essas idéias começaram a chegar a Porto Alegre, desde a ironia dos "grafiteiros", ver-sejando sobre os muros da cidade, até novas concepções de bares e restaurantes.

No centro de Porto Alegre, no meio de toda a confusão, existe um lugar tranquilo. Segundo os freqüentadores, "um oásis" onde é possível almoçar calmamente ao som de

música suave. É o "Espaço", funcionando há um ano na sede do IAB - Instituto dos Arquitetos do Brasil, na Annes Dias. Tudo começou quando Dirceu Russi, bancário gaúcho, foi viver em Curitiba. Nessa época um amigo pretendia abrir um bar e Dirceu acompanhou todas as etapas do trabalho.

"Minha idéia de bar é muito antiga", conta Dirceu, e essa experiência sem dúvida veio fortalecê-la. Da convivência com Curitiba, com sua mentalidade dirigida para a cultura, permaneceram as idéias inovadoras. Em agosto do ano passado Dirceu regressava ao Rio Grande e um mês depois criava o Espaço. O local fora projetado como bar, porém estava fechado há algum tempo. Juntamente com Antonio Carlos Castro, amigo que compartilhava de suas idéias, Dirceu planejou tudo cuidadosamente e das escadas surgiu o pequeno palco. Próximo à entrada, transpondo-se o espaço destinado a exposições, Castro instalou seus livros. Assim iniciou a trajetória do Espaço, misto de bar, restaurante, galeria de arte e livraria. Duas vezes por mês, de quintas a sábados, a partir das 22 horas, acontecem espetáculos de

artistas, geralmente gaúchos. No mês de julho o Espaço IAB apresentou o show musical "Redondinho" e o flautista Kim Ribeiro. A programação está definida até o final do ano embora não seja fixa, "porque não queremos que perca a característica de bar", diz Dirceu. Inicialmente freqüentado mais por profissionais liberais, nos últimos meses houve uma grande mudança no tipo de freqüentador do bar, o que exigiu maior flexibilidade na administração a fim de acompanhar essas modificações.

De segunda a sábado, a partir das 18 h, pode-se comer um aipim frito ou bolinhas de queijo, especialidade da casa, ao

som de jazz e MPB carinhosamente selecionados.

A seguir, entra em cena o cardápio variado, que propõe desde sanduíches até pratos frios, como o Tropical, e pratos quentes. Entre estes destacam-se filé com arroz à grega, filé com molho, mostarda e Omelete Finas Ervas, elaborado com três qualidades de queijo e ervas aromáticas francesas. De acordo com a estação o cardápio vai sofrendo adaptações, mesmo porque no verão a preferência do público volta-se para refeições mais leves. De segundas a sextas, ao meio-dia, o restaurante funciona com o prato do dia, que consta de comida caseira.

A maneira de admi-

nistrar o Espaço IAB reflete o prazer que Dirceu sente naquilo que faz: "Ter um bar é como receber os amigos todos os dias". Também desativado durante muito tempo, o salão do CIB-Clube Ítalo-Brasileiro, foi recuperado há três anos, quando Sandra e Clodoaldo Azevedo retornaram a Porto Alegre e assumiram a administração do local. Trouxeram a experiência de um restaurante em Camboriú e de uma churrascaria e duas lancherias no Clube de Campo Santa Mônica, em Curitiba. Aliado à essa experiência sempre existiu "satisfação no contato com o público", afirma Azevedo.

Localizado na João Telles, o restaurante do

CIB fica permanentemente aberto ao público, oferecendo, ao meio-dia, buffet com comida caseira. À noite, ao som de tangos e boleros ao vivo, o serviço "à la carte" dispõe, além da cozinha italiana, de pratos especiais como peixe à doré com molho tártaro e frango prensado desossado. Feijoada completa, com couve e laranja, é a proposta para sábado. No domingo ao meio-dia, ao som do piano, o restaurante cendo, ao meio-dia, buffet quente. Para concluir, pudim de leite e ambrosia são algumas das sobremesas caseiras que são servidas. Entretanto, afóra a boa cozinha, a casa proporciona outras atrações muito especiais. Toda segunda-feira, quebrando a rotina do restaurante, seresteiros e chorões tomam conta da noite com seus violões, cavaquinhos e pandeiros. Na agenda do CIB, uma atração já programada para setembro será "Tangos en la noche", que deverá se desenvolver durante três noites, com transmissão ao vivo pela Rádio Jornal do Comércio.

Essas iniciativas, conforme Azevedo, visam garantir não só momentos agradáveis àqueles que freqüentam o restaurante como também um espaço para os músicos locais.



Kim Ribeiro: "canja" no Esparete



... e Oscar "show no Espaço IAB"

Meme, Cláudia...



Araci do Escaparete

Escaparete: um cantinho para reunir com amigos

Sopas, chimarrão e jogos são as especialidades do Bar Escaparete (*). Criado por dois profissionais universitários e dois estudantes para "ter um cantinho onde reunir os amigos", o Escaparete surgiu como idéia no final do ano passado, quando a arquiteta Jussara Rozrigues, a publicitária Ina Koch, a estudante de Nutrição Dora Beck e o estudante de Engenharia Ralph

Kaldeich começaram a procurar uma casa para abrir um bar. "Nas nossas incursões nos bares", lembra Ina, "não nos acertávamos com nenhum, por isso abrimos o nosso".

O cardápio conta de cinco variedades de sopas (recomendação da casa - sopa "Borsch", feita à base de beterraba, nata e carne) com um preço médio Cr\$ 350, aipim frito a Cr\$ 150, pão de queijo (porção) Cr\$ 280, além do prato do dia. "A idéia das sopas", diz a arquiteta Jussara, "veio de um bar de Curitiba, o 'Guri Sopas' e chimarrão (Cr\$ 150) foi idéia nossa".

Além dos comes e bebes, o Escaparete tem outras atrações - a mascote Araci, uma boneca de pano em tamanho natural

lembrando uma figura saída de um "cabaret" francês do início do século, um salão de jogos, no qual até o truco (jogo carteadado muito popular na campanha) está presente.

A tudo isto se juntam momentos poéticos-musicais, com a eventual presença de Claudio Levitan com seus convidados.

Em tempo, o nome do bar deveria ser uma homenagem ao poeta Drummond de Andrade, que tem uma poesia chamada "Escaparete", mas por um engano natural ficou Escaparete. O bar fica na Castro Alves, 142.

(*) Funciona de Terças a Domingos das 20 horas até o último cliente. Aos sábados almoço natural.

(Eduardo Guimaraens)

CASA NOSTRA

Música ao vivo com Cigano Show
Diariamente das 21:30 às 02:00 horas
Ar condicionado perfeito

Rua Barão do Triunfo, 49 - Fone: 33-6718 - P. Alegre
(esquina Getúlio Vargas)
Aberto diariamente das 18:00 às 03:00 horas

CHURRASCARIA BARRANCO



Aberta todo o dia
Também Bar-Chopp



Av. Protásio Alves, 1578 - Fone: 31.6172 - Porto Alegre - RS

Aqui confundem qualidade com frescura



Sempre que me pedem informações de restaurantes me lembro da história do velho Abílio. Quando perguntavam ao velho Abílio onde se podia comprar qualquer coisa, ele respondia:

— Na Seleta.

A loja era realmente muito bem estocada. Mas era impossível que tivesse tudo que o velho Abílio dizia.

— Precisamos de velas, seu Abílio.

— Compra na Seleta.

— Ó guri, vai buscar fermento.

E o velho Abílio se intrometia:

— Na Seleta tem.

Um dia um sobrinho disse que precisava comprar um chapéu novo. Mas antes que o velho Abílio abrisse a boca, o sobrinho se adiantou:

— Não vai me dizer pra comprar na Seleta, tio. Com o senhor é tudo na Seleta. É só na Seleta. Chega de Seleta! Me diga, onde é que eu posso comprar um chapéu nesta cidade?

O velho pigarreou, pensou um pouco, depois disse:

— Sabe a soja do Simão?

— Sei.

— Pois não vai lá. Vai na Seleta.

Eu sempre indico os mesmos restaurantes em

Porto Alegre. Um pouco por simpatia, um pouco porque tenho saído pouco e prefiro sempre voltar aos lugares já provados, o que quer dizer que não conheço lugares novos. E um pouco porque quase sempre que experimentei lugares novos me dei mal. Vou sempre nestes: Floresta Negra, Pagoda ou Sakae's, quando o Oriente me chama, Barranco para churrasco, Trattoria do Giovanni para me misturar com as massas, Larus (que, confesso, nem sei onde anda agora) para variar. Às vezes um dos hotéis, como o Plaza São Rafael, o Plazinha ou o City.

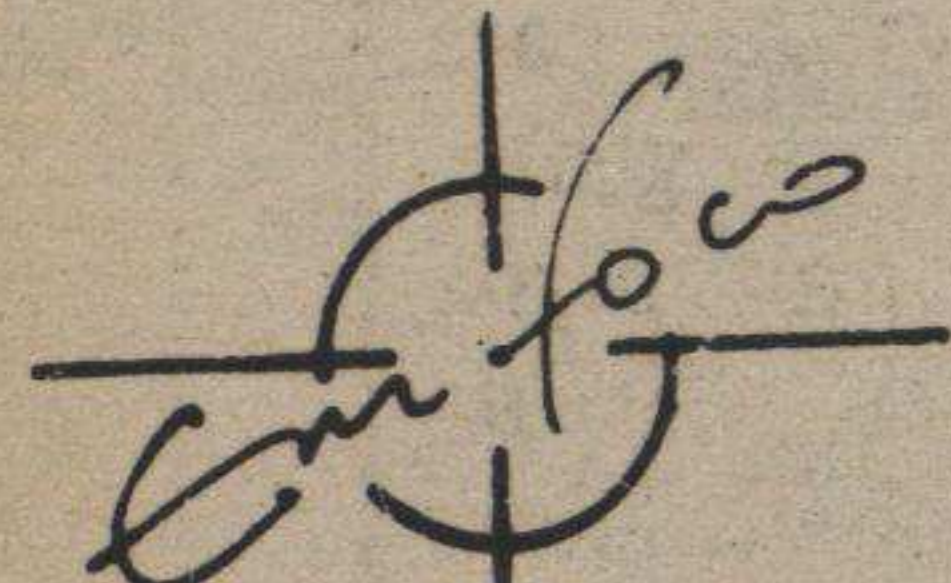
Sei que devo estar perdendo coisas ótimas. A última novidade em matéria de restaurantes em Porto Alegre que provei — e gostei — foi o Baalbeck, na Cristóvão Colombo perto da Ramiro. Mas a comida árabe é para de vez em quando. Seguidamente me cochicham o nome de um lugar novo, precedido da frase "Tens que conhecer..." ou "Não podes perder..." ou "Descobri...". O diabo é que você tem que ir logo depois da descoberta, ou da inauguração, porque na outra semana o restaurante já não é a mesma coisa. É natural que os restaurantes, como os impérios, tenham sua

ascensão, seu apogeu e sua decadência — mas não tudo num mês, como acontece em Porto Alegre. Não é por nada que os restaurantes da cidade que mantêm sua reputação, sua clientela e seu faturamento, com toda a crise, são os que conseguiram manter uma qualidade uniforme através dos anos. Como o Floresta Negra.

Mas reconheço, sou um péssimo informante. Também não tenho a fórmula para um novo restaurante pegar em Porto Alegre. Talvez haja lugar para um restaurante de, como se diz, alto gabarito (está aí um bom nome, Le Haute Gabarite), que cobre bem mas ofereça uma grande cozinha, e só dependa, para se manter, da visita de pelo menos um Johannpeter por semana. O problema é que aqui confundem qualidade com frescura, com cortinas derramadas, pratos flambados e pianistas que merecem ser flambados. Você abre o cardápio e vê uma lista de setecentos pratos. Na Europa, quanto melhor o restaurante, menor a escolha de pratos, restritos apenas àquele que o chef pode garantir com a sua vida. E há a questão da obsolescência prematura. Fui duas vezes ao restaurante do hotel Park Center. Na primeira comi um ótimo carpaccio, com um molho superior preparado na mesa pelo maitre. Na segunda vez o carpaccio já veio da cozinha com o molho, que se era parente do primeiro, era parente distante. De superior, só os preços.

Em suma: vai na Seleta.

Eduardo Tavares
Daniel de Andrade
Pablo Fabián



AGÊNCIA FOTOGRAFICA

Rua João Manoel, 191 Fone 24.9652 Porto Alegre CEP 90.000

Em busca de uma vida natural



A devastação da natureza e a conseqüente contaminação dos gêneros alimentícios e poluição da água e do ar está levando uma parte da população, principalmente os jovens, a optar por uma nova forma de alimentação. De cinco anos para cá, está aumentando consideravelmente o consumo de cereais, frutas e verduras adubadas organicamente, yogurtes naturais e açúcar mascavo. Porto Alegre vive esta verdadeira epidemia de naturalismo. A cada mês se instalam mais lojas, restaurantes e casas especializadas em comida natural (*).

Edith Travi, vegetariana há 27 anos e proprietária da Casa Dietética, especializada em yogurtes, garante que a procura aumentou em 80% nos últimos anos. "São os jovens que se dedicam mais à alimentação natural", diz ela, "pois os velhos já têm hábitos formados". Mas o que pode ser chamado de alimentação natural? Nara Ferrari, uma das donas do restaurante Aroma, explica que "alimentação natural é a equilibrada, que utiliza o mínimo de produtos não naturais, elimina as gorduras e enfatiza os vegetais crus, cereais integrais e laticínios". Segundo ela, a carne e os ovos são evitados pois correm o risco de putrefação.

Uma refeição integral vegetariana evita o consumo de açúcar após as refeições e não aconselha produtos refinados, "causadores de doenças como câncer, cáries dentárias e fraquezas", afirma Nara.

Um dos ramos da alimentação natural é a filosofia Macrobiótica, para quem os alimentos estão sujeitos à Lei da Bipolaridade, dividindo-os em yin (frutas, laticínios, vegetais, açúcar) e yang (os cereais). Segundo o orientador da Associação Macrobiótica de Porto Alegre, Perudah de Figueiredo Ne-

ves, deve-se iniciar a dieta com cereais e depois equilibrar a polaridade orgânica. Aí, então, fazer uso de alimentos um pouco negativos, como frutas e verduras.

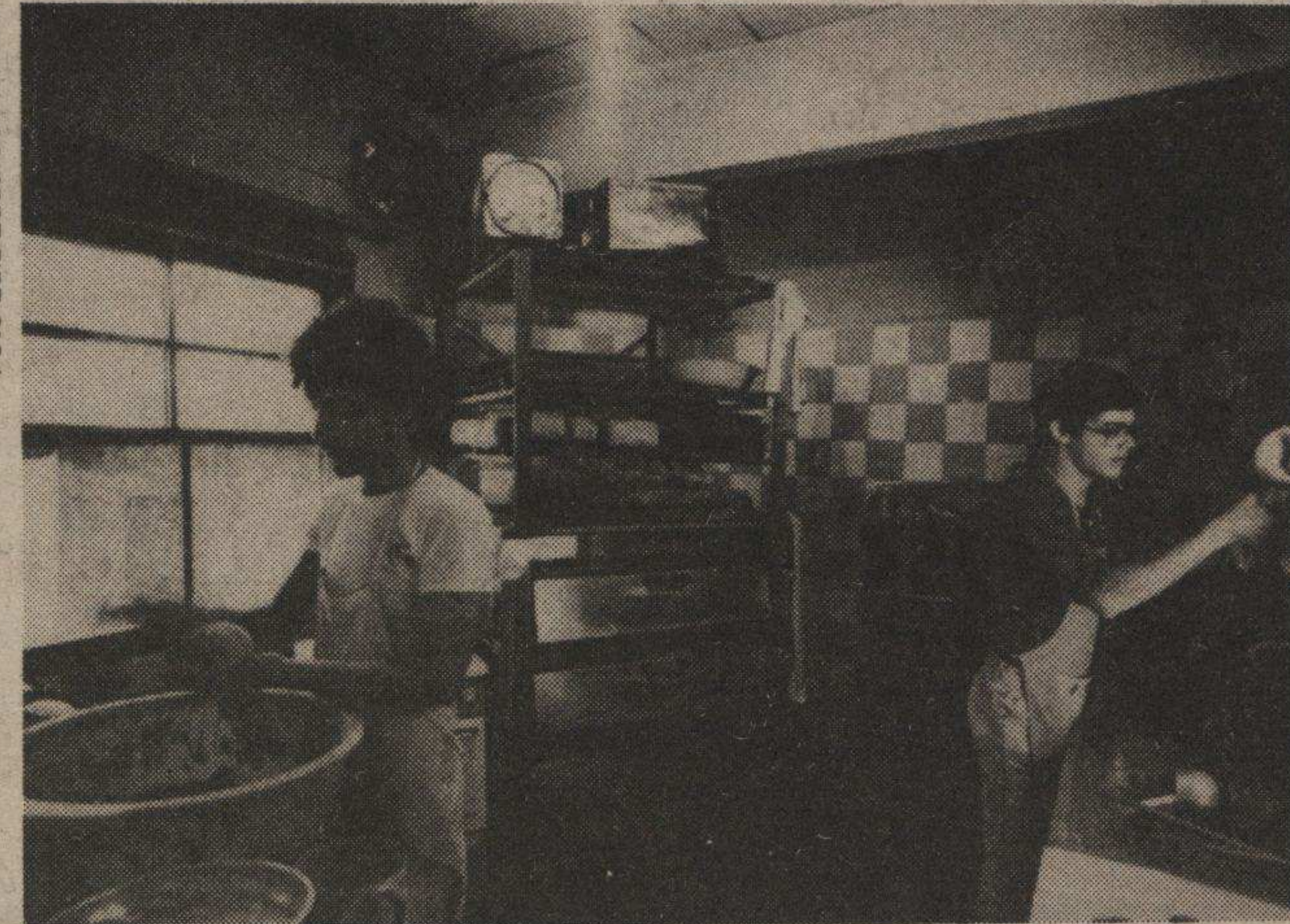
Em Porto Alegre existe uma cooperativa que só trata de alimentação natural. É a Coolméia, que possui 365 sócios e, segundo sua presidente, Ana Lucia Filgueiras, tem a preocupação de difundir informações sobre esta forma de alimentação. "A Coolméia não visa lucros e procura vender os alimentos a preços mais baixos, além de desenvolver outras atividades como educação alimentar nas escolas", diz ela.

Ana Lúcia afirma que qualquer alimentação deve buscar três componentes básicos: proteínas, carboidratos e gorduras. A carne tem um grande índice de proteínas, mas o naturalismo não aconselha seu

consumo por não considerá-la natural da espécie humana: "Pela própria evolução do homem, considerando-se os aspectos éticos e filosóficos, não se deve matar os animais, pois eles estão num nível de evolução mais próximo do homem que os vegetais".

Mas a alimentação não é a única preocupação dos naturistas. Eles também estão voltados aos cuidados com o corpo, através da prática de exercícios de ginástica e yoga, aos problemas ecológicos e ao aperfeiçoamento da mente humana. Para Camillo Scherer, adepto do regime naturalista, "o vegetariano preocupa-se com tudo que não embote os sentidos e tem a preocupação de melhorar sua qualidade de vida, buscando na ecologia e na astrologia uma complementação à sua forma de alimentar-se". (Rosane Freire)

Foto Luiz Eduardo Achutti



(*) Lugares onde se pode comer e comprar alimentos naturais:

Restaurante Aroma — Lima e Silva, 292

Bar Ocidente — João Telles, esquina Oswaldo Aranha — ao meio-dia pode-se saborear um excelente almoço natural, acompanhado de vários tipos de suco.

Cooperativa Coolméia — João Telles, 522

Padaria Pão da Terra — Dr. Timóteo, 901, 1º andar

Casa Dietética — Dr. Timóteo, 901

O Yogurt — Comércio e Representação de Produtos Dietéticos e Naturais — Marquês do Pombal, 983

Associação Macrobiótica de Porto Alegre — Marechal Floriano, 72

Zé do Pão — Produtos Integrais — Venâncio Aires, 1121

Armazém Modelo — Alimentos naturais e integrais — Protásio Alves, 1330

Lamby's — Restaurante e Lancheria — Azenha, 169

DELPHUS®

COMPLETE SUA OBRA DE ARTE
COM UMA MOLDURA
DE ALTA QUALIDADE.

A DELPHUS COLOCA A SUA DISPOSIÇÃO
A EXPERIÊNCIA E A ARTE DE SEUS PROFISSIONAIS.
CRISTÓVÃO COLOMBO, 1.103 - FONE 22.32.32 - PORTO ALEGRE — RS

DÍVIDA INTERNA

edgar vasques

UMA HISTÓRIA EQUIPADA COM RAIOS X.



GRUU OOONC



Ô ESTÔMAGO,
JÁ TE FALEI
PRA NÃO
FAZER ISSO
EM PÚBLICO!

É ATÉ UM
DESAFORO
TU RECLAMAR,
MALANDRO!

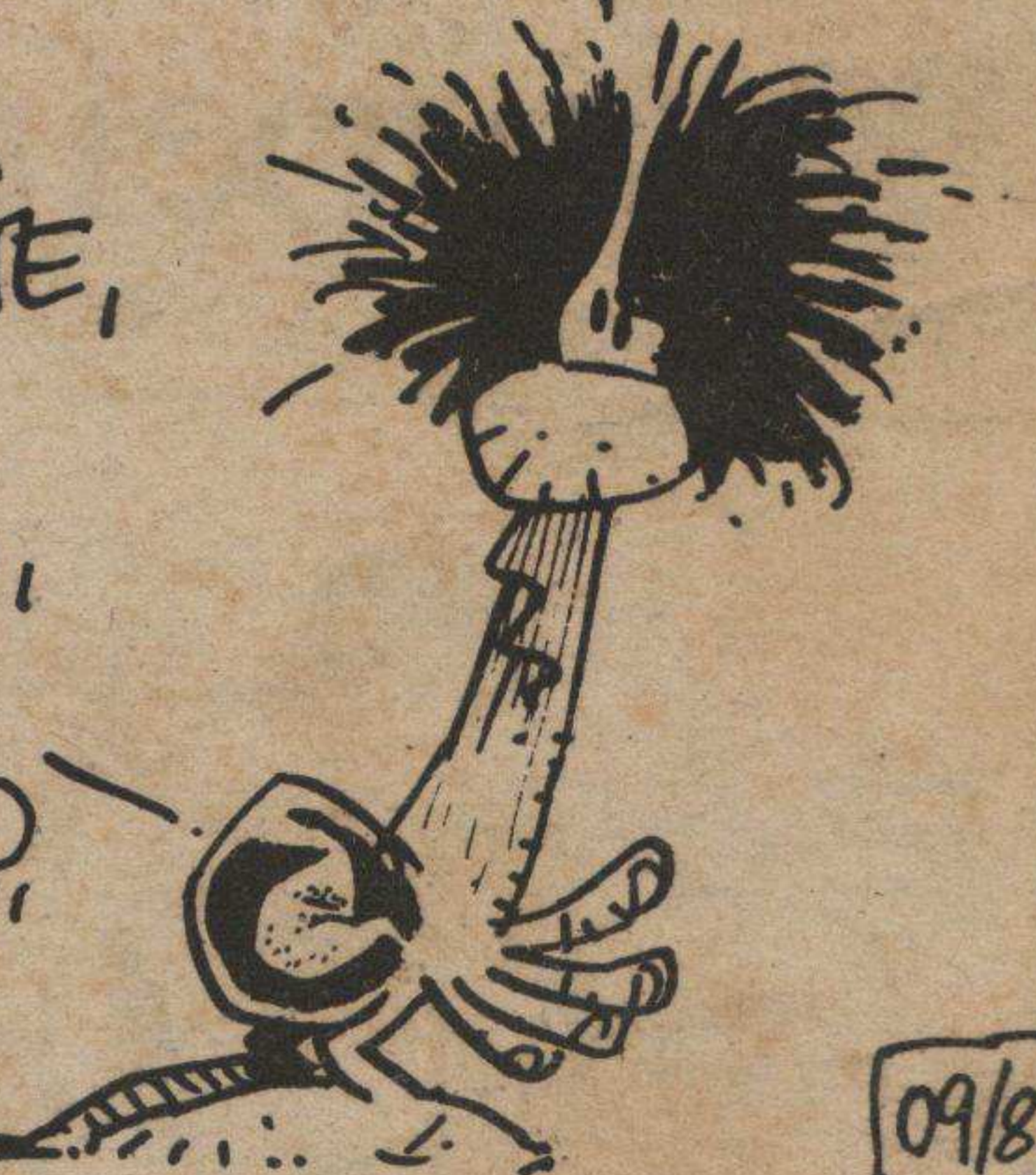


TU NÃO TÁ
VENDO AS
MINHAS POBRES
PAREDES
ROGANDO UMA
NA OUTRA !!!



MINHAS DESGRAÇADAS
PAPILAS SE
ENTREDEVORANDO
POR FALTA
DO QUE
PROCESSAR!

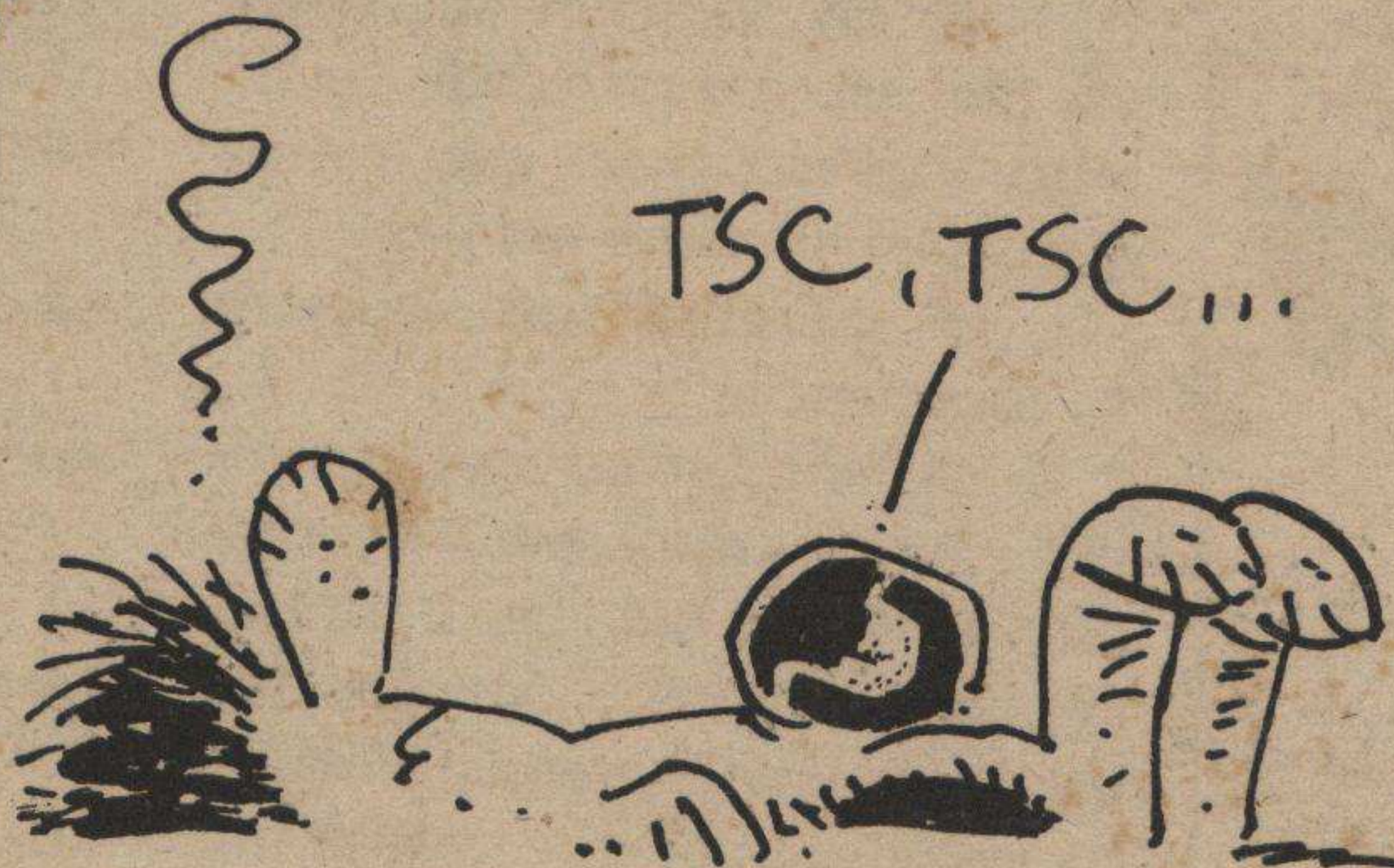
CÂIMBRAS A
CADA INSTANTE,
EU ME
ATROFIANDO,
MEUS POROS
SE FECHANDO !!!



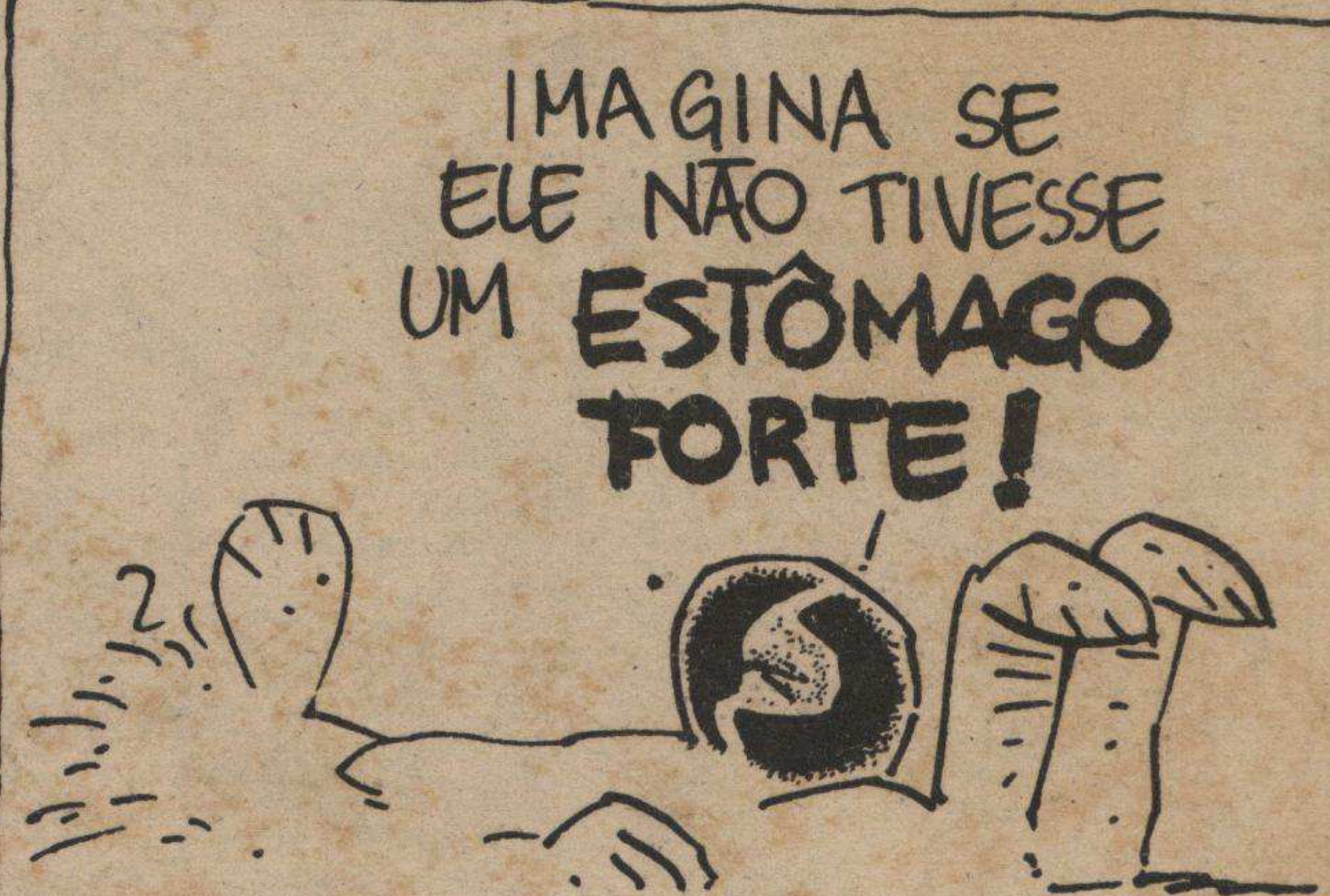
09/82



O SUCO
GÁSTRICO ME
CORROENDO
MILÍMETRO A
MILÍMETRO E...



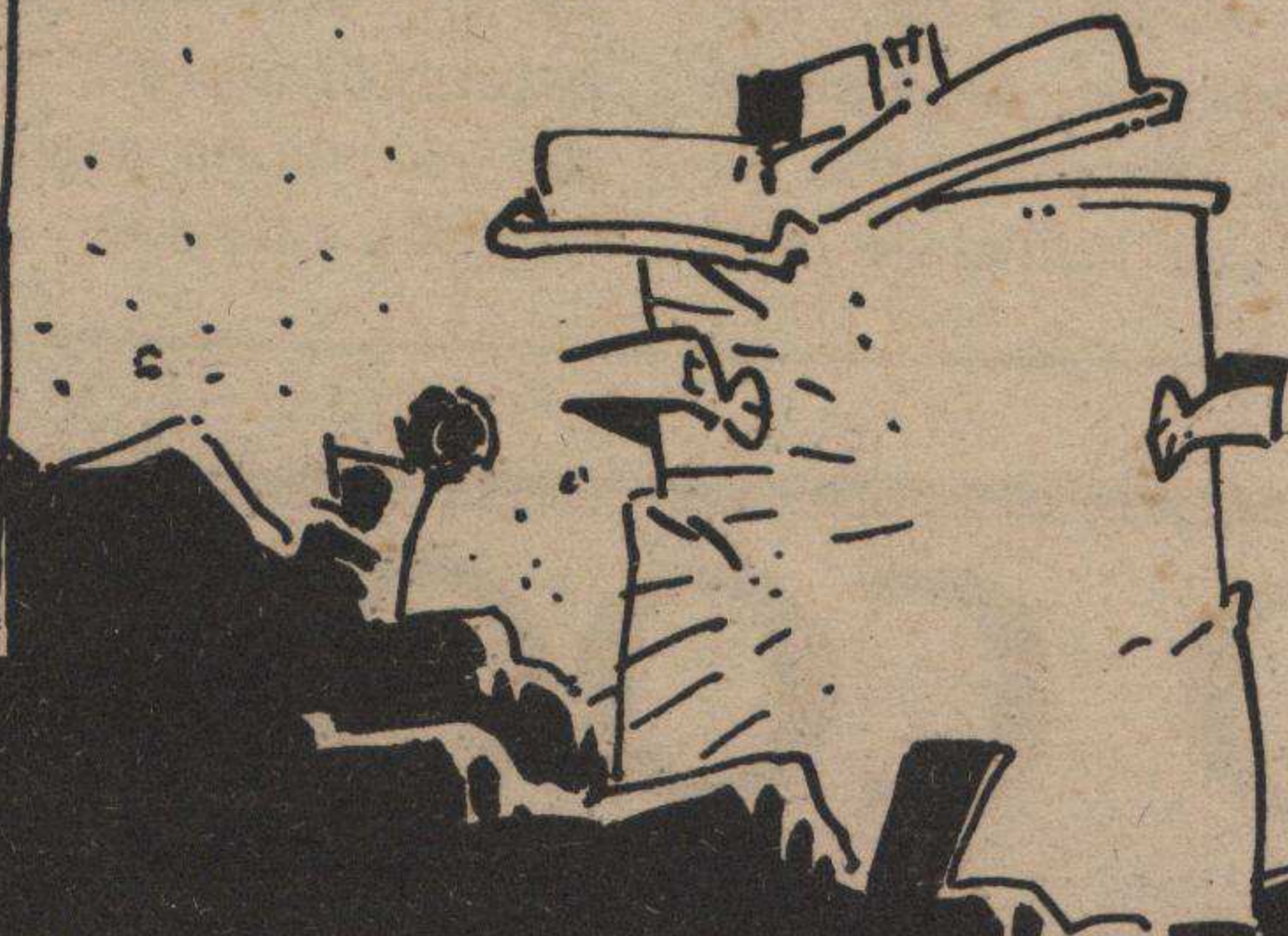
TSC, TSC...



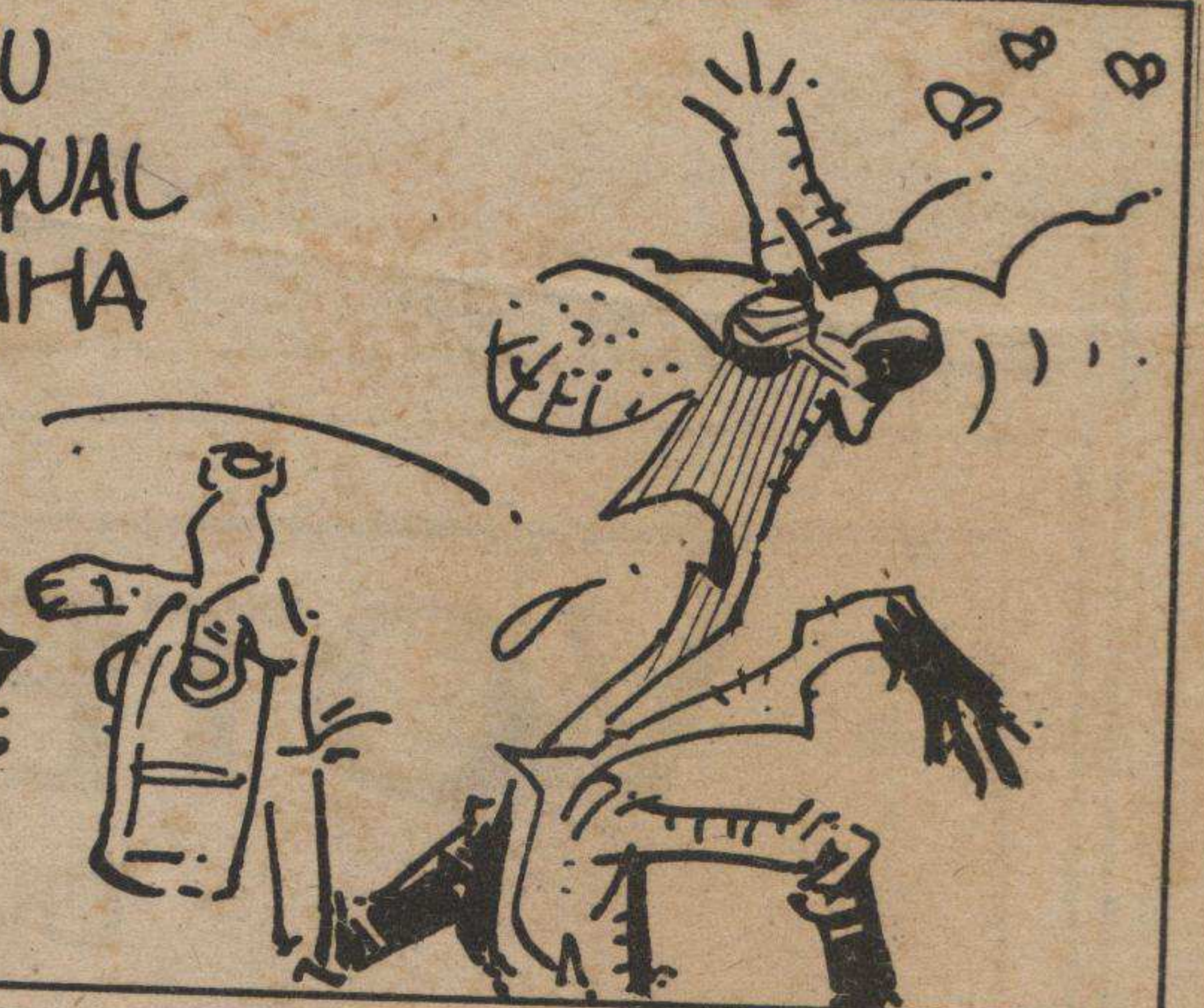
IMAGINA SE
ELE NÃO TIVESSE
UM **ESTÔMAGO
FORTE!**

UM HOMEM RETO

edgar vasques



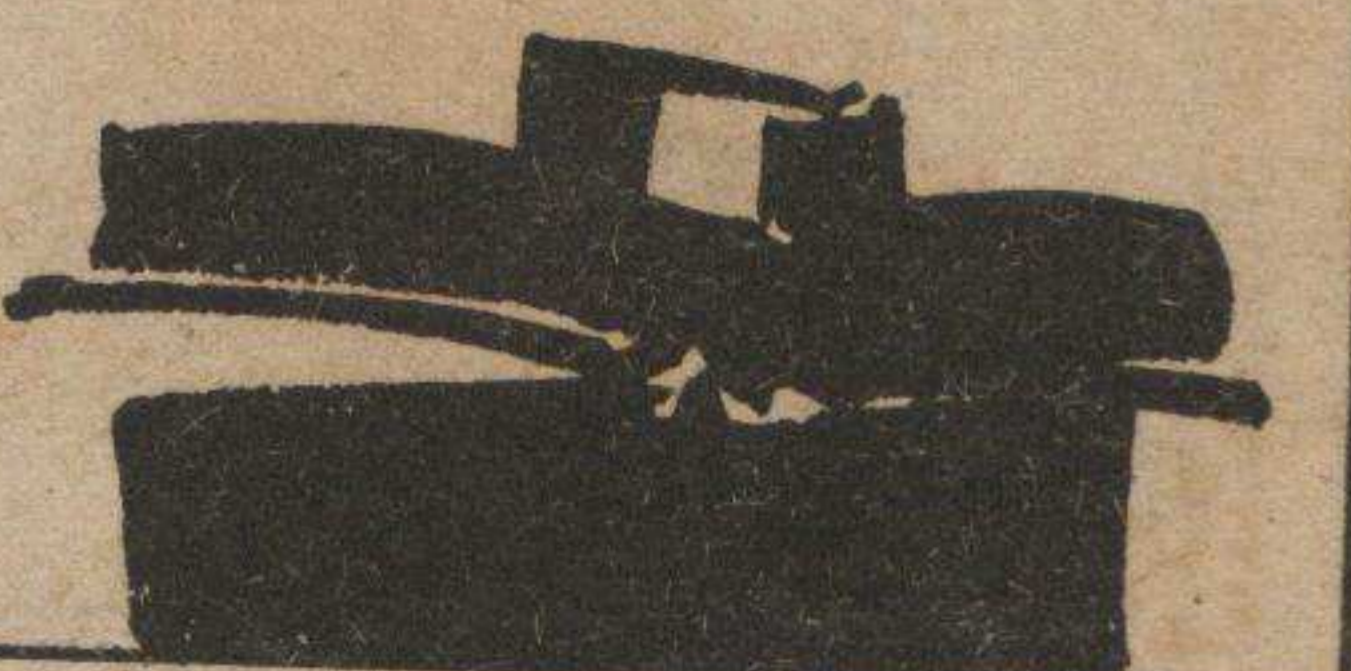
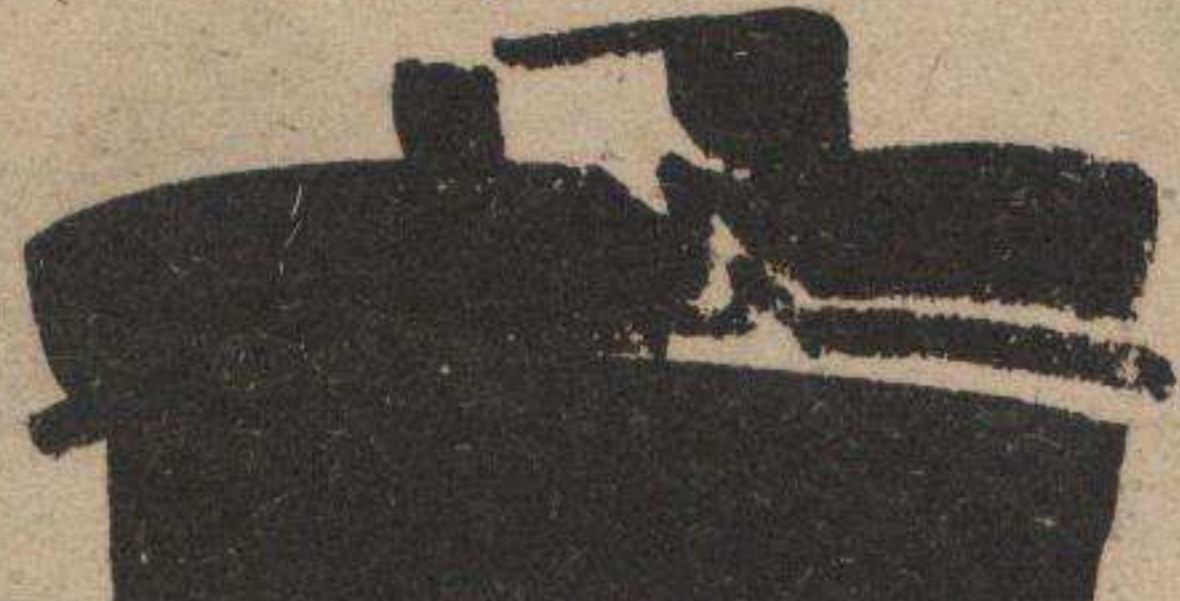
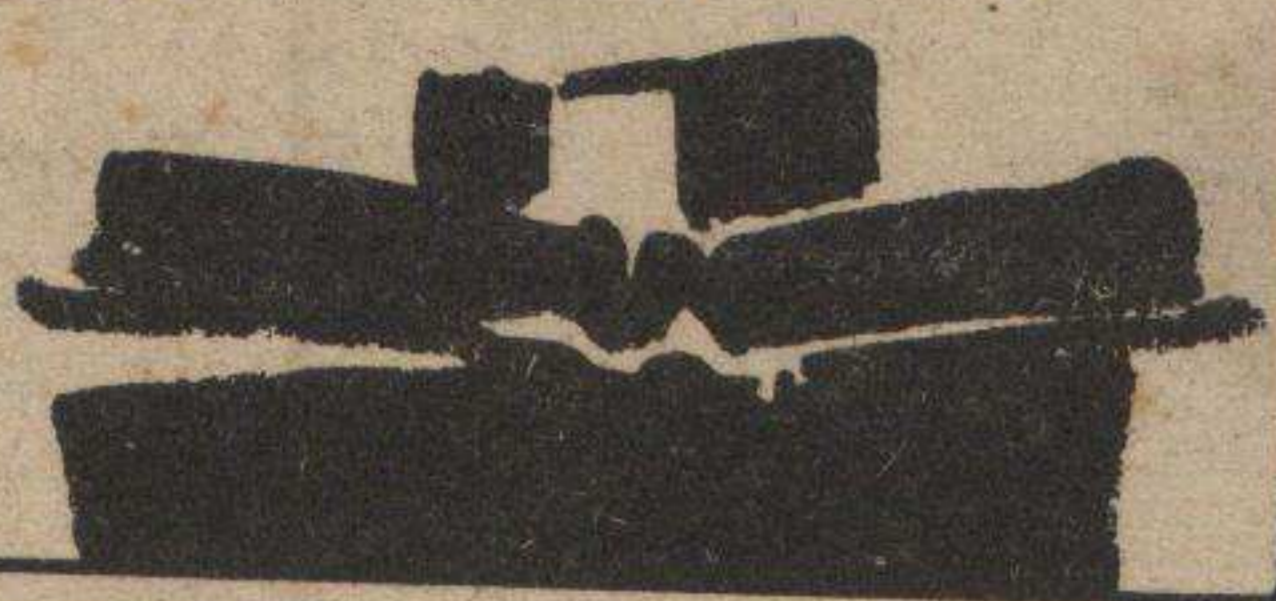
VEIO DICA, BEU
CONSELHEIRO = QUAL
DEVE SER BINHA
POSICÃO
PERANTE A
LEI FALÇÃO?



BOM,...

EM PRIMEIRO LUGAR...

SERIA IMPORTANTE...



QUE VOCÊ TENTASSE...

... MANTER-SE **DE PÉ**
NA HORA DA FOTO!



09/82